



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

IANO FLÁVIO DE SOUZA MAIA

Do Hip Hop ao ciberespaço
Interações midiáticas em jovens da periferia

NATAL
Setembro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

IANO FLÁVIO DE SOUZA MAIA

Do *Hip Hop* ao ciberespaço
Interações midiáticas em jovens da periferia

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientador: Sebastião Guilherme A. Costa
Coorientador: Juciano de Sousa Lacerda

NATAL
Setembro de 2011

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Maia, Iano Flávio de Souza.

Do *hip hop* ao ciberespaço: interações midiáticas em jovens da periferia /
Iano Flávio de Souza Maia. – 2011.

97 f. -

Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Universidade Federal do
Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa
de Pós-graduação em Estudos da Mídia, Natal, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano da Costa.

Co-orientador: Prof. Dr. Juciano de Sousa Lacerda.

1. Comunicação de massa – Guarapes, Natal (RN). 2. Hip-hop (Cultura
popular) - Guarapes, Natal (RN). 3. Juventude - Guarapes, Natal (RN). 4.
Internet. I. Costa, Sebastião Guilherme Albano da. II. Lacerda, Juciano de
Sousa. III. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. IV. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 659.3(813.2)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA
MESTRADO EM ESTUDOS DA MÍDIA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DA MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS

IANO FLÁVIO DE SOUZA MAIA

Do Hip Hop ao ciberespaço
Interações midiáticas em jovens da periferia

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, na linha de pesquisa Estudos da Mídia e Práticas Sociais.

Orientador: Sebastião Guilherme A. Costa
Coorientador: Juciano de Sousa Lacerda

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Guilherme Albano da Costa

Orientador

Profa. Dra. Kenia Beatriz Ferreira Maia

Examinadora Interna

Profa. Dra. Deisimer Gorczewski

Examinadora Externa

Profa. Dra. Maria do Socorro Furtado Veloso

Examinadora Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, caso exista, pela paciência em ouvir tantas preces pelo fim deste trabalho;

A Santo Expedito, na mesma condição de existência, a quem devo parte do meu primeiro salário de mestre;

A minha mãe, Linete, que mobilizou a todos eles e a muitos outros, e que com muito amor e pouca paciência me incentivou a chegar até aqui;

Ao meu pai, Cipriano, que sempre me ensinou a nunca estar satisfeito, sempre tentar novas conquistas e não esperar pelas intervenções sobrenaturais;

Aos dois, que com suas trajetórias de vida descobriram na educação a chave para a transformação e não mediram esforços para garantir que seus filhos conquistassem esse poder;

Por falar neles, aos meus irmãos e irmãs: Ludmila, pelas broncas via skype; Vinícius, pelo estímulo em poucas palavras; Nuara, por compartilhar comigo as ansiedades no cumprimento dos prazos – entramos e vamos sair juntos no mestrado; Leon, pela força de vontade inspiradora;

A Gorete, que me alimentava com vitamina de banana todos os dias e me acalmava com chá de erva-doce nas horas difíceis;

Ao ND do PPGEM (Agda, Luciane e Theresa), nada disso seria possível sem nossa cumplicidade – e eu, que ia ser o primeiro, acabei ficando por último;

Aos jovens da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia, que nos receberam de braços abertos e, mesmo quando as coisas estavam mais difíceis, guardavam tempo e paciência para responder a tantas perguntas;

Aos Professores que fazem o PPGEM acontecer, especialmente Kenia – por todos os momentos, da entrevista na seleção à banca de defesa, com muitas passagens pelo cafezinho da Adurn – e Josimey – pela contribuição acadêmica, pelos convites à reflexão nas aulas, nos bares ou mesmo quando a aula foi num bar, e que ainda por cima era minha chefe na Comunica;

A Sebastião Albano, pela compreensão, paciência e pelos questionamentos que faziam meu trabalho avançar;

A Juciano Lacerda, um amigo, antes de coorientador, que estimulou a pesquisa de campo com metodologias e experiências, e com tapas nas costas que me empurravam ao diálogo do teórico com o empírico;

Aos colegas de trabalho na TVU (Cris, Yuri, Vânia, Gorete e também os bolsistas Sérgio, Maria, Manu e Hugo), que aturavam meu mau humor quando as noites eram curtas e seguravam as pontas quando as noites eram extintas;

E a todos os outros que não couberam nesta página, mas que compartilharam comigo, de alguma forma, esse fantástico processo de formação;

RESUMO

Do Hip Hop ao ciberespaço

Interações midiáticas em jovens da periferia

No bairro do Guarapes, zona oeste de Natal, RN, um grupo de jovens se organizou em busca da paz em sua vizinhança. A cultura *hip hop* foi o meio encontrado para contar suas histórias e atuar no fortalecimento da seu próprio lugar. Formaram a Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia (PH2LM) e há cerca de dois anos, instalaram a "Bodega Digital", uma espécie de telecentro que fornecia acesso aos computadores e à internet, onde puderam produzir muita música, além do primeiro videoclipe do grupo, que está no ar na internet. Em um bairro periférico, os processos de midiaticização da sociedade podem adquirir dinâmicas próprias e traçar movimentos que vão além das barreiras impostas pelo contraditório processo de globalização. Nesta pesquisa, buscamos traçar relações entre a ação político cultural dos jovens da Posse e sua participação nos espaços midiáticos, especialmente na internet. Através da observação do cotidiano do grupo e da realização de entrevistas episódicas com alguns dos seus membros, mapeamos e interpretamos os movimentos que os jovens fazem da rua ao ciberespaço e na via inversa, como trazem à rua o que conquistam por lá. Descobrimos que, apesar de todas as barreiras, esses jovens encontram brechas e se aproveitam delas para garantir seu acesso às mídias e sua participação no ciberespaço.

Palavras-chave: **Comunicação; Juventudes; hip hop; Internet; Periferia.**

RESUMEN

Del Hip Hop al Ciberespacio

Interacciones mediáticas em jóvenes de la periferia

En el barrio de Guarapes, al oeste de Natal, RN, un grupo de jóvenes se organizó para buscar de paz en su vecindario. Encontraron en la cultura *hip hop* una forma de contar sus historias y trabajar en el fortalecimiento de su propio lugar. Formaron la "Posse de Hip Hop Lelo Melodia" (PH2LM) y hace cerca de dos años, instalaron la "Bodega Digital", una especie de telecentro que ofrecía acceso a computadoras e Internet, donde pudieron producir una gran cantidad de música, además del primer video del grupo musical, que está en el aire a través de la Internet. En un suburbio, los procesos de mediatización de la sociedad pueden adquirir su propia dinámica y seguir movimientos que van más allá de las barreras impuestas por el proceso contradictorio de la globalización. En esta investigación, se buscó establecer relaciones entre la acción político-cultural de los jóvenes de la "Posse" y su participación en los medios de comunicación, especialmente en la Internet. Al observar al grupo y en entrevistas episódicas con sus miembros, trazamos un mapa e interpretamos los movimientos de los jóvenes hacia el ciberespacio y en sentido inverso, cómo traen a la calle lo que conquistan allí. Hemos encontrado que, a pesar de todos los obstáculos, estos jóvenes encuentran vacíos y los aprovechan para asegurar su acceso a los medios de comunicación y su participación en el ciberespacio.

Palabras-clave: **Comunicación, Juventud, hip hop, Internet, Periferia.**

ABSTRACT

From Hip Hop to cyberspace

Media interactions on youth at periphery

In the district of Guarapes, west of Natal, RN, an organized group of young people have been looking for peace in their neighborhood. They met the *hip hop* culture as a mean to tell their stories and work on strengthening their own place. They have formed the "Posse de Hip Hop Lelo Melodia" (PH2LM) and about two years ago, installed the "Bodega Digital", a kind of telecentre that provides access to computers and the Internet, where they could produce a lot of music, besides the group's first music video clip, which is available on the Internet. In a suburb, the mediatization processes in the society may acquire its own dynamics and trace movements that go beyond the barriers imposed by the contradictory process of globalization. This research aims to draw relations between the action of the political-cultural youth at Posse and their participation in the media, especially on the Internet. By observing the everyday actions of this group and with episodic interviews with some of its members, we have mapped and interpreted the movements that young people do from the streets to cyberspace and, in the other hand, as they bring to the streets what they get there. We found that, despite all the obstacles, these young people find loopholes and take advantage of them to ensure their access to media and their participation in cyberspace.

Keywords: **Communication, Youth, hip hop, Internet, Suburbs.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
A Construção da Pesquisa.....	15
Rumos Metodológicos.....	18
1 COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE.....	25
1.1 Aproximações.....	25
1.2 A Mídiatização do dia a dia.....	33
1.3 O Bairro do dia a dia.....	36
1.4 Sociedade Global?.....	38
1.5 A Globalização da Comunicação.....	41
2 CIBERCULTURA, CIDADANIA E JUVENTUDE.....	45
2.1 Cidadãos Comunicadores.....	45
2.2 As redes e a Cibercultura.....	49
2.3 Juventude, Mídia e Cotidiano.....	53
2.4 A mídia de cada um.....	57
3 MÍDIA E COTIDIANO NO GUARAPES.....	68
3.1 A vida depois da internet.....	68
3.2 Barreiras e brechas no ciberespaço.....	73
3.3 Da TV manipulada ao Google – portal para a internet “livre”?.....	76
3.4 Eu, produtor da mídia?.....	79
3.5 A Posse e o Ciberespaço.....	82
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

introdução

INTRODUÇÃO

A história desta pesquisa começa no encontro de um jovem de classe média, pós-graduado, frequentador do ciberespaço desde os 16 anos de idade em seu computador pessoal, com um grupo de jovens do bairro do Guarapes, periferia oeste de Natal e que precisam lutar, diariamente, para conquistar muitos direitos, inclusive o de comunicar-se e conectar-se à internet. Jovens, cujas histórias foram marcadas pelo contexto de marginalidade e pelo estigma da violência¹ que assola o bairro onde passaram suas infâncias e adolescência.

Os jovens se livraram da violência e da criminalidade e seguiram em busca de cidadania. Formaram grupos, produziram música, dança, arte e se organizaram para conquistar seus direitos. Um certo dia de 2005, resolveram se unir e tomaram posse do seu mundo. Estava criada a Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia (PH2LM ou Posse) – em homenagem ao militante da cultura *hip hop*, morto em 2003. Os jovens da PH2LM no Guarapes fazem os seus “corres”² em busca, principalmente, de um “mundo melhor”. Mundo que, para eles, começa no próprio bairro. Em grupo, os jovens se mobilizaram em torno de muitas questões, como a promoção da cultura, a questão de gênero e o fim da violência contra a mulher, além do direito à comunicação.

E foi em busca de conexão e comunicação que a PH2LM fundou um telecentro em 2007 para atender não apenas os participantes do grupo, mas também toda a comunidade. Sem condições de manutenção, o telecentro fechou em 2009, quando o grupo já havia conseguido financiamento para um Ponto de Cultura, a “Bodega Digital”. Além da conexão à internet, o novo espaço, mais amplo, teria também equipamentos de produção musical e audiovisual.

A cultura *hip hop*, surgida nos subúrbios negros das grandes cidades americanas nos anos 1970 e que teve reflexos no Brasil nos anos 1990, foi a válvula de escape dos jovens do Guarapes. O *hip hop* reúne manifestações artísticas dos Mcs (eme-cis), que improvisam rimas para animar festas junto com os Djs (Di-jeis), responsáveis pelas batidas e pela musicalidade da poesia. Com todo esse som, aos participantes da festa lhes resta dançar o break para dissipar a energia. Completa o movimento, o grafite, expressão visual do *hip hop*,

¹ Segundo depoimentos dos moradores, há dez anos, o bairro viveu um pico de criminalidade. Hoje, eles próprios consideram o bairro tranquilo, mas continuam carregando o estigma da violência pelo resto da cidade. Hoje, são eles os violentados e desrespeitados pelo preconceito da população natalense, que pouco ou nada conhece sobre o Guarapes.

² Modo como os jovens do grupo se referem às suas ações no “corre-corre” cotidiano, seja no trabalho, na escola ou nas atividades da PH2LM.

que colore muros, paredes e equipamentos urbanos, mas que começa a ganhar espaço em galerias de arte e museus.

A inspiração para as crianças e adolescentes do Guarapes – que anos depois formariam a Posse – veio de grupos como os Racionais Mcs, originário da periferia paulistana e que ganharam espaço na mídia nacionalmente. As letras usam a linguagem da periferia para falar de assuntos como crime, pobreza, preconceito social e racial, drogas e consciência política, temas caros aos moradores do bairro do Guarapes. Integrados ao Movimento *hip hop* Organizado do Brasil (MHHOB), os jovens da PH2LM já desenvolveram uma série de ações no próprio bairro e garantem que conquistaram a confiança da comunidade – deixaram de criar problemas e passaram a fazer coisas sérias.

Situado na zona oeste de Natal, o bairro do Guarapes está no alto das dunas às margens do Rio Jundiá e é, literalmente, o último bairro de Natal antes do limite da cidade com os municípios de Macaíba, Parnamirim e São Gonçalo do Amarante. A história do lugar guarda momentos de riqueza, quando abrigou um porto, que dinamizou o comércio da região no século 19, mas não resistiu à chegada das estradas de ferro e à concorrência com outros centros comerciais. Só em 1964, surge um loteamento na região, regularizado nos anos 1990 (NATAL, 2009). Transformado em bairro em 1993, o Guarapes foi formado pela transferência de moradores retirados de favelas da zona oeste para loteamentos de programas governamentais.

Atualmente, residem no bairro 10,2 mil pessoas em 3,2 mil domicílios. Sendo que 54,4% da população é de crianças e jovens com até 24 anos. Os dados do censo 2010, do IBGE, apontam que o Guarapes está na região com maior crescimento populacional da cidade. População que cresce e não vê investimentos em saneamento básico, escolas de ensino médio e profissionalizante, carência nos serviços de transporte público, saúde, segurança pública e, finalmente, de equipamentos de lazer e cultura, situação que se mantém inalterada há anos, segundo dados da própria prefeitura (NATAL, 2009; Tribuna, 2011; IBGE, 2011).

O novo endereço da “Bodega Digital” fica em um imóvel cedido pela organização não-governamental Casa Renascer no próprio bairro do Guarapes. Os cômodos desistiram de sua função original. Na cozinha, o computador guarda ferramentas digitais e o acervo de produções musicais dos diversos grupos que utilizam o espaço para ensaios e gravações. Em um dos quartos, instrumentos musicais guardam silêncio enquanto esperam o próximo ensaio. Nos fundos, um espelho observa um pequeno salão aberto onde crianças e jovens aprendem novos passos da dança do break. Na casa, ainda há uma câmera e equipamentos para a produção de vídeos.

Apesar de pequena, a casa representou uma grande conquista para a Posse. Resolveram o problema do aluguel, que não podiam pagar, mas ganharam um outro que ainda não puderam resolver. Graças à mudança de endereço, no quintal da casa, jogada ao chão, sob sol e chuva, uma antena de conexão à internet do programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac), do Ministério das Comunicações, aguarda os trâmites para a reconexão dos jovens. Solução que ainda não tem prazo para chegar.

A inclusão digital de comunidades carentes tem ocupado, cada vez mais, lugar privilegiado no discurso político do poder público e de entidades não governamentais, o que tem se convertido em ações pulverizadas por todo o país. O acesso à rede mundial de computadores passou a ser uma questão indispensável à cidadania. Em 2010, o Governo Federal anunciou o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) com o objetivo de expandir a infraestrutura de rede e popularizar o acesso à internet. Durante o lançamento do plano, o então ministro do planejamento e atual titular da pasta das comunicações, Paulo Bernardo, chegou a dizer que “as pessoas *têm que ter* acesso à [internet em] banda larga” (Observatório, 2010).

Para melhor compreensão do processo da pesquisa, consideramos importante apresentar sucintamente uma problemática e as linhas de abordagem que adotamos. Antes disso, no entanto, é fundamental conhecer como a internet participa do cotidiano dos brasileiros, mesmo com as alterações no PNBL que, inicialmente, pretendia dotar o país com infraestrutura de internet em banda larga para incluir a população mesmo nas áreas menos lucrativas, mas que tem se reduzido à oferta de pacotes econômicos de internet em banda larga pelas operadoras de telefonia para o acesso individual de algumas famílias que puderem pagar pelo acesso nas cidades selecionadas.

Levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) apontava para a existência de cerca de 21 mil telecentros em todo o país por iniciativa de 153 programas de inclusão digital. A região Nordeste tinha 7,7 mil pontos de inclusão digital e o Rio Grande do Norte, 562 (IBICT, 2009). Esses dados não foram atualizados e algumas pesquisas realizadas sobre o setor apontam números bastante divergentes.

Por outro lado, o Comitê para Democratização da Informática aposta que o país possua cerca de 107 mil lan houses. Segundo dados da entidade, 45% dos acessos à internet no Brasil são feitos através desses centros pagos. O público estimado desses estabelecimentos é composto, em sua maioria, por jovens entre 14 e 24 anos, que possuem renda mensal inferior a R\$ 1200 e gastam, em média, R\$ 2,00 por hora de uso da conexão (Observatório, 2011a).

É inegável, no entanto, que o acesso às tecnologias pode catalisar processos de transformação de perspectivas e de melhoria da qualidade de vida. Nesse sentido, ainda há muito o que ser feito. A Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação realizada em 2010 (CGI.br, 2011) aponta para uma forte desigualdade no acesso aos computadores e à internet no Brasil. Enquanto a televisão está presente em 99% dos domicílios pesquisados, o computador de mesa chega a apenas 35% dos lares e a internet a 27% deles, ainda que 41% dos entrevistados tenha usado a rede mundial pelo menos uma vez nos três meses anteriores à pesquisa.

Em 2009, pela primeira vez, o percentual de brasileiros que acessou a internet em casa (48%) foi maior dos que utilizaram centros públicos de acesso pago – as *lan houses* (45%). Mesmo assim, quando somamos os usuários de *lan houses* e telecentros, o percentual chegava aos 49%. As *lan houses* deixaram de ser o principal local de uso da rede. Por outro lado, os centros públicos que oferecem acesso gratuito – os telecentros – só conseguiam atender 4% da população conectada (CGI.br, 2010, p. 244).

Bem se vê que o alcance dos telecentros públicos ainda é limitado. Mas esse é somente um dos problemas que esse conjunto de iniciativas precisaria enfrentar. Segundo Tauk Santos (2009, p. 29), o objetivo explícito das ações de inclusão digital é o combate à exclusão social, mas na prática limitam-se a fornecer o acesso à internet e não garantem as condições de uso da tecnologia para aquisição de conhecimentos e transformação social. O que é um problema para muitos cidadãos, parece ter se resolvido para os jovens.

Munidos de seus celulares pré-pagos, aparelhos de música portátil e de algum dinheiro para o pagamento do uso da *lan house* onde não há telecentro público – ou onde os telecentros censuram o acesso livre a determinados conteúdos – os jovens transitam de casa para a rua, da rua à internet e são capazes de apreender o mundo em modo multitarefa, simultâneo e veloz, ritmo adotado pelas novas mídias em busca de seguidores.

O receptor de uma hipermídia ou usuário [...] coloca em ação mecanismos, ou melhor, habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso como um livro. Por outro lado, são habilidades também distintas daquelas empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão. Essas habilidades de leitura multimídia ainda mais se acentuam quando a hipermídia migra do suporte CD-Rom para transitar nas potencialmente infinitas infovias do ciberespaço (SANTAELLA, 2004, p. 11).

Essa relação dos jovens com a internet vem sendo abordada a partir de diversas perspectivas em diversos campos de conhecimento. Da antropologia à educação, busca-se perceber como esse público interage com a rede e em rede, além dos reflexos que essa interação teria em sua relação com a escola, a família, a comunidade. Do ponto de vista da comunicação, a relação dos jovens com a internet apresenta ainda uma multiplicidade de

abordagens possíveis: os usos, a recepção, as práticas de consumo de mídia, a interação com outras mídias ou com suas práticas sociais e culturais cotidianas – esta última abordagem será privilegiada neste trabalho.

A internet tem um caráter midiático diferenciado, pois permite que seus usuários – os internautas –, além de consumir o conteúdo disponível na rede da forma que melhor lhes convier, têm a possibilidade cada vez maior de produzir e disponibilizar seu próprio conteúdo para outros internautas através de blogs, redes sociais, fotos e vídeos. Tal capacidade midiática tem sido largamente explorada pelos jovens, para desespero de educadores e gestores de programas de Inclusão Digital. A produção midiática ou a interação em redes sociais são, na maior parte das vezes, consideradas improdutivas, desestimuladas ou mesmo proibidas em centros de acesso público e escolas.

Os jovens da PH2LM passaram por esse processo de forma diferenciada, já que foram eles mesmos que atuaram pela implantação de um telecentro na comunidade. Sendo eles próprios responsáveis pela sua conexão à internet, puderam explorar as potencialidades de produção midiática da rede em articulação com sua produção cultural no movimento *hip hop* e resolveram adotar uma nova vocação para o equipamento: não bastava o acesso à internet, era preciso produzir conteúdo.

Com essa peculiaridade do grupo, a internet pode, potencialmente, assumir um papel diferenciado, pois não seria apenas uma ferramenta de entretenimento, mas uma ferramenta de trabalho para a produção cultural dos jovens. Além do mais, a própria natureza do grupo o torna fundamentalmente midiático. O contato dos jovens com a cultura *hip hop* foi, claramente, mediado pela TV ou pelo rádio e potencializado pelas tecnologias digitais como os Cds e tocadores de MP3. A multimídia da internet torna esse processo mais imediato e menos mediado, uma vez que o internauta pode – ainda que nem sempre consiga – diminuir o número de intermediários até chegar ao conteúdo que lhe interessa ou que não teria acesso através da mídia tradicional.

Mesmo na periferia da cidade, do país e do planeta, precisamos reconhecer que a

mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência (SILVERSTONE, 2002, p. 12)

A experiência midiaticizada, o compartilhamento de uma informação, a participação em um espaço virtual podem transformar a compreensão dos jovens sobre o(s) espaço(s) real(is) onde circulam, além de trazer novos elementos para a constituição de identidades alternativas às disponíveis em seu espaço real ou mesmo reforçar elementos identitários

locais. Esse movimento aponta para a ideia de que “o processo de globalização que agora vivemos [...] é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da diferença e de exposição constante de cada cultura às outras, de minha identidade àquela do outro” (Martin-Barbero, 2004a, p. 60).

Certamente, as promessas e possibilidades da conexão às redes globais de informação e conhecimento não se concretizam plenamente no Guarapes. O bairro possui um telecentro público, mas o foco principal é na qualificação profissional e o tempo de acesso à internet limitado. Nas *lan houses* do bairro, o limite fica por conta de quanto dinheiro há disponível para o uso. Além disso, a conexão lenta, quando compartilhada por muitos usuários, torna o investimento ainda mais desinteressante. Uma vez conectado, também são muitos os bloqueios, alguns deles invisíveis, outros bastante sutis, que limitam as possibilidades do ciberespaço.

Mesmo assim, o movimento de construção e reconstrução das identidades e dos espaços reais e virtuais nos aponta para outro elemento importante na pesquisa: o elemento político da atuação juvenil no grupo do Guarapes. Elemento que surge simultaneamente ao caráter cultural do grupo e que pode ganhar reflexos nos movimentos virtuais dos jovens.

A Construção da Pesquisa

É nesse contexto que apontamos a questão maior desta pesquisa. A partir da “Bodega Digital”, buscamos compreender como os jovens da Posse se relacionam com a internet em seus elementos midiáticos, por conseguinte, identificar como esse relacionamento se reflete nas práticas midiáticas cotidianas e na produção cultural do *hip hop*, seja na música, dança ou grafite.

Por práticas midiáticas cotidianas, compreenderemos os usos que os jovens do grupo fazem, de forma individual ou coletiva, das mídias presentes no seu dia a dia. Sejam os meios de comunicação tradicionais, como o rádio e a televisão, sejam os usos midiáticos da internet, ou mesmo os usos relacionados à mídia, como o consumo de música e filmes em Cds e DVDs.

Questionamos o que esses jovens levam da rua ao ciberespaço e, na via inversa, como trazem à rua o que conquistam por lá. Pois, como bem lembrado por Canclini, “as redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado a distância, ou, talvez imaginá-lo” (CANCLINI, 2008, p. 54).

Buscamos redescobrir o que mudou nos modos da juventude. E mais ainda, qual foi a extensão dessas mudanças em um contexto de marginalização e exclusão em que vivem populações inteiras nas periferias das cidades, dos países, da economia e mesmo dos

direitos fundamentais. Tal compreensão é essencial para que se pensem e executem políticas públicas que dialoguem efetivamente com a realidade e façam frente às necessidades concretas dos cidadãos.

A partir deste panorama, são propostas, para o campo da comunicação,

duas desterritorializadoras e desconcertantes perguntas: Como pudemos passar tanto tempo tentando compreender o sentido das mudanças na comunicação, inclusive as que passam pelas mídias, sem referi-las às transformações do tecido coletivo, à reorganização das formas do habitat, do trabalhar e do brincar? E como poderemos transformar o 'sistema de comunicação' sem assumir sua espessura cultural e sem que as políticas procurem ativar a competência comunicativa e a experiência criativa das pessoas, isto é, seu reconhecimento como sujeitos sociais? (Martin-Barbero, 2004b, p. 228).

A partir dessas perguntas, surgem algumas inquietações que nos trouxeram à esta pesquisa: não poderemos entender os movimentos da juventude midiaticizada se somente buscarmos as respostas na própria mídia. Por outro lado, também não podemos assumir discursos paternalistas que neguem a capacidade cidadã da população da periferia e por isso realizamos algumas escolhas teóricas apontadas a seguir.

A primeira delas diz respeito ao modo como posicionaremos o conceito de comunicação na compreensão do fenômeno midiático. Atualmente, a comunicação deixou de ser assunto exclusivo da cultura, pois a economia e a política estão diretamente envolvidas no que se produz:

É aquilo que, ambígua mas certamente, dizem expressões como 'sociedade da informação' ou 'cultura política'; e de um modo ainda mais obscuro, mas também certo, é o que conta a experiência cotidiana das desarraigadas populações de nossas cidades (Martin-Barbero, 2004b, p. 228).

Deste modo, quando olhamos para a ação dos jovens do Guarapes em busca da sua midiaticização, tentamos não perder de vista as relações políticas e culturais, locais e globais envolvidas no nosso contexto específico, ou a perspectiva anunciada por Sodré (2009, p. 21) de que a sociedade contemporânea seria regida pela midiaticização, uma tendência à virtualização das relações humanas graças à articulação entre as pautas individuais e as tecnologias da informação.

Além das vinculações políticas e culturais, a nossa observação da relação entre os processos midiáticos e as tecnologias da comunicação deve considerar a produção social da técnica e escapar da armadilha preparada pelas ideologias tecnicistas e apontada por Sodré, quando ocultam a dimensão societal comprometida com uma hegemonia específica e deixam visível apenas o aspecto técnico do dispositivo midiático como parte da estratégica articulação entre democracia e mercadoria (Sodré, 2009, p. 22).

A partir desses elementos, traçamos os rumos da nossa pesquisa de campo em busca da relação entre a participação dos jovens no espaço midiático e virtual da internet e a sua produção político-cultural no movimento do *hip hop*. Partimos ao encontro dos jovens da PH2LM no ciberespaço. Perguntamo-nos o que fariam e como participariam da Internet, se atuariam de forma individual ou em rede, se assumiriam um papel de expectador ou atuariam na produção de conteúdo na rede. Para isso, é necessário o conhecimento do cotidiano midiático desses jovens, que permite perceber o lugar ocupado pela internet em relação às diversas outras mídias que o povoam.

Foi preciso descobrir como surgiu a internet e o ciberespaço na vida desses jovens e como cada um deles construiu um conceito, uma ideia sobre esse meio de comunicação. Aqui, buscamos conectar à ideia que produzem sobre a rede, a história de cada jovem com a internet e tentamos compreender como isso se reflete nos usos que fazem dela e dos bloqueios que sofrem e que burlam para conquistá-la.

A terceira abordagem ao nosso objeto se dá a partir da atuação dos jovens no movimento *hip hop* em seus "mundos reais", a partir de seu cotidiano na comunidade ou em seus universos urbanos de ocupação (ou des-ocupação), educação (ou a falta de acesso a ela) e lazer/cultura (ou carência deles). Buscamos os elementos trazidos da internet para esses contextos e como eles influenciam a produção cultural do grupo.

Optamos, finalmente, por uma pesquisa com coordenadas precisas que nos garantam um ponto de observação a partir do qual analisaremos um cenário geral, o panorama global das políticas públicas de comunicação. Políticas cujas propostas, por mais globalizantes que sejam, se materializam somente no plano local, no cotidiano. Além do mais,

A pesquisa na mídia muitas vezes preferiu o significativo, o evento, a crise, como fundamento de sua investigação [...] Isso tudo é relevante, pois sabemos, desde Freud, o quanto a investigação do patológico, ou mesmo do exagerado, revela sobre o normal. Mas uma atenção contínua ao excepcional provoca interpretações errôneas inevitáveis. Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro (SILVERSTONE, 2002, p. 20).

A seguir, apresentamos um quadro sintético das questões e objetivos desta pesquisa. Conforme observaremos em seguida, cada um dos objetivos específicos foi articulado a uma de suas abordagens metodológicas.

OBJETIVO GERAL Buscar a relação entre a participação dos jovens no espaço midiático e virtual da internet e sua produção político-cultural no movimento do <i>Hip Hop</i> .	PERGUNTA DE PARTIDA Quais as especificidades dos usos da internet construídas no contexto dos jovens participantes da PH2LM e seus reflexos em suas práticas midiáticas cotidianas e em sua produção cultural no <i>Hip Hop</i> ?
Objetivos Específicos	Questões Derivadas
Conhecer o cotidiano midiático dos jovens da PH2LM, com ênfase no ciberespaço, e sua atuação enquanto espectadores/produtores.	1. O que os jovens da PH2LM fazem com ou como participam do ciberespaço? Assumem o papel de produtores ou apenas permanecem espectadores? Atuam isolados ou em rede?
Compreender a relação entre a concepção de internet construída pelos jovens e o uso que fazem dela.	2. Como os jovens da PH2LM conceituam a internet e como isso se relaciona ao uso que fazem dela?
Buscar no cotidiano dos jovens, individualmente ou em grupo na PH2LM, as influências das interações midiáticas, especialmente, as ciberespaciais.	3. Como a internet participa do cotidiano do movimento cultural dos jovens da PH2LM? Potencializam sua atuação político-cultural no ciberespaço?

Rumos Metodológicos

A articulação coerente dos objetivos deste trabalho e sua tradução em metodologias de pesquisa não seguiram caminhos fáceis. Nosso primeiro passo foi desvendar o cenário. No campo da comunicação, não podemos esquecer, entretanto, o papel central que devem assumir os processos midiáticos. Martin-Barbero (2004a) nos ajuda a localizar a comunicação midiática globalizada em um cenário de transformações culturais. Para ele,

A comunicação midiática aparece, portanto, como parte das desterritorializações e realocalizações que acarretam as migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana; do campo de tensões entre tradição e inovação, entre a grande arte e as culturas dos povos; do espaço em que se redefine o alcance do público e o sentido da democracia (2004, p. 64)

A partir dessa proposição foi possível selecionar os elementos sobre os quais nos aprofundamos no Bairro do Guarapes. Para encontrar informações que contextualizariam nossa pesquisa, marcamos encontros informais com Preto³, um dos jovens do grupo, onde conversamos sobre elementos objetivos que nos indicassem possíveis transformações nas formas de estar juntos e nos modos de consumir a mídia entre os jovens que participam da Posse.

Além dele, outros dois jovens, ajudaram a desvendar um pouco do contexto social do bairro onde vivem, além de apontarem indícios do contexto político, dos espaços e agentes da memória locais – informações importantes para interpretar os dados coletados na etapa final. Para perceber novas formas de estar juntos, buscamos seguir o grupo de jovens, suas práticas culturais, seu cotidiano escolar/profissional e, por fim, suas práticas midiáticas.

³ Todos os participantes desta pesquisa serão apresentados no capítulo 1 deste trabalho.

Também tentamos desvendar o funcionamento da própria Posse de *Hip Hop*, em suas dimensões políticas e culturais da sua atuação a partir de entrevistas exploratórias com alguns de seus representantes e tentativas de participação nas reuniões do grupo, frustradas pela irregularidade e espontaneidade em que aconteciam. Para compreender como as interações midiáticas constituem as ações em grupo, procuramos conhecê-lo mais detalhadamente: sua história, seus valores, seus objetivos – e aqui, contamos com a valiosa interação com o grupo da Professora Norma Takeuti, que pesquisa e trabalha com o grupo há cerca de dez anos e com quem nos articulamos para desenvolver esta pesquisa e futuras atividades de extensão no bairro.

Um último elemento que buscamos conhecer foram as *lan houses* do bairro, ambientes próprios da interação cibercultural. Mesmo com a desconexão da Bodega Digital à internet, pudemos observar táticas alternativas para burlar esta barreira. Táticas que têm os *pendrives* e a *lan house* como principais mecanismos e espaços de interação. Assim, mesmo sem internet, a Bodega Digital, aos trancos e barrancos, está conectada ao mundo.

Formado um contexto preliminar do nosso tema de pesquisa, tentamos articular três espaços que consideramos fundamentais para responder ao nosso objetivo principal – buscar a relação dos jovens entre os espaços midiáticos e seus espaços reais de atuação. Esses espaços seriam a própria Posse, o cotidiano midiático dos jovens e a interação ciberespacial na internet – seja ela concretizada na *lan house* ou em outro espaço público ou privado de acesso.

A ideia inicial do nosso estudo era observar, efetivamente, cada um desses espaços, onde atuaríamos enquanto um observador participante, compreendendo os limites deste papel, pois o observador “deve observar e saber que está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo [...]. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar” (Travancas, 2005, p. 103). Assumir essa posição cumpriria o papel de mergulhar no cotidiano da comunidade em busca de uma maior acuidade na percepção das relações e estruturas ali presentes, sem a pretensão de alcançar a impossível percepção que os jovens do grupo têm da sua própria realidade.

E foi a própria realidade do grupo quem se impôs sobre nossas intenções de pesquisa. Após um período de intensa atividade, quando a Posse se fechou a interferências externas – como a minha participação enquanto pesquisador, por exemplo –, o grupo entrou em uma fase de desarticulação.

A irregularidade dos repasses de recursos por parte dos órgãos governamentais para o ponto de cultura também dificultam ou impedem a realização das oficinas, seja por falta de

material, seja por falta do próprio oficinairo. Sem recursos, as atividades deixam de ser regulares e a Bodega Digital deixa de ser uma referência segura para a população do bairro.

Muitos dos jovens mais atuantes – responsáveis pela maior parte das oficinas – tiveram que se dedicar a outras atividades que lhes garantissem renda e que, na maioria das vezes, determinaram um afastamento do grupo – como é o caso de um dos rapazes que foi trabalhar em outra cidade, ou de outro que foi trabalhar em um horário que inviabiliza sua participação nas ações.

Admitimos, então, observar os poucos espaços de interação que se mantiveram no atual contexto da Posse e, a partir deles, identificar os personagens-chave que nos ajudariam a responder às nossas perguntas. Esse papel de observador se complementa, aqui, com a mudança de relação com o objeto de estudo. Entendemos que uma pesquisa não pode assujeitar todo um grupo vivo e pulsante para fazê-lo caber no papel de objeto. Reconhecemos a complexidade subjetiva dos nossos atores de pesquisa, mas nos esforçamos para escapar “da interferência deliberada do subjetivismo e de preconceito fincados em pressupostos político-ideológicos, indubitavelmente presentes em cada pesquisador, na observação de um fenômeno comunicacional, nem na interpretação e análise dos dados observados” (PERUZZO, 2005, p. 140).

Para alcançar os objetivos a que nos propomos, adotamos ainda uma série de ferramentas e conceitos provenientes da Antropologia. Acreditamos que alguns ensinamentos da etnografia podem ser de grande valia para desvendar o cotidiano da Posse. E tal como a descreve Geertz (1989),

[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa', tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle (Geertz, 1989, p. 15)

Geertz alerta ainda para a necessidade de mergulhar, de aprofundar o olhar e não ficar na mera descrição do que está na superfície. É muito mais importante perceber o que se esconde ou o que aparentemente não é importante.

a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (Geertz, 1989, p. 20)

Para tratar do consumo midiático e das transformações na vida cotidiana da forma como nos propõe Geertz, devemos prestar atenção às diversas mediações multimidiáticas e além-midiáticas que se apresentam no dia a dia de um jovem. Tratando da TV, Orozco

Gómez propõe que, além da mediação realizada pelo próprio meio (através de sua linguagem, seus apelos emotivos e da produção do conteúdo); o repertório cultural; a situação na qual se consome a mídia; as influências familiares, da escola, das religiões; dentre outras referências; configuram processos de mediação específicos que conformam os telespectadores (OROZCO-GOMEZ, 2005).

Apesar de nossa preocupação principal não ser a televisão, acreditamos que os usuários da internet no Bairro do Guarapes participam de processos de mediação tão complexos quanto os descritos por Orozco Gómez. Além do mais, não é possível delimitar o processo de recepção a um só meio quando se vive em um ambiente multimidiático. Um jovem que sai da escola ou do trabalho, acessa seus recados em uma rede social no telecentro e reúne-se com amigos para ouvir e produzir música *hip hop* comprova quão “longo, complexo e muitas vezes contraditório” é o processo de recepção (OROZCO GÓMEZ, 2005, p. 28).

As manhãs de sábado, principalmente, e outros momentos aleatórios nos fins de semana ou em dias úteis, quando participamos das atividades do grupo, entre os meses de fevereiro e maio de 2011, nos mostraram por quais espaços nos permitiriam transitar e nos permitiram redesenhar a proposta metodológica para desvendar nosso tema. Cada visita rendia uma série de informações, mais e menos importantes, que nos ajudaram a construir um diário de campo e que nos trouxeram elementos contextuais fundamentais para a compreensão do fenômeno da comunicação.

Nossa observação começava muito antes da chegada à Bodega Digital. O trajeto de ônibus, a cidade que se transforma ao longo do caminho, as pessoas que se deslocam já nos contam muito sobre o que vamos encontrar por lá. A casa onde fica a Bodega, a organização dos móveis e equipamentos, os atores principais e os figurantes, a cena e o *mise-en-scène* também ajudaram a apontar as direções para onde seguir. Como nos ensina Geertz

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

Este, no entanto, é importante salientar, não é um estudo etnográfico. Seja por compreendermos que não seria adequado aos nossos objetivos, seja pelas impossibilidades já elencadas para a pesquisa de campo. Ainda assim, nos valem dos ensinamentos dos etnógrafos para buscar uma compreensão do contexto que circunda nosso tema de pesquisa e que serão fundamentais para a análise interpretativa do material coletado no campo.

Dadas as dificuldades da pesquisa com o grupo, seguimos em busca de alternativas metodológicas que nos oferecessem possibilidades de continuar a busca pelos mesmos

objetivos de pesquisa e transitassem, minimamente, pelos mesmos espaços que intencionávamos observar. Eram eles, o próprio grupo e sua Bodega Digital, os usos que faziam da Internet (seja os espaço onde acessavam o ciberespaço e o que faziam pelo mundo virtual) e, por fim, o cotidiano midiático geral, onde verificaríamos como se encaixaria a internet em meio às diversas outras mídias.

Optamos, então, por adensar nossas temáticas de pesquisa através de entrevistas aprofundadas e encontramos na técnica da Entrevista Episódica, um mecanismo para alcançar os espaços onde não pudemos, efetivamente, transitar. O método foi desenvolvido para analisar o impacto das mudanças tecnológicas na vida cotidiana, um objetivo que dialoga com nossa proposta.

A Entrevista Episódica baseia-se no pressuposto de que o conhecimento humano, em paralelo ao raciocínio, estrutura-se em forma de narrativas. E são essas narrativas que organizam a experiência humana em episódios significativos (FLICK, 2008). Outro pressuposto importante é a divisão entre conhecimento episódico, que envolve circunstâncias concretas (tempo, espaço, acontecimentos, situações e pessoas) e o conhecimento semântico, que se descontextualiza de situações concretas para abstrair, generalizar. Ambos, complementam-se no "mundo do conhecimento" (FLICK, 2008, p. 116).

Para dar conta desses pressupostos, o roteiro da Entrevista Episódica precisa reunir três características fundamentais que nos darão acesso a ambas as "partes do conhecimento": a) deve reunir questões que convidem à narração de acontecimentos concretos e específicos e perguntas suficientemente abertas que permitam respostas mais amplas; b) deve mencionar situações específicas que estimulem o entrevistado a contar suas próprias experiências; c) deve permitir que o entrevistado selecione suas experiências de acordo com os sentidos subjetivos que atribuem a elas (FLICK, 2008, p. 117).

Definido o roteiro (apresentado no apêndice) e já iniciadas as primeiras observações, tratamos de mapear nossos possíveis entrevistados. Focamos nos jovens mais atuantes no grupo no momento da nossa pesquisa e traçamos como meta conversar com cerca de 10 jovens que representassem os múltiplos grupos que se formaram dentro da Posse. Os Djs e produtores musicais, os grafiteiros, os dançarinos e os atuantes politicamente. Também tentamos modular o tempo em que cada um desses jovens fazia parte do grupo, com os mais antigos e os mais recentes.

Dadas as condições de tempo da pesquisa, fomos obrigados a reduzir nossos contatos a seis jovens, que minimamente, cumpriam os requisitos imaginados anteriormente. Desses jovens, quatro deles (Preto, Afro, Rafa e Dina) nos apoiaram em entrevistas exploratórias – fundamentais não apenas para angariar informações sobre o

grupo e sua atuação, mas também para ganhar legitimidade e conseguir acesso para realizar a pesquisa – e atuaram como informantes internos ao grupo ao longo de todo o trabalho de pesquisa. Três deles (Dina não pôde participar) e ainda outros dois jovens (Binho e Zezão) participaram da entrevista episódica. Além disso Preto, Zezão e Dina nos trouxeram informações históricas e políticas sobre a formação e a atuação da Posse. As Entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na própria Bodega Digital, entre os dias 27 de abril e 20 de maio. Com exceção de Preto, que teve que ser entrevistado em seu local de trabalho no horário de almoço.

Todos os participantes desta pesquisa serão tratados por nomes fictícios, tal como exige a ética de pesquisa, no entanto, vários deles sinalizaram que não teriam problema em ser citados nominalmente, o que nos indica, por um lado, uma necessidade de falar sobre a própria realidade e afirmar suas identidades, e por outro, a relevância que ganham suas respostas realizadas de forma aberta.

Respostas que, juntas, totalizam cerca de seis horas de gravação, cujas análises nos apontaram elementos convergentes no discurso dos jovens sobre suas práticas e seus usos midiáticos e sobre sua presença individual ou em grupo no ciberespaço. Buscamos ainda, elementos marcantes, ainda que divergentes e isolados no discurso de alguns dos nossos entrevistados, que nos permitiram traçar rotas de comparação entre eles.

Basearemos nossas análises em um processo de cunho antropológico que apoie a busca de respostas às questões de pesquisa, sem a intenção de definir construções absolutas por compreendermos que

os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (Por definição, somente um 'nativo' faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são 'algo construído', 'algo modelado' – o sentido original de fictio – não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento (GEERTZ, 1989, p. 25-26).

A interpretação dos discursos dos jovens da Posse de *Hip Hop*, ainda que sejam modelados e construídos sob a ótica deste pesquisador, podem ser de grande valia para o campo da comunicação na busca da compreensão da complexa relação entre os processos midiáticos contemporâneos, as desigualdades da sociedade globalizada e as políticas públicas criadas, de modo nem sempre adequado, para combatê-las.

comunicação e sociedade

1 COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE

Neste primeiro capítulo, traremos um panorama teórico ampliado e contextual de abordagem ao tema, além de apresentarmos mais profundamente a Posse e os posseiros que participaram da nossa pesquisa. Começaremos por discutir as questões que localizam nosso tema de pesquisa na periferia da cidade com todas as implicações que isso pode trazer aos que ali vivem. Periférica, porém conectada, discutiremos um pouco sobre como as mediações e a mídiatização envolvem o cotidiano das sociedades contemporâneas e buscaremos compreender como as consequências da globalização se instalam nesses bairros mais distantes para entender como o ideário da sociedade de comunicação se materializa por lá.

1.1 Aproximações

Partindo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal, o caminho ao bairro do Guarapes não é curto. São 55 minutos de viagem de ônibus, sem contar o tempo de espera e de baldeação, quando o trajeto pode levar até duas horas por um caminho que parece sair do cenário urbano usual, entre as dunas e o rio, para só depois alcançar um bairro desconectado da metrópole, isolados física e, muitas vezes, simbolicamente.

Estamos em plena cidade de Natal, mas desembarcamos em um ambiente silencioso ao fim da manhã de uma quarta-feira. Nas ruas, as casas se alinham ao longo da rua. Não vemos calçadas até a saída do ônibus 587 – linha que liga o bairro até um terminal em Felipe Camarão –, quando as ruas se reconvertem no caminho dos pedestres, espaçosas calçadas onde é possível parar, conversar e descobrir os primeiros caminhos do Guarapes.

A rua e o asfalto ganham novos sentidos naquele lugar. Uma prática comum desde os indígenas latino-americanos que “usavam as leis, as práticas ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores” (Certeau, 1999, p. 94). Certeau convoca o conceito de táticas para dizer que, em menor grau,

o mesmo processo se encontra no uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas pelas “elites” produtoras de linguagem. Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulações pelos praticantes que não seus fabricantes (Certeau, 1999, p. 95).

Esses movimentos são, para Milton Santos, frutos de uma esquizofrenia do território que acolhem os vetores da globalização e, ao mesmo tempo, instalam uma contraordem a partir dos processos de exclusão e marginalização presentes, principalmente, na periferia das grandes cidades.

Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que, segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contra face do pragmatismo. Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é, também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa (Santos, 2001, p. 114).

Se o caminho até o Guarapes é longo, maior ainda é a distância simbólica que separa os "guarapeiros" dos demais habitantes da cidade. Os moradores da região ainda carregam o estigma da violência e da criminalidade que assolava o bairro há cerca de dez anos. Hoje, a situação é um pouco melhor em relação à violência, é o que nos contam Preto, Afro, Rafa, Binho e Zezão, nossos entrevistados. Todos eles fazem parte da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia e, como dirão adiante, tiveram suas histórias marcadas por essa participação e puderam experimentar as possibilidades de serem diferentes, de tornarem-se, eles mesmos, "outra coisa", do que sua realidade impunha.

Os Posseiros

Para seguir os jovens da Posse em suas aventuras pelo ciberespaço é preciso andar, primeiro, pelos caminhos reais. Não adianta muito buscá-los no Google ou no Orkut e pouco resolve escrever-lhes e-mails – uma resposta pode levar dias e as pesquisas não podem esperar tanto. Na internet, cada DJ, B Boy (ou B Girl), cada grafiteiro, cada dançarino tornam-se muitos, multiplicam-se de acordo com as vontades de cada momento. Nas redes sociais, boa parte deles perde seus nomes e tenta construir uma nova identidade que valorize, na rede, o mundo real onde vivem, um filho querido, o verso de uma música, um codinome quase secreto...

Os telefones celulares também podem não ser muito eficientes. A cobertura no bairro é precária e muitas vezes os aparelhos ficam fora do ar. Além disso, mais importante que manter o número, é aproveitar uma nova promoção e conquistar bônus para chamadas gratuitas. Uma agenda com os telefones dos posseiros do *hip hop* se desatualiza rapidamente. Logo, para encontrar a Posse no mundo virtual, é preciso conhecê-la, antes, em seu endereço oficial: a Bodega Digital. E nesses tempos de correria, é melhor aparecer por lá em um fim de semana.

Em um sábado pela manhã, é quase certeza encontrar o DJ Rafa⁴ e o Afro na oficina de break. Crianças, entre nove e 16 anos acompanham as batidas da música, saltam, rodam, flexionam o corpo, quase desafiam a gravidade ao som de uma música que pode ter sido totalmente produzida ali mesmo, pelo próprio DJ Rafa e seu grupo. Músicas produzidas nas tardes de domingo, quando um dos grupos da Posse se encontra para produzir músicas novas, ensaiar para uma apresentação ou preparar as bases para o improviso dos MCs nas festas. O ritmo, a melodia, as letras, tudo acontece ali na cozinha da Bodega Digital.

Mas a Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia é muito maior que a Bodega Digital. Se reunirmos todos os posseiros, a bodega ficaria bem apertada. Para participar do grupo, não há ficha de inscrição, nem ritual de passagem. Segundo os cálculos de Dina, uma das coordenadoras, o grupo tem cerca de 50 participantes, desde crianças de 7 anos de idade a “jovens de 40”. Mas é verdade que muitos estão lá desde a formação do grupo e, desses, alguns assumem mais responsabilidades. Ao longo da semana, por exemplo, Rafa e Afro se revezam para dormir na Bodega para tentar melhorar a segurança do local. Dina e Preto ficam responsáveis pela articulação entre as redes e a solução de problemas burocráticos com os financiadores de projetos. As crianças e adolescentes, além de participar das oficinas de break dance, e grafite, ajudam a arrumar e limpar a bodega depois das aulas.

Na voz de cada posseiro, a Posse assume múltiplos papéis. Para alguns deles, o grupo tem um papel bem concreto, para outros, o significado do grupo toca mais fundo. Cada um atribui um sentido a partir do seu cotidiano na Posse, a partir do espaço que o grupo ocupa em suas vidas e do trabalho que desenvolvem por lá.

Afro não tem outra ocupação. Na Posse, é monitor das oficinas de break, além de ser o coordenador pedagógico e responsável pelo intercâmbio com as famílias das crianças e adolescentes, além de participar do revezamento da vigilância noturna da casa. Até o namoro das meninas mais jovens é preocupação para ele. “As mães me pedem para dar conselhos para elas”, diz ele. No dia a dia, não sai muito do Guarapes, mas a correria é grande. É comum encontrá-lo às pressas pelas ruas para resolver um problema com a creche ou avisar o novo horário do ensaio nas casas de todas as crianças e adolescentes do grupo. Ele ainda leva e traz as crianças menores para os ensaios e oficinas. Com uma relação tão intensa, os afetos afloram na sua descrição da Posse

A Posse e a galera do movimento é tipo uma família. Tipo não, a gente é mais que uma família [...] tanto de conviver junto, a gente pegou aquela amizade, é mais que amizade. Quando a gente forma uma estrada, a gente 'tudinho'. A gente faz reunião no domingo, que dá pra todo mundo se ver. A gente briga, mas é aqui [na Posse – aponta

⁴ Conforme explicado na Introdução, todos os participantes desta pesquisa serão identificados por nomes fictícios.

para o chão]... mas para mim é a minha segunda família. Pau pra toda obra. É o que eu gosto, me identifico. Não me vejo noutro espaço (Afro, 39 anos).

O DJ Rafa é parceiro de Afro nas oficinas de dança do break, mas seu principal interesse na Posse é a produção musical. Ele até passa “alguns toques” para os meninos e também dança, mas o principal é a produção musical. Ele domina as ferramentas de sintetização de áudio, cria as bases com a percussão e vários instrumentos, compõe as melodias e também escreve as letras. Poderia ser um grupo de rap de um homem só, porém, para ele, isso não combina com a Posse, um

grupo de jovens que cada um tem seu dever pra fazer. Aprender dança. Eu tenho meu dever de fazer uma produção pra encaixar uma música de alguém. É ficar interligado com a galera. Bater um papo, saber o que tá acontecendo, falar da 'quebrada' (Rafa, 19 anos).

Binho andava meio sem tempo para a Posse. Estava trabalhando em outra área, era auxiliar de cozinha, mas não gostava muito. “A posse pra mim é uma experiência, trabalhar com aquilo que eu quero, que eu gosto de desenhar, gosto de grafitar, e é muito difícil trabalhar [arrumar trabalho] com aquilo que você gosta” (Binho, 27 anos). Entretanto, a participação no grupo, para ele, não é só um trabalho, é também um espaço de libertação. “Antes eu era tímido, mas depois que eu entrei na posse eu fiquei um pouco mais solto, sem ter medo de falar, sem ter medo de pensar, e expressar o que eu sinto” (Binho, 27 anos).

Recentemente, Binho organizou uma oficina de Grafite e conseguiu reunir 20 jovens, mas a necessidade de trabalhar para se manter e a falta de tintas e materiais para a oficina dificultaram o trabalho. Mesmo assim, ele não perdeu o contato com o grupo:

Eles pedem, 'quando é que vai ter aula de grafite?'. Sempre mantenho contato com eles. Eles gostaram das oficinas e viram que realmente têm futuro, é uma forma também de tirar eles da marginalização e, aqui é fatal, o bairro periférico, se você não tiver nada pra fazer, a sua mente pede outras coisas, qualquer outra coisa que não seja interessante pra ele, que seja proibida, eles entram, então a Posse é boa por causa disso também, por que atrai os jovens e faz com eles esqueçam aquela marginalidade evitando transtornos futuramente (Binho, 27 anos).

Há cerca de quinze anos, o Guarapes concentrava um alto índice de violência e criminalidade e as edições diárias dos programas policiais no rádio tinham grande audiência por lá. Os ouvintes queriam saber como seriam contadas as ocorrências policiais cotidianas do lugar, saber qual dos vizinhos havia sido preso ou morto.

A violência não é mais a mesma. Há anos, o Guarapes deixou de figurar entre as regiões mais violentas da Grande Natal. Zezão acha que ainda é preciso que a sociedade “invista mais” no bairro.

É uma comunidade onde a Grande Natal tem um certo preconceito muito grande. Quem mora nos Guarapes, você fala que mora nos Guarapes, todo mundo 'Opa, é ladrão, é

maconheiro, é marginal'... Mas não. Tem muita gente de bem, tá entendendo? (Zeção, 36 anos).

Zeção é parceiro de Binho no grafite. Ele ajudou a organizar as oficinas e fez a decoração da nova sede da Posse com os alunos. Só que ele não gostou muito do resultado e está tentando conseguir mais tintas e materiais para preparar algo mais "elegante... assim, mais estilizado *hip hop*, que aquilo ficou a desejar". Ele também estava afastado da Posse, pois, além do seu trabalho como servidor público municipal, estava terminando a monografia do curso de Design em uma universidade privada da cidade.

A história de Zeção com a Posse é um pouco diferente. Ele não é morador do Guarapes. Nunca foi. Ele vive em um bairro próximo e só chegou ao Guarapes em 2003, depois de aprovado em um concurso público que o levou a trabalhar por lá. Era recepcionista da unidade de saúde e ouvia, de longe, os ensaios do então "Grupo Periférico Suburbano", o GPS, precursor da Posse, que ensaiava no salão comunitário que ficava por trás do prédio. A primeiras aproximações de Zeção com os jovens do *Hip Hop* no Guarapes não eram muito agradáveis:

Pra eles se entusiasmar cada vez mais, eles iam lá e aumentavam o som. E muitas vezes, o som incomodava o médico que queria escutar uma batida do coração de uma criança, [...]. E muitas vezes pediam pra eu ir lá solicitar a eles que baixassem o som [...] Aí, sem problema mediava a situação, eles iam, baixavam, compreendiam, sempre pedia de uma maneira educada e tal, não truculenta quanto os outros companheiros, e nisso foi conquistando o respeito e amizade deles, né? E me interessando pelo grupo, uma vez que já fiz parte de movimento gremista na escola e tal, no grupo estudantil e sempre tive essa questão ideológica de contribuir com os processos políticos, de não querer fazer justiça, mas, tá entendendo?, cobrar, né?, dos gestores o papel deles em relação aos nossos direitos, né?, enquanto cidadão (Zeção, 36 anos).

Ele sempre teve vontade de atuar em sua própria comunidade, mas fica satisfeito com o trabalho que desenvolve com a Posse há oito anos, desde que veio trabalhar por lá. Ele olha para a situação das crianças e jovens do bairro e sente a necessidade de atuar e descreve a importância da Posse para a realidade do Guarapes.

Sempre que possível, to contribuindo com acesso pra que as coisas evoluam aqui na Posse e a gente traga recursos e meios de passar a informação e conscientização, seja ela familiar, seja ela consciência política, socioambiental, tá entendendo? Porque é uma comunidade carente de informação, carente de políticas públicas, carente de projetos sociais que venham a facilitar, tá entendendo?, o acesso, a acessibilidade dessas pessoas à inclusão digital, à informática, à educação de qualidade (Zeção, 36 anos).

Desde o começo do ano, depois de terminada a monografia, Zeção voltou com gosto de gás. Ele é um dos coordenadores do projeto Bodega Digital e sempre está disponível para o que for necessário. Para ele, não importa, se for para limpar o mato, limpar a casa, organizar os espaços, fazer folhetos, panfletos, cartazes, também faz bases para as músicas,

organizar os eventos, produzir videoclipes. "É 'bombril', multiuso. O que precisar de mim, todas as ocasiões, dentro das minhas possibilidades, o que eu puder ajudar, eu contribuo".

Na organização das oficinas de Grafite com o Binho, ele também se preocupa com a conscientização dos jovens que participam. Ele não vê o grafite como uma arte vazia e sim uma arte política que tem sentido, que tem que provocar debate. E o grafiteiro não pode ser um artista sem questionamentos

Porque o nosso trabalho tá pra ser visto, apreciado e questionado e refletido. Não é só meramente chegar e grafitar não. Tem que ter essa mensagem socioeducativa e política pras pessoas ter essa reflexão. E eu friso muito a questão da diferença do grafiteiro e do pichador, tá entendendo? O do bem, na cabeça, dos instrumentos, essa questão de diferenciar uma coisa da outra. Pichador é pichador, grafiteiro é grafiteiro (Zezão, 36 anos).

Enquanto Zezão atua longe do seu bairro, Preto não abandona o Guarapes por nada nesse mundo. Quando nasceu, sua família morava em outra região da cidade, mas desde muito pequeno, mudou-se para o bairro onde passou a maior parte da vida. Foi aqui onde ele, com menos de 15 anos, participou de todo o processo de formação da Posse e dos grupos que a antecederam. Hoje, ele sabe, precisamente, como definir o grupo

É um grupo de jovens que busca seus espaços na sociedade. Que vem da mesma camada social desprovida de oportunidade e que cava, que busca cada dia, essas oportunidades. É um grupo organizado que tem CNPJ, é uma associação que tem bandeiras de luta, que tem unidade política, que tem um viés ideológico, que luta pela melhoria da qualidade de vida de comunidade de jovens carentes que tá localizada na comunidade do bairro Guarapes que tem 23 mil habitantes, que tem uma cultura que ainda não é uma cultura de leitura, e uma educação de igualdade coma outra parcela da sociedade de Natal. Então, na verdade, é isso.

Mas nem sempre foi assim. Há cerca de 12 ou 13 anos, a Posse ainda era um sonho de criança. "Um sonho de crianças, de uma não, mas de crianças que conseguiu se tornar realidade. Não ainda 100% total, mas pelo menos a gente conseguiu tornar realidade". E o sonho das crianças, devidamente mediado pela atual situação do grupo,

era ter um espaço nosso, que a gente pudesse ter tecnologia suficiente para produzir o que a gente gosta, que é música, pra gente poder promover isso que a gente gosta, que é isso que a gente faz um trabalho social. E isso a gente consegue... tem. Talvez não na intensidade, não atingindo todas as metas, não atingindo todos os objetivos no campo da promoção de divulgação. Mas a gente conseguiu produzir, saca? (Preto, 25 anos).

Hoje, ele tem a função de articular, de manter as pessoas unidas no grupo. Ele recebe e repassa as informações, reúne as pessoas para discutir as questões cotidianas, depois, leva o debate adiante. Ele é uma espécie de coordenador do grupo, mas prefere pensar que o próprio grupo é quem o coordena. Para ele, o sonho incorporou-se à sua própria vida e não consegue mais se dissociar da Posse.

Ela faz parte do dia a dia. Ela é um estilo de vida. Ela é um valor que a gente tem assim, entendeu? Então, ela faz parte. Ela é uma coisa que você está sempre em consonância com ela [...]. Você incorpora o jeito de falar, o estilo de andar. Você incorpora a maneira de se posicionar pelo viés ideológico, né? É uma linha, é algo que permeia a condução da batalha (Preto, 25 anos).

Dina, junto com Preto, também atua na coordenação do grupo. Ela também se sente coordenada por ele, mas anda bastante ocupada ultimamente. Tanto que não conseguiu participar da entrevista completa para a pesquisa. Mesmo assim, ela foi peça fundamental para começar a compreender o cotidiano desse grupo.

Hoje, Dina é formada em serviço social e atua na área em que escolheu. Mas prefere não assumir o título. Ela não se sente bem com o status que as pessoas atribuem ao curso de graduação em um bairro onde só há escolas de ensino fundamental. Ela assume mesmo que trabalha com Juventude. Mesmo sem tempo, ela conseguiu nos contar um pouco sobre como a cultura *hip hop* cativou o grupo de jovens que ia formar a Posse anos depois.

Era uma coisa que você podia... que você pode falar de sua realidade. Tanto cantando, tanto dançando, como fazendo grafite. Você pode falar de sua realidade... é isso que o *hip hop* atrai, porque você pode falar de sua realidade de uma forma diferente, através da cultura (Shirlenne, 26 anos).

Uma história mais antiga

Essa Posse, tão bem descrita pelos seus integrantes, foi fundada em 2005, porém sua história é mais antiga, do final dos anos 1990. Foi em 1998, quando a "cultura da periferia" começava a surgir na cena nacional com o lançamento de grupos como os Racionais Mcs, um grupo de jovens do Guarapes se juntou para formar o Grupo Periférico Suburbano (GPS). Eles fugiam de suas experiências de vida marcadas por furtos, brigas de gangue, uso de drogas, passagens pela polícia e falta de perspectivas de estudo e trabalho. Optaram por "fazer da sua 'periferia' também um território movido pela música, poesia, cantos e danças com uma linguagem própria – a do *hip hop*" (Takeuti, 2008, p. 205).

A partir de 2002, o grupo aceitou o chamado do Fórum Engenho de Sonhos, parceria da UFRN, Fundação Kellogg's, ONGs que atuavam com a questão da juventude na zona Oeste de Natal e jovens de cinco bairros, incluindo o Guarapes. A experiência tinha como objetivo o combate à pobreza com o protagonismo juvenil e permitiu que o grupo do Guarapes se destacasse e assumisse posições de destaque no segmento jovem do fórum. (Takeuti, 2009).

Os jovens tiveram acesso a meios de comunicação que os ajudaram a ampliar as redes juvenis locais e possibilitaram a interação com redes regionais e nacionais, indo além do âmbito da organização. Foi através do Engenho de Sonhos que os jovens do GPS foram

ao Fórum Social Mundial e, lá, conheceram e se inseriram no Movimento *Hip Hop* Organizado do Brasil, o MHHOB, além de outras redes de discussão de políticas para juventude.

Mas a atuação no fórum atingiu um limite, os jovens “tiveram a sensação de estar sendo 'instrumentalizados', no interior do fórum, para objetivos 'utilitaristas’”. Foi aí que resolveram fundar a associação chamada Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia, a entrada em um jogo institucionalizado para que conseguissem sustentabilidade financeira e pudessem agir em “prol da comunidade” (Takeuti, 2009, p. 338-9).

Nesse novo cenário, o grupo se divide entre uma atuação nas “estruturas e organizações já instituídas com regras específicas e cartadas políticas já demarcadas pelos diversos grupos de interesses no campo específico por onde adentram” e

uma prática coletiva orientada para formas alternativas que satisfaçam a desejos individuais e coletivos [...]. Primeiro, desejo de viver uma vida menos “indigna” [...]; segundo, desejo de transformar a realidade do bairro em seus aspectos materiais e simbólicos (Takeuti, 2009, p. 339).

Foi o caso do telecentro montado pelo grupo em meados de 2007, uma ação híbrida entre as políticas instituídas e as formas alternativas de transformação. De um lado, graças às articulações como MHHOB, jovens da Posse participaram de uma oficina de inclusão digital em um evento no Piauí e conseguiram a doação de quatro computadores reciclados. Do outro, através do Governo Federal, conseguiram a conexão à internet pelo Gesac, que impunha uma série de regras, dentre elas, o acesso irrestrito para a população e a afixação de uma placa na entrada com o horário de funcionamento.

A placa na porta com os horários nunca existiu, o que foi alvo de reclamações dos auditores do projeto. Mas em um bairro como o Guarapes, são outros os métodos para conseguir uma informação como esta. A primeira exigência, no entanto, era cumprida sem pestanejar. Todos no Guarapes sabiam que, no período da tarde e à noite, qualquer pessoa podia agendar um horário para a navegação. Bastava chegar e entrar na fila. Sempre tinha alguém da Posse para organizar o espaço e ajudar uma criança num trabalho escolar ou um jovem na preparação de um currículo e enviá-lo por e-mail. Os jovens que haviam se juntado no GPS para escapar da violência e da criminalidade, eram agora responsáveis pelo o acesso à internet da população do bairro.

Se a rede econômica mobiliza o trabalho imaterial, isto é, privilegiadamente, a inteligência, a imaginação, a criatividade, inventividade, a força mental (HARDT; NEGRI, 2005), escapam-lhes os “efeitos colaterais” do comando imperial, porque a periferia, também, alcança ou é alcançada, malgrado a vontade do “poder”, pela comunicação e por toda a semiótica contemporânea, hoje, cada vez mais desterritorializada (Takeuti, 2008, p. 214).

Daqui para lá, o Guarapes torna-se distante para os Natalenses que vivem do lado de cá das dunas, seja pelo medo da violência, pela criminalidade ou por uma forte carga de preconceitos. O caminho inverso, por sua vez, é marcado pela revolta da ausência de direitos. Direitos fundamentais como saúde e educação básica não podem ser conquistados por lá. O ensino médio só está disponível no bairro vizinho de Felipe Camarão, a unidade de saúde está fechada para reformas há mais de dois anos e os atendimentos são transferidos para bairros distantes, o preço da passagem de ônibus é proibitivo para muitos que vivem ali. Até mesmo a linha de ônibus que ligava o bairro gratuitamente ao terminal de Felipe Camarão deixou de ser gratuita com a implantação do sistema de bilhetagem eletrônica. O telecentro foi fechado por falta de manutenção dos computadores e o ponto de conexão do Gesac permanece desativado graças às dificuldades do grupo em lidar com a burocracia governamental.

Hoje, o grupo mescla a atuação política com uma vertente de atuação cultural. Por um lado, os jovens participam das discussões sobre os problemas locais, buscam espaços nos conselhos de cidadania, participam de conferências e soltam a voz para exigir seus direitos. No âmbito nacional, as discussões da Posse de *Hip Hop* reverberam em fóruns e redes de discussão de políticas de juventude. Alguns posseiros já participaram de debates e conferências nacionais sobre o tema.

Em sua vertente cultural, a Posse é formada por diversos grupos de *hip hop* que exploram a música, o grafite, a dança, além de produzem o próprio conteúdo, São Djs, Mcs, dançarinos e grafiteiros que tentam ganhar a vida a partir da sua arte ou, pelo menos, aliviar o peso da rotina. A política e a cultura se articulam quando o grupo organiza oficinas e ações que tragam propostas ao desenvolvimento do bairro, que sirvam de alternativas às crianças e jovens que não encontram perspectivas no bairro, mas permanecem concentrados em qualquer atividade, seja política, seja cultural.

1.2 A Midiatização do dia a dia

Mesmo com a experiência do telecentro de acesso à internet da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia, para muitos jovens e adultos do Guarapes, o mundo real ainda acaba onde as pernas alcançam. Para alguns mais afortunados, o limite vai até o ponto final da linha 59 na praia do forte, passando pelo centro da cidade. A mídia surge, para muitos deles, como única saída para a expansão dos limites reais e das fronteiras simbólicas. E se, do lado de

cá, a mídia assume grande relevância no cotidiano dos cidadãos detentores de direitos que estão acessíveis, para os moradores do Guarapes, o cotidiano midiático torna-se muito maior e pode ser, minimamente, uma das possibilidades de exercer um pouco de sua cidadania, com o direito de se informar e, com o acesso à internet, o poder de exercer também o direito de se comunicar.

Essa é uma das principais razões de aceitarmos o convite de Martin-Barbero ao deslocarmos o eixo do debate dos meios às mediações na análise dos processos de comunicação que se desenvolvem em torno do grupo de jovens da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia para compreender a articulação entre práticas de comunicação nos movimentos sociais e as diferentes temporalidades e matrizes culturais (Martin-Barbero, 1997).

Uma tendência já propugnada por Certeau, quando enxerga que não é possível qualificar os consumidores pelos produtos midiáticos que escolhem pois, entre eles, "existe o distanciamento mais ou menos grande do uso que se faz deles" (1999, p. 95). E também por Silverstone, quando entende que "[...] a mídia se estende para além do ponto de contato entre os textos midiáticos e seus leitores ou espectadores" (SILVERSTONE, 2002, p. 33).

A compreensão dessa extensão do conceito de mídia é importante para garantir os movimentos necessários para a compreensão dos modos como a mídia se articula com o cotidiano cultural dos jovens da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia e como essa articulação é recebida e trabalhada por cada um deles. No Guarapes, os usos midiáticos parecem ainda mais extensos. Uma rápida sessão de internet, por exemplo, pode se estender por meses dentro de um pendrive ou um tocador de músicas digitais. A televisão, na maioria das casas, vai muito longe através dos satélites, mas não alcança o bairro ao lado no noticiário local. As notícias do Guarapes se constroem na rua, um noticiário é exibido em cada esquina, na barraca de tapiocas ou na padaria.

Por isso, precisamos analisar muito mais do que o instante em que aqueles jovens acessam um site na internet para qualquer propósito. Precisamos, antes, compreender o que os levou a acessá-lo e, mais ainda, o que farão a partir dali. Precisamos observar também o que acontece nas múltiplas interações vividas pelos jovens no seu cotidiano, as ressignificações e reinterpretções que reconstroem o cenário midiático de cada um. Uma dinâmica que Silverstone chama de mediação e que

implica o movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outro. Implica a constante transformação de significados, em grande e pequena escala, importante e desimportante, à medida que textos da mídia e textos sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual, e à medida que nós, individual e coletivamente, direta e indiretamente, colaboramos para sua produção (SILVERSTONE, 2002, p. 33).

A mediação traz ainda, segundo Sodré (2009), o sentido de fazer a comunicação entre duas partes a partir de diversos níveis de interação, ação que seria fruto de um poder de fazer distinções, de discriminar e que seria fundador de todo o conhecimento. No entanto, o processo comunicacional midiático seria operacionalizado a partir de um tipo específico de mediação, que Sodré chama de "mídiatização":

uma ordem de mediações socialmente realizadas no sentido da comunicação entendida como processo informacional, a reboque de organizações empresariais e com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de 'tecno interação' –, caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada *medium* (SODRÉ, 2009, p. 21).

No entanto, é preciso perceber as articulações do processo comunicacional que, muitas vezes, produzem noções reducionistas sobre o que seria a mídia. É comum confundir o processo da comunicação com o aparelho que o materializa e não se percebe toda a produção social, tecnológica e comunicacional envolvida no simples ato de ligar o rádio ou conectar-se à internet. Em nosso trabalho, aceitaremos o alerta de Sodré:

Medium, entenda-se bem, não é o dispositivo técnico. [...] é o fluxo comunicacional, acoplado a um dispositivo técnico (à base de tinta e papel, espectro hertziano, cabo, computação, etc.) e socialmente produzido pelo mercado capitalista, em tal extensão que o código produtivo pode tornar-se 'ambiência' existencial. Assim, a Internet, não o computador, é *medium* (SODRÉ, 2009, p. 20).

A mídiatização – essa ordem particular de mediação – assume papel central na vida cotidiana das pessoas, vivem elas em contextos locais mais isolados, ou em lugares da globalização com conexão direta com múltiplos contextos. Os jovens do Guarapes, apesar de encontrarem obstáculos maiores para conseguir inserção nos processos comunicacionais contemporâneos, já não podem mais prescindir do acesso às redes e tecnologias de comunicação sob pena de não conseguirem conectar-se a outros processos de mediação, como a educação formal, o mercado de trabalho e, mais importante, todas as articulações em rede que fazem no movimento local, regional e nacional do *Hip Hop* e nos debates das políticas de juventude. Para Sodré, a centralidade da mídiatização na sociedade contemporânea não altera somente o cotidiano das pessoas.

Implica a mídiatização, [...] uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um bios específico (SODRÉ, 2009, p. 24)

E não é mais possível pensar a juventude desmídiatizada. A própria Posse de *Hip Hop* é fruto de um processo comunicacional que conectou as periferias em todo o mundo, transformou a visão desses jovens sobre os seus problemas e mudou a forma como contavam a sua realidade. Não queremos, com isto, negar a existência de uma indústria

midiática por trás da disseminação desse discurso, ou acreditar que o processo comunicacional seria suficiente para explicar a totalidade do fenômeno.

1.3 O Bairro do dia a dia

Para compreender o contexto do bairro do Guarapes, é preciso adotar, ainda de Martin-Barbero, sua concepção para o “popular”, reconhecendo a trama, o “entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades” (1997, p. 266). Carlos Monsiváis nos propõe, através dele, que

As classes subalternas assumem, porque não lhes resta alternativa, uma indústria vulgar e pedestre, e certamente a transforma em autocomplacência e degradação, mas também em identidade regozijante e combativa (Monsiváis, apud. Martin-Barbero, 1997, p. 269).

Compreendemos que o “popular” não existe de forma pura ou estática nem está, necessariamente, em condição de vulnerabilidade. Buscamos perceber os movimentos que, de alguma maneira, demonstrassem os movimentos de construção e desconstrução da hegemonia comunicacional e suas relações com a ação política e cultural da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia. Reconhecemos que

o valor do popular não reside em sua autenticidade ou beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e de expressar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória histórica (Martin-Barbero, 1997, p. 105)

Consideramos além do ponto de vista local e cotidiano, as macrorrelações que determinam e condicionam o processo de comunicação midiática. No entanto, aceitamos a proposta de Barbero quando nos propõe que nem sempre é submissão o movimento de assimilação do hegemônico pelo subalterno, do mesmo modo que nem sempre a recusa indica resistência “e que nem tudo que vem 'de cima' são valores da classe dominante, pois há coisas que vindo de lá respondem a outras lógicas que não são as da dominação” (Martin-Barbero, 1997, p. 107).

E não há outro lugar onde se possa descobrir as tramas do popular que não a periferia da cidade grande. No bairro do Guarapes – ou qualquer outro bairro de periferia –, a lógica da interação, da solidariedade entre vizinhos não é a mesma do centro, não segue exatamente os valores da modernidade. Na periferia da modernidade, o bairro assume o papel de mediar trajetórias entre a casa e a cidade, o privado e o público.

O bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um *a gente*, ou seja, de uma "sociabilidade mais ampla do que aquela que se baseia nos laços familiares e ao mesmo tempo mais densa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade" (Martin-Barbero, 1997, p. 274).

Esse papel mediador do bairro assume um caráter de movimento, de passagem entre universos. O lugar onde transitam e disputam valores modernos e tradicionais. O local onde

Cada vez mais as táticas vão saindo de órbita. Desancoradas das comunidades tradicionais que lhes circunscreviam o funcionamento, elas se põem a vagar por toda a parte num espaço que se homogeneíza e amplia. Os consumidores se tornam migrantes. O sistema onde circulam é demasiadamente amplo para fixá-los em alguma parte, mas demasiadamente regulamentado para que possam escapar dele e exilar-se alhures (Certeau, 1999, p. 104).

Aqui, aproveitaremos as próprias ideias dos "guarapeiros" para trazer uma definição para essa periferia. O fato de o bairro estar localizado nos limites físicos do município não é suficiente para compor o conceito. A dificuldade ou impossibilidade de assumir direitos fundamentais como saúde e educação começam a desenhar a ideia. Mas a periferia vai além das definições objetivas. Para estes jovens, a periferia é um sentimento de pertencimento que associa a trágica vida urbana, marcada pela violência e pelas dificuldades, a uma necessidade de se construir a paz através da cultura, deixando bem claras as suas origens. Entre os jovens da Posse "percebe-se uma vontade deliberada de assunção da 'condição periférica' para, a partir daí, tornarem-se visíveis" (Takeuti, 2009, p. 334).

Para Takeuti (2009), inicialmente, a periferia é uma associação de precariedades materiais e objetivas associadas a limitações subjetivas e simbólicas que dificultam ou impedem seus habitantes de produzirem seu espaço social positivamente. Com a disseminação da "cultura da periferia", inclusive pelos meios de comunicação, esse lugar deixa de ser "depósito de indivíduos cuja vida seria indigna de ser vivida" (Takeuti, 2009), e passou a ser caracterizada como "um mundo bastante heteróclito no qual uma cartografia das cenas culturais nela existente seria algo de extraordinariamente enorme, tanta é a sua diversidade" (Takeuti, 2008, p. 206).

É esse bairro, essa periferia – que os jovens reconhecem como "nosso mundo", o local em que querem atuar e promover mudanças – que mediou a relação entre a música de outra periferia, carregada de discursos até então exteriores, e os anseios dos jovens dali, suas necessidades e desejos; e constituiu o movimento que hoje luta por "harmonia, paz e solidariedade", ali, naquela comunidade, mas que, para isso, não abre mão de buscar lá fora as ferramentas para essa construção.

É justamente aí onde se mostram de forma mais clara as táticas conceituadas por Certeau na atuação com as ferramentas alheias. "A tática não tem por lugar senão o do

outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (1999, p. 100).

Entretanto, antes de mergulharmos em sua realidade, precisamos tomar distância do bairro do Guarapes, aumentar a abrangência do olhar e buscar entender a sociedade contemporânea e o papel que a mídia assume na vida cotidiana dos cidadãos. Afinal, os cidadãos da periferia, como todos os cidadãos, constroem o seu mundo no constante diálogo entre o local e o global:

A percepção que temos de nosso lugar no mundo depende, é claro, de como vivemos nele e de como o vemos. A esse respeito, arrisco dizer que estamos constantemente nos movendo para fora e dentro da cultura global. Passamos de estruturas locais de referência, da ordinariade do dia a dia, da vizinhança, do local, para tempos e espaços que têm uma referência e uma definição mais extensas. Fazemos isso no trabalho e no lazer. No espaço físico e no simbólico. Por vontade própria ou sob ameaça (SILVERSTONE, 2002, p. 202-203).

As mediações culturais de jovens conectados à internet em comunidades periféricas não se restringem ao cenário que se observa ali. É preciso observar as peças de um enredo responsável pela criação dos conceitos de juventude, de periferia, além das possibilidades de conexão em nossa sociedade contemporânea, uma vez que “os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo da qual são formas particulares (Santos, 2001, p. 112).

1.4 Sociedade Global?

Um dos primeiros conceitos que devemos observar é a ideia de Globalização, que tem trazido fortes consequências aos processos comunicacionais, e cujas origens, desenvolvimento e consequências estão longe de ser temas consensuais. Comumente associada aos processos de interconexão e comunicação, a globalização intensifica-se nas últimas décadas do século 20. No entanto, para Thompson, sua origem remonta ao fim da Idade Média, com a regularização e ampliação do comércio e a divisão do trabalho entre colônias e metrópoles (1998).

Canclini, no entanto, lembra que alguns autores apostam que a origem do processo de Globalização estaria já no século 20, com o desenvolvimento das comunicações. Para ele, tal divergência de cinco séculos só pode ser creditada à própria discussão do conceito de Globalização, quando cada data corresponderia a um diferente modo de definir o tema. Os que atribuem uma origem mais remota, valorizam a componente econômica, enquanto os

que defendem a aparição mais recente trabalha com suas dimensões políticas, culturais e midiáticas (CANCLINI, 2003, p. 41).

Canclini aponta sua opção pelas dimensões sociais políticas e culturais, quando entende "que há boas razões para afirmar, segundo a expressão de Giddens, que 'somos a primeira geração a ter acesso a uma era global' (Giddens, 1997)" (CANCLINI, 2003, p. 41). É o próprio Giddens quem nos oferece uma primeira ideia de globalização.

A Globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa (GIDDENS, 1991, p. 69).

Entretanto, para os pesquisadores que observam o fenômeno a partir da geografia, a globalização não é um único processo homogêneo e sim uma multiplicidade de processos de mundialização que se apoiam mutuamente em seus movimentos de expansão.

Agora, tudo se mundializa: a produção, o produto, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política e a cultura. Esse conjunto de mundializações, cada qual sustentado, arrastando, ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização (SANTOS, 1999, p. 163).

Thompson (1998, p. 143) aponta a desigualdade do fenômeno que, de forma estruturada, incluiu mais algumas regiões do que outras nas redes e fluxos de comunicação. Canclini também duvida da globalidade do fenômeno e aposta que suas consequências seriam espacialmente muito mais restritas. Para ele, não criamos circuitos de comunicação e consumo de todos com todos e no máximo experimentamos inter-relações regionais (CANCLINI, 2003, p. 30). Sobre isso, Muniz Sodré aprofunda a discussão e relaciona a globalização às suas origens econômicas e a uma de suas consequências mais temidas, a uniformização.

As novas tecnologias apoiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital (o 'turbo capitalismo') esse processo tendencial de transnacionalização do sistema produtivo e de atualização do velho liberalismo de Adam Smith a que se vem chamando de 'globalização' e cuja autopropaganda, atravessada pela ideologia do pensamento único, lhe atribui poderes universais de uniformização. Na realidade, esta última característica é mais postulado do que fato, uma vez que a globalização mostra-se claramente regional [...] no seu modo de ação (SODRÉ, 2009, p. 11).

Martin-Barbero relativiza o caráter homogeneizador atribuído à globalização comunicacional: "O processo de globalização que agora vivemos [...] é ao mesmo tempo um movimento de potencialização da diferença e de exposição constante de cada cultura a outras, de minha identidade àquela do outro" (Martin-Barbero, 2004a, p. 60)

O bairro do Guarapes é uma dessas localidades que referencia seus acontecimentos locais, desde a sua construção nos anos 1990, a partir de eventos e situações que se

passam há dezenas, centenas ou milhares de quilômetros. O cotidiano do bairro está povoado de técnicas e tecnologias desenvolvidas há centenas de milhares de quilômetros, o que é uma novidade para grande parte da humanidade. Essa tecnologia também torna-se distante em seus propósitos

Em sua versão contemporânea, a tecnologia se pôs a serviço de uma produção à escala planetária, onde nem os limites dos Estados, nem os dos recursos, nem os dos direitos humanos são levados em conta. Nada é levado em conta, exceto a busca desenfreada do lucro (SANTOS, 1999, p. 144).

A internet, uma dessas tecnologias distantes, chegou como uma promessa de conectar o bairro, libertar a comunicação, além da possibilidade de permitir a "intensificação das relações sociais em escala mundial". No entanto, onde não há lucro, é preciso muito mais que esta simples ferramenta para que tais promessas sejam cumpridas. Ainda assim, o imaginário sobre a globalização aponta para algumas possibilidades

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, majors do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio, e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que estes atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX. [...] Mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes, por produtores de cinema e televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos (CANCLINI, 2003, p. 29)

Para Silverstone, a globalização não tem conseguido materializar suas promessas. Trata-se, muito mais, de criar um simulacro de globalidade, e neste processo a mídia cumpre importante papel.

O global é uma coisa frágil. A economia global está se mantendo com dificuldade. A política global ainda está fadada ao fracasso. A cultura global é vista, mas poucas vezes ouvida. Os Estados sobrevivem. O regionalismo avança. Os conflitos sociais são endêmicos. Contudo, e sempre há um contudo, nossa imaginação abarca o globo de maneiras tão novas quanto tangíveis. A mídia permite isso, pois ela fornece a matéria-prima para esse trabalho imaginativo (SILVERSTONE, 2002, p. 211-212).

Logo, é preciso entender melhor as relações entre a globalização e a comunicação que, segundo Thompson, globaliza-se como fruto da reorganização do poder simbólico dentro da nova ordem da atividade produtiva moderna e com a concentração do poder econômico. O século 20 foi o palco desse processo com o desenvolvimento dos grandes meios de comunicação de massas. As rotativas eletrônicas que incrementam a tiragem dos jornais e revistas, o advento da telefonia, do cinema, do rádio, a televisão, os satélites encerram a ideia de interconexão e de compartilhamento de conteúdos entre pessoas em circunstância histórica e posição geográfica distintas.

Os anos 1990, a última década do século, viram a internet iniciar o processo de convergência de todos esses meios e causar grandes transformações à vida social, na circulação de bens culturais e até na economia. Mesmo assim, a convergência digital, para Canclini (2008, p. 33), continua associada às fusões e concentrações de empresas na produção de cultura.

A noção de rede também se aplica à economia mundial (J. L. Margolin, 1991, p. 96) e sua configuração ultrapassa as fronteiras nacionais (C. Ominami, 1986, p. 176). É nesse sentido que se deve entender que esse espaço da conectividade seja organizado pelo discurso, como propõe Claudette Junqueira (1994), quando se refere a um espaço reticular que preside uma sociabilidade à distancia. Esse discurso é a linguagem das normas e ordens que atores longínquos fazem repercutir instantaneamente e imperativamente sobre outros lugares distantes. Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos (SANTOS, 1999, p. 212).

Para Giddens, a globalização estaria, ainda, inerentemente vinculada à modernidade em suas diversas dimensões institucionais – sejam elas, o capitalismo, o industrialismo, a vigilância e o monopólio da violência. Dessas quatro dimensões, uma toca mais forte à comunicação, já que “[...] um dos mais importantes efeitos do industrialismo foi a transformação das tecnologias de comunicação”. E estas, por sua vez teriam influenciado todos os aspectos da globalização e compõem um elemento essencial das descontinuidades e da reflexividade da modernidade (GIDDENS, 1991, p. 81).

1.5 A Globalização da Comunicação

É preciso tomar cuidado, entretanto, para não esquecer o contexto em que tais tecnologias da comunicação foram desenvolvidas. Para Muniz Sodré, o que há de muito novo no fenômeno globalista

é primeiramente uma base material caracterizada por verdadeira mutação tecnológica, que decorre da maciça concentração de capital em ciências como engenharia microeletrônica (nanotecnologia), computação, biotecnologia e física. Em seguida, esbatida contra este pano de fundo, a 'informação', palavra de grande ambiguidade semântica, mas que vem designando modos operativos, baseados na transmissão de sinais, desde estruturas puramente matemáticas até as organizacionais e cognitivas (SODRÉ, 2009, p. 12).

Ainda que tenha se intensificado no período do “fim do milênio”, BRETON, PROULX destacam as origens do discurso comunicacional. "Por mais que seja sua aparência de novidade, o discurso atual sobre a comunicação e sobre seu papel social foi quase inteiramente forjado imediatamente após o fim da última guerra" (BRETON, PROULX, 2002, p. 229).

Breton e Proulx fazem questão de salientar que

Longe de ser realizada no nível das diferentes técnicas materiais de comunicação, tal unidade [entre todos os setores do campo da comunicação] aparece muito mais no plano da ideologia que as une no interior de um mesmo sistema de valores e de representações do mundo. Essa ideologia, que faz da 'ação de comunicar' um dos imperativos essenciais de nossa sociedade, apresenta-se ao mesmo tempo como um recurso, uma alternativa às ideologias políticas (BRETON, PROULX, 2002, p. 229).

Segundo eles, "O ideal moderno da 'comunicação' apoia-se em três transformações radicais cuja compreensão fornece a chave para explicar, se não a modernidade, ao menos alguns de seus aspectos essenciais" (BRETON, PROULX, 2002, p. 229). Seriam elas: "a definição de um homem novo" a partir do papel ocupado pela comunicação na definição do homem na cibernética de Wiener; "a elaboração de uma nova ideologia", uma ideologia da comunicação que seria oposta à ideologia da barbárie que produzira as duas grandes guerras; e "o projeto de uma nova sociedade", a sociedade da comunicação, nova utopia social com dois traços distintivos – seria centrada na circulação de informação e as máquinas, principalmente as de comunicar, teriam papel decisivo. Com essa argumentação, segundo os autores, Wiener reserva um caráter central para a comunicação em sua ideologia (BRETON, PROULX, 2002).

Surgida nos EUA dos anos 1940, a ideologia da comunicação endossou a questão da coesão social, tema corroído pelas guerras e pelos crimes hediondos cometidos no período, que abalaram os próprios valores humanistas. A comunicação surgiria, então, como uma alternativa para a barbárie.

A 'comunicação' é a solução, pois apenas a ordem, a organização, concebidas como troca de informação, permitem que se afaste a entropia. As máquinas, nesse dispositivo, evidentemente desempenharão um papel essencial, transformando as condições de exercício do poder [...] Eis, portanto, nossa 'ideologia da comunicação' em grande parte constituída como alternativa à falência das ideologias que produziram a barbárie, ideologias que, aliás, não podem ser situadas em um mesmo plano, uma vez que é no seio da ideologia liberal que o enxerto constituído pela ideologia da comunicação começou a pegar (BRETON, PROULX, 2002, p. 237).

O pensamento de Wiener credita ao "modo intrínseco de comunicação" a conformação da natureza das comunidades sociais. Esse modo poderia ser aberto e vivo ou poderia, ao contrário, ser destrutivo e imobilizador, o que produziria algumas alternativas com destaque para a oposição entre rigidez e aprendizagem:

Na sociedade da comunicação, portanto, tudo devia ser feito para liberar as capacidades de aprendizagem potenciais do homem, mas também das máquinas. A rigidez, ou seja, o bloqueio da aprendizagem, era para Wiener o equivalente da programação determinista de um comportamento, ou seja, seu isolamento do contexto (BRETON, PROULX, 2002, p. 239)

No Brasil, os números apontam para um crescimento dos usuários da internet, apesar da grande brecha digital ainda a ser preenchida. Mesmo assim, Ford (2004, p. 93) acredita que as mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos - "o controle remoto, o videocassete, o PC, a antena parabólica e a TV a cabo, o CD e o CD-ROM, o telefone celular, a Internet, etc" – ocorreram de forma muito forte e merecem atenção especial. Para ele, essas mudanças aconteceram com uma velocidade sem precedentes na história da comunicação (foram muito mais curtas do que a passagem da oralidade para a escrita, do jornalismo impresso ao cinema, etc). "Seus efeitos sociais, cognitivos, culturais fazem parte de uma zona central de nossos estudos e das novas políticas de comunicação e cultura" (Ford, 2004, p. 93).

E é na periferia que a observação desses processos é mais desafiadora. Ao mesmo tempo em que o bairro se globaliza e conquista novos horizontes, apresentados pela mídia como essenciais, os jovens parecem perceber a continuação da mesma lógica excludente que isola o Guarapes e tantas outras periferias por todo o mundo não apenas geograficamente, mas também na esfera dos direitos inerentes à cidadania global.

Para eles, já ficou claro que a globalização não vem acompanhada da transformação social que tanto perseguem e não estão dispostos a aceitá-la calados. E quando a utopia da sociedade da comunicação não consegue se materializar na periferia, começam a surgir as resistências e eclodir as revoltas. Movimentos que se desenvolvem a partir de táticas silenciosas e que muitas vezes gritam através da música ou das cores do grafite, outras vezes ganham forma no manuseio do controle remoto ou no clique no mouse, mas que trazem sinais claros de que a periferia não está disposta a assumir, sozinha, o peso de todo o planeta e teima em transformar a globalização e todos os processos que a acompanham.

cibercultura, cidadania e juventude

2 CIBERCULTURA, CIDADANIA E JUVENTUDE

A partir de agora, buscaremos compreender a constituição dos processos midiáticos na esfera pública para o exercício da cidadania. Analisaremos ainda as características do ciberespaço, suas possibilidades libertadoras e os bloqueios constituídos, além de perceber como os movimentos da juventude da periferia articulam sua ação político-cultural com esses processos e suas táticas de libertação. Por fim, adentraremos propriamente no dia a dia midiático dos nossos cinco jovens para descobrir como se conectam ou deixam de se conectar.

2.1 Cidadãos Comunicadores

O profundo processo de digitalização e convergência midiática em um contexto de consolidação de sociedades democráticas na América Latina nos faz questionar como se transformam os modos de participação cidadã e como o conceito habermasiano de Esfera Pública se apresenta ou se transforma para explicar práticas emergentes de comunicação dos jovens em comunidades periféricas através das mídias digitais. Muitos creditam aos processos de globalização e midiaticização a base para a constituição de uma sociedade com espaços para uma cidadania e uma política global.

[...] A televisão e sobretudo a Internet fornecem o espaço global para o tráfego global de imagens, ideias e crenças que podem ser, manifestamente, compartilhadas. Como se ver e ouvir fossem compreender. Como se informação fosse conhecimento. Como se acesso fosse participação. Como se participação fosse efetividade. Como se comunidades de interesse pudessem substituir comunidades interessantes. Como se o bate-papo global, tanto o síncrono como o assíncrono, fosse comunicação (SILVERSTONE, 2002, p. 211).

Para discutir a constituição desse processo de cidadania comunicacional, vamos recuperar a ideia inicial de Habermas. "By 'the public sphere' we mean first of all a realm of our social life in which something approaching public opinion can be formed"⁵. É uma versão enciclopédica para a noção de Esfera Pública, que tem ainda mais um requisito, "Access is guaranteed to all citizens"⁶ (HABERMAS, 1974, p. 49). Essa ideia núcleo, estilizada a partir da ágora – local onde se debatiam ideias de interesse comum na democracia grega antiga – mantém-se como uma "autêntica força normativa" desde o renascimento europeu, no século 15, até os nossos dias.

⁵ "Por 'esfera pública', queremos dizer, antes de tudo, um domínio da vida social no qual pode se formar algo como a opinião pública" (Tradução Livre).

⁶ "O acesso é garantido a todos os cidadãos" (Tradução Livre).

a esfera pública continua sendo, sempre ainda, um princípio organizacional de nosso ordenamento político. Ela é, evidentemente, algo mais e outra coisa do que um fragmento de ideologia liberal de que a social-democracia pudesse desfazer-se sem prejuízos (HABERMAS, 1984, p. 17).

Enquanto esse princípio básico das sociedades democráticas modernas, não significa que a formação social esteja subordinada a ele, “mas o próprio modelo ideológico é que manteve ao longo dos séculos a sua continuidade, uma continuidade exatamente nos termos da história das ideias” (HABERMAS, 1984, p. 16).

Luhmann, dentro da sua teoria sistêmica, também adota uma conceituação para a Esfera Pública. “A esfera pública [...] é um *medium* social geral de reflexão que registra a intransponibilidade das fronteiras e, inspirado nisso, o observar das observações” (LUHMANN, 2005, p. 170).

“Esfera pública” é a expressão que se consolidou, em português, para traduzir a expressão alemã *Öffentlichkeit*, que pode ser literalmente traduzida como “publicidade” (GOMES, 2006, p. 52). No entanto, para Wilson Gomes existe um deslocamento na tradução e no uso corrente em português e em inglês que não é adequado à ideia original de Habermas. Fraser (1990), por exemplo, descreve a esfera pública como um teatro, uma arena, um sítio. Wilson Gomes usa figuras do soneto de Gregório de Matos Guerra sobre a Cidade da Bahia para melhor traduzir a ideia.

Öffentlichkeit é a propriedade comum àquilo que é disponível, acessível, sem reservas, é a condição das coisas e fatos naquilo que neles é aberto, visível, exposto. A *esfera pública*, entretanto, antes que o domínio a que é pertinente tudo aquilo que é público, acaba sendo entendida com a arena pública, o *locus* onde se processa a conversa aberta sobre os temas de interesse comum, o espaço público. Em outros termos, a velha *Öffentlichkeit* é a condição a que se submetem as coisas tratadas na praça e no terreiro, a propriedade de abertura, de publicidade que caracteriza tais coisas nesta circunstância, enquanto a esfera pública tende a ser compreendida como a própria praça e o próprio terreiro onde as coisas são tratadas abertamente (GOMES, 2006, p. 55).

A Esfera Pública, adotando a tradução proposta por Gomes, seria caracterizada por um grupo de cidadãos que se comportam enquanto um corpo público quando discutem, de modo irrestrito – ou seja, com garantia de liberdade de reunião e associação, além de liberdade de expressão e publicação – assuntos de interesse geral (HABERMAS, 1974, p. 49).

No entanto, o conceito de esfera pública não se mantém estático ao longo da modernidade. Para Wilson Gomes, “aparentemente, cada modelo de vida social tem a sua específica *Öffentlichkeit* que se configura, entre outras coisas, a partir das matérias que lhe são próprias e dos agentes sociais autorizados a constituí-la” (GOMES, 2006, p. 52). Mesmo Habermas aponta transformações na passagem da sociedade liberal ao Estado de bem estar social europeu. Para ele, graças à difusão da imprensa e da propaganda, aquele corpo

público pode se expandir além dos domínios da burguesia e perdeu, não somente sua exclusividade social, mas também a coerência criada pelas instituições sociais e o alto nível educacional da burguesia (HABERMAS, 1974, p. 54).

Neste momento, Habermas toca em dois pontos importantes na constituição do conceito de Esfera Pública. O primeiro deles diz respeito diretamente à mídia, o que para Wilson Gomes foi a grande novidade na obra do alemão: "a ideia de que ela estava mudando estruturalmente nos últimos tempos, principalmente em função da comunicação e da cultura de massa" (GOMES, 2006, p. 53).

Habermas aponta uma transformação na imprensa à medida em que vai se comercializando a partir da segunda metade do século 19. De instituição de pessoas privadas, a imprensa passou a ser um "pórtico de entrada de privilegiados interesses na esfera pública". Com o advento das mídias audiovisuais no século 20, a força do capital e a incomensurabilidade do poder jornalístico-publicitário, as novas mídias transformam-se "de instituições privadas de um público de pessoas privadas passam a instituições públicas" (HABERMAS, 1984, p. 218-220).

Essa transformação da imprensa e da mídia teve consequências diretas sobre a conformação da Esfera Pública.

Os meios de comunicação de massa alcançaram, por um lado, uma extensão e uma eficácia incomparavelmente superiores e, com isso, a própria esfera pública se expandiu. Por outro lado, também foram cada vez mais desalojados dessa esfera e reinseridos na esfera, outrora privada, do intercâmbio de mercadorias; quanto maior se tornou sua eficácia jornalístico-publicitária, tanto mais vulneráveis se tornaram à pressão de determinados interesses privados, sejam individuais, sejam coletivos (HABERMAS, 1984, p. 221).

Luhmann nos propõe uma função específica para a mídia no seu contexto de Esfera Pública. Para ele, os meios de comunicação não produziram a Esfera Pública, mas a representariam para todos os outros sistemas.

A função dos meios de comunicação estaria assim não na produção, mas na representação da esfera pública. Aqui se trata de "representação" no sentido "contraído", reduzido. Exatamente pelo fato de a "esfera pública" sempre descrever para todos os sistemas, até mesmo para os próprios meios de comunicação, o outro lado, inacessível, dos limites desses sistemas e não poder ser individualizada em sistemas participantes determinados, é necessário representá-los na forma de construções de realidade nas quais todos os subsistemas, a saber, todos os homens, podem participar, sem que disso nasça uma obrigação de proceder de uma determinada forma (LUHMANN, 2005, p. 171).

O segundo elemento apontado por Habermas é a diversificação da Esfera pública, a partir do advento do estado de bem estar social, com isso, conflitos, até então restritos à esfera privada, invadem a esfera pública e tensionam o Estado a regular suas necessidades não satisfeitas pelo mercado autorregulado. "The public sphere, which must now mediate

these demands, becomes a field for the competition of interests, competitions which assume the form of violent conflict”⁷ (HABERMAS, 1974, p. 54).

No entanto, Fraser aponta que Habermas falha ao examinar outras esferas públicas e, assim, acaba por idealizar a Esfera Pública Oficial sem contar que sempre houve uma pluralidade de públicos em competição e que as relações entre a burguesia e outros públicos sempre foram conflituosas. Desde o começo, os contrapúblicos contestavam as normas exclusivas do público burguês e elaboravam estilos alternativos de comportamento político e normas alternativas de discurso. A burguesia, por sua vez, sempre tentou bloquear uma maior participação do público (FRASER, 1990, p. 61) já que controla os meios de produção.

Wilson Gomes aponta mais uma limitação à ideia de uma esfera pública homogênea, dada a impossibilidade de determinar um só público para os grandes debates sociais e políticos.

em uma sociedade de massa e de cidadania estendida não há mais como conceder valor nacional aos poucos públicos que se reúnem aqui e ali para a discussão face a face. Esses públicos já não representam a esfera civil. Perde-se o face a face e, ademais, com o fim das assembleias, perde-se a capacidade civil de concluir discussões (GOMES, 2006, p. 58)

Gomes aponta ainda a dificuldade de se garantir os princípios básicos para o funcionamento da Esfera Pública nas sociedades midiaticizadas contemporâneas, já que, cada vez mais, dependemos dos meios de comunicação para garantir o debate civil que, “por sua vez, dificilmente se dispõem apenas a mediar, por amor cívico, a grande discussão da comunidade política nacional” (GOMES, 2006, p. 58).

Nesse sentido, o caso brasileiro parece emblemático. A ideia da comunicação enquanto direito ainda não amadureceu de forma suficientemente democrática. A alta concentração dos meios de comunicação – conformando oligopólios ou monopólios regionais e nacionais –, e a falta do “amor cívico”, impedem que grandes questões sociais e políticas reverberem através da grande mídia. Se Habermas propõe a necessidade da participação dos cidadãos no debate social, por aqui nos limitamos a garantir o direito à informação, ainda assim de forma parcial, já que a diversidade de interesses, ideias, origens étnico-raciais, preferências religiosas, opções sexuais e causas minoritárias não encontram espaço nos meios de comunicação.

É o caso do tratamento conferido à Reforma Agrária, aos movimentos de luta por direitos sociais ou à violência na periferia das grandes cidades. É o caso do bairro do Guarapes, estigmatizado pelos processos midiáticos que condenam todo e qualquer cidadão

⁷ “Agora, a Esfera Pública que deveria mediar essas demanda torna-se um campo para a competição de interesses, competições que assumem a forma de violentos conflitos” (Tradução Nossa).

ali residente por tráfico de drogas ou outros crimes atroz, como pode-se observar em qualquer noticiário televisivo.

Se a constituição da(s) esfera(s) pública(s) passa a depender, cada vez mais, dos meios de comunicação, precisamos começar a atuar na direção da garantia do segundo elemento fundamental ao direito à comunicação. Além de ter o direito de se informar, o cidadão deve ter a possibilidade e a capacidade de se comunicar, de transmitir informações, de fazer-se ouvir. A disseminação da internet traz possibilidades de democratização desse debate e tem potencial para transformar-se, ela própria, em uma esfera pública, conforme a noção de Gomes.

a esfera pública não é um terreiro ou uma praça onde se conversa sobre os negócios do estado e do interesse civil, mas é a própria conversa ou debate que aí se processam. De alguma maneira, essa concepção autoriza que se pense que onde há conversa, debate circulação de ideias e informações aí há esfera (de argumentação) pública. Como a Internet, por exemplo, é basicamente uma rede de discussões e circulação de informações e um repertório de ideias, a Internet não poderia deixar de ser uma esfera pública (GOMES, 2006, p. 56).

Para compreender como a internet pode se configurar enquanto esfera pública, precisamos conhecer suas características e um pouco do seu desenvolvimento. O elemento inicial dessa discussão é o papel ocupado pela tecnologia nos processos sociais.

2.2 As redes e a Cibercultura

Antes de falarmos diretamente da internet, devemos circular em torno de um conceito que a precede. Milton Santos entende que, ao observar uma rede, é necessário distinguir entre o seu elemento infraestrutural, que permite

[...] o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação' [N. Curien (1988, p. 212)] (apud. SANTOS, 1999, p. 209).

Isto, no entanto, não é suficiente para que a rede se constitua. A rede precisa de movimento e de fluxos, que só se constituem social e politicamente. São as pessoas, suas mensagens e seus valores, em movimento, nos fluxos de uma rede que a fazem existir. "Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração" (SANTOS, 1999, p. 209).

As redes são técnicas, mas também são sociais. [...] Animadas por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos – que constituem suas bases técnicas – mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e

não-passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico que é o movimento social (SANTOS, 1999, p. 221).

Assim, é importante observar como a conexão dos frágeis pontos fixos da rede no Guarapes com os jovens da Posse e as navegações que fazem nas ondas da internet podem trazer novas e múltiplas possibilidades de anticonfigurações dos valores da modernidade. Canclini (2008, p. 52) aponta para duas características que potencializam o elemento interativo da internet. Em primeiro lugar, para os internautas "as fronteiras entre épocas e níveis educacionais se esfumam [...] as culturas dos que são vizinhos e a dos que estão distantes tornam-se espantosamente acessíveis. 'Familiarizam-se'". Do ponto de vista da ação no consumo, o internauta leva vantagem sobre o telespectador pois "tem mais recursos para trabalhar na edição dos materiais, interromper e selecionar, ir e voltar" (Canclini, 2008, p. 52).

As possibilidades interativas da internet podem nos levar a superestimar as mudanças de hábito de seus usuários. Ainda que o elemento tecnológico não seja, de imediato, agente de mudança, como se observou com o surgimento da televisão e das demais tecnologias da informação e comunicação, precisamos observar o contexto e o ambiente em que se inserem as novas ferramentas. Canclini (2008, p. 53) dá especial atenção para resultados de pesquisas que apontam para transformações da sociabilidade de jovens que coincidem com a adoção de novas tecnologias de comunicação.

Wolton (2003) sugere que a convergência tecnológica não somente traz mudanças técnicas ao reunir diversos serviços em um só terminal, é também uma transformação cultural, pois reúne atividades que estiveram separadas durante séculos. Mas tal processo não deve, para ele, ser superdimensionado tal como faz a ideologia tecnológica, que chega a "crer que o avanço técnico é o principal fator de mudança, o modelo cultural e o projeto social sendo considerados como secundários" (WOLTON, 2003, p. 208).

Para ele a mudança social não está condicionada à mudança técnica e sim a um contexto sociocultural que a respalde.

No momento em que se tem a impressão de uma continuidade enfim possível entre tecnologia e conteúdo, entre tecnologia e sentido, é preciso, ao contrário, redobrar a vigilância para distinguir o mais claramente o que diz respeito à performance da técnica e o que provém da capacidade humana e social de comunicação (WOLTON, 2003, p. 97).

A internet tem, então, uma multiplicidade de usos e impactos possíveis sobre comunidades locais e virtuais. Para Wolton, "a Web torna-se uma figura de utopia, de uma sociedade onde os homens são livres, capazes de se emancipar por eles mesmos. Nada disso é falso e corresponde ao espírito da nossa época" (2003, p. 86).

O pensamento de Wolton nos traz novamente o tema da impossível neutralidade da tecnologia. Tauk Santos aponta que esta era uma preocupação de autores como Williams e Schiller. Para eles, segundo a autora, "as tecnologias de comunicação não são autônomas e sim resultado de um complexo de intenções, de projetos que, num determinado momento da história de uma sociedade, refletem as suas principais preocupações" (2009, p. 47).

Pierre Lévy refuta a ideia do impacto causado pela tecnologia, seja sobre as pessoas, seja sobre a cultura ou a sociedade. Pensando em três entidades – a tecnologia, a sociedade e a cultura – Lévy propõe que, da mesma forma que pensamos o impacto da tecnologia, poderíamos pensar que a tecnologia é fruto de uma sociedade e uma cultura. O autor defende que as tecnologias não determinam, porém condicionam a cultura e a sociedade, o que quer dizer que este condicionamento abre algumas possibilidades e que algumas opções culturais não poderiam ocorrer sem a presença dessas técnicas.

Por outro lado, "muitas possibilidades são abertas, e nem todas serão aproveitadas. As mesmas técnicas podem integrar-se a conjuntos culturais bastante diferentes" (LÉVY, 1999, p. 25). Para Lévy, nesse processo de condicionamento da cultura e da sociedade, a técnica não assumiria nenhum caráter positivo, negativo, ou mesmo neutro. E alerta

acreditar em uma disponibilidade total das técnicas e de seu potencial para indivíduos ou coletivos supostamente livres, esclarecidos e racionais seria nutrir-se de ilusões. Muitas vezes, enquanto discutirmos sobre os possíveis usos de uma dada tecnologia, algumas formas de usar já se impuseram. Antes de nossa conscientização, a dinâmica coletiva escavou seus atratores. Quando finalmente prestamos atenção, é demasiado tarde (LÉVY, 1999, p. 26).

A interação entre a técnica, a cultura e a sociedade assume, em nossa pesquisa, um papel fundamental. É ela quem guia nossas incursões junto ao contexto social dos jovens da comunidade do Guarapes, seus movimentos culturais e sua participação em certa cultura digital ou cibercultura, conceito gerador de Lévy (1999). Devemos, então, seguir rumo ao ciberespaço e participar da cultura deste lugar. Mas qual seria sua localização?

Para começar, Lévy aborda uma característica importante da cibercultura: a velocidade das mudanças. Para ele, o digital é dotado de uma fluidez que o mantém em permanente mutação e o tornam ameaçador para muitos.

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como 'novas tecnologias' recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é a atividade dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica (LÉVY, 1999, p. 28).

Outro elemento fundamental para compreender a cibercultura é a "inteligência coletiva". Lévy a considera um dos "motores da cibercultura", mas lhe aponta o caráter

excludente, pois ao mesmo tempo que busca um movimento de estabilização da mutação técnica, trabalha para sua aceleração (desestabilizadora e excludente) (LÉVY, 1999, p. 30).

A arquitetura da internet é a base para a construção do ciberespaço, lugar privilegiado da cibercultura. Como princípio orientador, o ciberespaço não tem um conteúdo particular, se caracteriza pelo vazio, sem centralidade ou direção. "Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for sua carga semântica das entidades relacionadas" (LÉVY, 1999, p. 111). Essa característica aproxima a noção do ciberespaço à ideia do acesso universal à Esfera Pública habermasiana e, para Lévy, transformaria o modo de nos organizarmos em sociedade, já que cada nó da imensa rede é, potencialmente, um receptor, mas também um emissor de informações com capacidade para reorganizar os fluxos globais da rede (LÉVY, 1999).

Aliás, essa foi a grande novidade da internet. A destruição de parte da rede não representaria sua desativação, já que os outros pontos permaneceriam conectados, driblando as rotas fechadas. Se isso é verdade para os sinais elétricos, pode não ser tão simples para os fluxos vivos de informação na rede. Lévy (1999) já reconhecia, entretanto, que tal universalidade do ciberespaço não seria neutra e que, então, no futuro a interconexão teria repercussões econômicas, políticas e culturais – algo que nosso presente não deixa de confirmar com exemplos diversos de bloqueios políticos e econômicos conformando obstáculos à livre circulação das informações na rede.

Stockinger aponta ainda a direção aonde se dirige a cibercultura.

Tal construção de um realidade virtual amplia suas fontes com a incorporação da cibercomunicação via Rede, que se tornou uma peça chave para o desenvolvimento da sociedade da comunicação. Conectado à rede, a sociedade da comunicação ganha condições sociogenéticas e criatividade adicionais (STOCKINGER, 2003, p. 282).

A internet no bairro do Guarapes ganha um sentido em seu processo de institucionalização e socialização. Para Canclini, a transformação tecnológica e sua repercussão nas práticas sociais nem sempre se dá de forma contraditória às culturas tradicionais, existem possibilidades originais e democratizadoras de apropriação, experimentação e comunicação, "mas as novas tecnologias não só promovem a criatividade e a inovação. Também reproduzem estruturas conhecidas" (CANCLINI, 2003b, p. 308-309).

É preciso, então, observar os principais movimentos e desenhar cenários futuros para nos prepararmos para eles, cenários em que haverá, cada vez mais, maiores possibilidades de acesso à rede. Ou mesmo agora, quando as mudanças podem ser consideradas restritas, "sua influência é grande, pois estão relacionadas com processos básicos da história contemporânea, como o desenvolvimento do capitalismo financeiro, da sociedade da

vigilância e ainda de alguns problemas graves da sociedade contemporânea” (Ford, 2004, p. 94).

De qualquer maneira, Martin-Barbero aponta para outra componente da análise dos processos de globalização da comunicação, já que, além dos deslocamentos de capital e inovações tecnológicas, transformam a cultura cotidiana das maiorias, os modos de “estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente expressam e legitimam” (Martin-Barbero, 2004a, p. 62-63). É essa cultura cotidiana que nos interessa a partir de agora.

Para Druetta, a internet reúne novas características midiáticas que a tornam “um novo meio de comunicação suficientemente revolucionário para nos levar a pensar desde outro ponto de vista nos papéis dos atores no processo comunicativo” (Druetta, 2009, p. 57).

Do lado de cá da rede, os cenários descritos por Levy ganham contornos contraditórios. A arquitetura do ciberespaço e as possibilidades trazidas pela tecnologia não se concretizam para os jovens do Guarapes. A rede não se constitui plenamente como propôs Milton Santos, pois carece de estabilidade (pontos fixos) para garantir os movimentos sociais que lhe garantiriam a dinâmica dos fluxos. Ao menos é assim que a conexão do Guarapes aparece à primeira vista: instável e enrijecida pelas condições locais de acesso.

A baixa velocidade e o elevado preço na conexão para a população, não só comprometem a formação da rede, mas também privam os cidadãos de aproveitarem potencialidades que seriam abertas pela tecnologia. E se nem todas as possibilidades seriam aproveitadas, no Guarapes, a maior parte delas nem chegaria a ser possível sem as movimentações promovidas pelo grupo de jovens da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia. Movimentos que surgem a partir da cultura e apostam na tecnologia para tentar vencer os problemas sociais com que convivem cotidianamente.

2.3 Juventude, Mídia e Cotidiano

Nem sempre os jovens foram vistos de maneira positiva. O conceito de juventude variou bastante ao longo do século 20. Em uma de suas versões mais simplistas, seria uma fase de transição entre a infância e a idade adulta – quando algum desvio no processo teria resultados no comportamento delinquente ou rebelde. Para o IBGE, ser jovem é estar enquadrado na faixa etária dos 15 aos 24 anos – o que corresponde a 25,8% da população brasileira, mas que no Guarapes alcança, como já dissemos 54,4% da população residente

no bairro (IBGE, 2011). Desenhada desta forma, a ideia de juventude não leva em conta as diferenças existentes, por exemplo, entre os jovens da classe média natalense e os jovens do Guarapes.

Na ótica da classe média, os jovens devem, naturalmente, aproveitar o tempo livre para os estudos e o lazer, ter mais tempo para se desenvolver e demorar mais tempo para chegar à idade adulta. Mas se olharmos para as classes trabalhadoras, observamos que a juventude ganha outros contornos e limites (Catani; Gilioli, 2008). O acesso aos estudos nem sempre é possível, e quase sempre não resulta em ascensão social. Os jovens são instados a ingressarem no mercado de trabalho mais cedo e comumente formam sua própria família quando ainda deveriam estar na escola básica.

Mas os jovens das periferias brasileiras – que começaram a ganhar visibilidade a partir de meados dos anos 1990 – também se organizam para atuar politicamente. Marca que tem se tornado uma das características da juventude contemporânea em sua busca de alternativas à família e à escola, ocupando espaços públicos e organizando seu lazer de forma peculiar (Catani; Gilioli, 2008).

Há ainda uma vertente que entende ser necessário ocupar os jovens, conferir-lhes responsabilidades, fazer com que assumam um papel que, muitas vezes, não deveria ser deles ainda. Exigem que os jovens sejam protagonistas, assumam a liderança no combate à violência, pelo fim da pobreza e das desigualdades. Essa é uma das novas formas de lidar com a política, de tratar a mudança social, que agora, seria

concebida como alteração imediata e quantificável de uma situação específica, considerada negativa, e que atinge um número determinado de pessoas. [...] um tipo de "participação" baseada na atividade, em realizações 'concretas', ou seja, em *fazer* (Souza, 2006, p. 11).

No Guarapes, os jovens da Posse de *Hip Hop* não pensam somente na música, nas danças e na arte do grafite. Eles também têm projetos políticos, mas não se enquadraram na proposta política apoiado pelo discurso do protagonismo – como já descrevemos no capítulo anterior.

Esses projetos políticos começam por reconhecer uma transformação no conceito de juventude. Não há limite de idade para a participação no grupo, não há fichas de cadastro ou carteiras de sócio. Para ser jovem na Posse, não é preciso se encaixar em nenhum conceito definido, basta assumir o espírito jovem da transformação da sua própria realidade através da cultura do *hip hop*.

Para Norma Takeuti, foi o *hip hop* que lhes deu oportunidades para experimentar não somente novas expressões artísticas, mas também promover deslocamentos físicos e cognitivos que lhes abriram espaço para outras experimentações (2009, p. 336).

Se a estética do *hip hop* tem seduzido “jovens periféricos” é porque nela a arte e a vida se conectam [...] A realidade social vivida, os interesses da vida cotidiana e os desejos reprimidos vão sendo falados/cantados/dançados/desenhados num ritmo e som que os estimulam a repensar sua existência social (Takeuti, 2010, p. 18).

Os movimentos políticos da Posse de *Hip Hop* ainda não são intelectualmente e politicamente maduros para atuação nos espaços instituídos da sociedade. São antes de tudo,

experimentações sociais ousadas de jovens que, ao experimentar incessantemente as crueldades sociais, cujo o objeto é o indivíduo das bordas sociais, obtiveram, ao menos, uma certeza: a de que eles não podem permanecer inertes (Takeuti, 2009, p. 340).

E eles já buscam a ocupação de espaços da política institucionalizada tradicional. Participam de conferências, discursam em audiências públicas, disputam vagas no conselho comunitário. E, na lan house do próprio bairro, também buscam constituir espaços de atuação dessas novas e ousadas experiências através da internet. São eles quem bancam o custo da própria conexão para terem acesso às redes sociais, entretenimento, conteúdos culturais e informações. E no ciberespaço, demonstram uma singular desenvoltura diante das novas tecnologias.

Em pesquisa de Borelli, Rocha e Oliveira, a comunicação assume papel fundamental das culturas juvenis. Essa esfera comunicacional e midiática é constituinte e essencial à compreensão tanto das práticas cotidianas juvenis, quanto de seus imaginários, concepções de mundo, desejos, medo e frustrações” (Borelli et al., 2009, 18).

As pesquisadoras se questionam se não seriam os jovens

portadores privilegiados de novas capacitações sensoriais, habilidades estas aptas a apreender o mundo e a produzir e se apropriar das informações por mecanismos de simultaneidade – e não mais de passagem ou alternância –, traço privilegiado na caracterização de um nomadismo sensorial particular, demandado pelas novas mídias e novas tecnologias (Borelli et al., 2009, p. 17).

Reunimos agora os jovens de um bairro periférico, com uma série de carências sociais e econômicas, com dificuldade de acesso às políticas públicas fundamentais, porém, conectados a esta rede sem centro e sem diretriz. Seria possível que os internautas do Guarapes emitissem informações a ponto de reorganizar os fluxos de comunicação globais? Em teoria, a tecnologia permite isso, mas há muitos obstáculos. Stockinger aponta que

Na sociedade atual, o que determina muitas vezes as posições sociais, é o acesso ou não a tecnologia de comunicação, o que coloca a questão da *digital divide*, ou seja da inclusão ou exclusão digital. Enquanto esta condição [...] não estiver preenchida, a sociedade da comunicação não se desenvolve plenamente (STOCKINGER, 2003, p. 278).

Para ele, desde que a humanidade transformou seus modos de agregação graças à mídia, passamos a operar com um princípio de "inclusão geral". Ele aposta que, apesar das desigualdades políticas, econômicas e culturais, o sistema de comunicação mundial atua para unir diferenças e que os indivíduos conectados recebem informação suficiente para reproduzi-lo a escalas mais amplas (STOCKINGER, 2003, p. 279).

Entretanto, a construção da sociedade da comunicação não tem seguido os princípios orientadores do ciberespaço, mesmo que tantos discursos valorizem a contemporaneidade do conceito. Também a publicidade da globalização tem sido eficaz em divulgar seus valores positivos. A conexão, o encurtamento das distâncias, as possibilidades de participação.

Esta globalização imaginada pode ser explicada pela heterogeneidade na constituição das redes que promovem os fluxos necessários para concretizá-la (ou para simular sua existência). Milton Santos explica que

num mesmo subespaço, há uma superposição de redes, que inclui redes principais e redes afluentes ou tributárias, constelações de pontos e traçados de linhas. Levando em conta seu aproveitamento social, registram-se desigualdades no uso e é diverso o papel dos agentes no processo de controle e de regulação do seu funcionamento (SANTOS, 1999, p. 214).

Com tantos desejos envolvidos, é difícil não ser conquistado pelas promessas globalizantes. Só que é preciso retomar as reais consequências de um processo globalizador que encurta distâncias, mas consolida barreiras – algumas vezes invisíveis, muitas vezes intransponíveis.

Para Renato Ortiz, o processo de globalização não é homogeneizador. Ao contrário, ele trabalha no sentido do nivelamento cultural e da desagregação do mundo subdesenvolvido.

A globalização provoca um desenraizamento dos segmentos econômicos e culturais das sociedades nacionais, integrando-os a uma totalidade que os distancia dos grupos mais pobres, marginais ao mercado de trabalho e de consumo. O Terceiro Mundo vive um processo de desagregação enquanto entidade homogênea (ORTIZ, 1998, p. 179).

Ortiz aponta para as antinomias implícitas no discurso da globalização. Para ele, a fragmentação, diversidade e descentramento não significam descontrolado ou democracia. Pois, ao mesmo tempo que se descentralizam as atividades, é preciso controlar ainda mais os fluxos de informações a partir de centros decisórios, muitas vezes, isolados de seus contextos geográficos (Ortiz, 1998).

O local não está necessariamente em contradição com o global, pelo contrário, encontram-se interligados [...] é tempo de entender que a globalização se realiza através da diferenciação (ORTIZ, 1998, p. 181).

Stuart Hall (2005) sugere que a periferia sempre esteve aberta às influências do centro. A ideia de pureza dos “nativos” da periferia e de que os lugares exóticos seriam intocados, nada mais é que uma ideia do “ocidente”, mesmo que, na periferia, o efeito pluralizador da globalização tenha um ritmo mais lento.

Canclini (2007) nos traz um outro olhar

Para milhões, o problema não é manter 'campos sociais alternativos', mas ser incluídos, chegar a se conectarem, sem que isto atropela sua diferença nem os condene à desigualdade. Em suma, ser cidadãos em sentido intercultural (CANCLINI, 2007, p. 66).

Talvez seja isto o que buscam os jovens da Posse de *Hip Hop* no Guarapes. Busca que, no entanto, não segue a racionalidade estratégica, não acompanha os desenhos institucionais tradicionais e, sendo assim, não pode ser observada pelas lentes tradicionais.

Temos que observar

não a racionalidade estratégica de “atores sociais” num tipo específico de ação, mas sim a sensibilidade que os guia em sua imaginação tática e astuta em seu cotidiano de pobreza e em sua movimentação no interior de um terreno árduo que lhes disponibiliza, na maior parte das vezes, senão “restos, sucatas ou sobras” do sistema social (Takeuti, 2009, p. 344).

A partir de agora, devemos focar nosso olhar no cotidiano midiático dos cinco jovens da posse de *hip hop* (apresentados no capítulo 1) que nos acompanham nesta pesquisa em busca de perceber como se traduzem as experimentações políticas e culturais do grupo em suas relações com a mídia, especialmente a internet.

2.4 A mídia de cada um

Não há vida no mundo contemporâneo sem a participação da mídia, já discutimos isso no nosso primeiro capítulo. Ainda mais quando tratamos de um grupo de jovens urbanos que se movem globalmente, a partir de uma cultura disseminada midiaticamente por muitas periferias ao redor do mundo. Já conhecemos os sujeitos da nossa pesquisa no capítulo 1. Agora vamos passear pelo cotidiano midiático de cada um deles e nos aproximar, cada vez mais, do foco da nossa pesquisa. Não somente saberemos quais mídias e por quanto tempo as utilizam, mas teremos um panorama que nos permitirá verificar onde encontramos a internet na vida de cada um dos nossos personagens reais – o que responde ao primeiro objetivo desta pesquisa.

Afro quase não sai do Guarapes. Como só trabalha para a Posse, seu dia a dia se limita ao próprio bairro. Quando vai mais longe, vai até o “assentamento” - um loteamento

de casas um pouco mais distante do conjunto principal do bairro. À pé ou de bicicleta, Afro está sempre em movimento – e quase sempre bem apressado. “É tudo aqui perto de mim. Meu dia a dia é isso”.

Se o corpo de Afro raramente sai do Guarapes, sua mente alça voos altos e distantes. Vai e vem ao redor do mundo desde a hora em que acorda até a hora de dormir. E a primeira decolagem do dia é através da TV. “Acordo de manhã, já ligo a televisão e vou tomar banho”. Seu dia começa com os telejornais. O Bom Dia Brasil, da Rede Globo é o preferido. “Gosto mais na sexta-feira, que é o resumo da semana todinha”. Mas ele também acompanha um noticiário local na Record, no entanto, a localidade está bem distante, “é o cara de São Paulo que fala, um gordinho” que conta as notícias voltadas ao público local da capital paulista: o trânsito, o tempo, acontecimentos que interessariam apenas os moradores dali, mas que chamam à atenção de Afro por aqui. “Fico assistindo até quando acabo de tomar café e saio”.

No fim da manhã, a volta para o almoço e a televisão, que vem de sobremesa.

depois que almoço... Globo Esporte, quem gosta de futebol, é um programa que assisto muito. E aquele da Band, de esporte também. Tem a RedeTV, mas não é muito relevante. É mais de esporte. Como não tem SporTV, que lá em casa não é Sky. Eu assisto esses que eu gosto (Afro, 39 anos).

Antes da soneca da tarde, um filme, só que em DVD. Acoplado ao televisor, o aparelho liberta o telespectador da antena e transforma o equipamento em uma central multimídia que, além dos filmes, toca músicas em CDs, MP3 e shows de músicos em DVD. Limitadamente, cada um faz a programação que quiser na televisão de casa.

Depois da soneca, entre 15h30 e 16h, é a hora de aproveitar a internet na Lan House do Tônico, bem próximo à casa dele. “Quase todo dia, eu vou na internet”. Quando tem dinheiro, é claro. Ele até poderia usar de graça na casa de uma amiga, no próprio bairro, “mas não fico à vontade na casa dos outros. Ela diz que pode, mas não fico, não me sinto bem”.

Afro sonha com o dia que terá internet em casa, para ficar mais à vontade. Enquanto esse dia não chega, a casa de um amigo que vive em outro bairro é o único lugar onde se sente livre, já que não precisa se preocupar com o tempo ou o preço que vai pagar. Passa o dia inteiro conectado, troca ideia no MSN, salta de link em link e se perde nas ondas do ciberespaço. “As vezes, ele me chama pra praia e eu não quero ir, eu fico lá, aí fico só na internet mesmo”.

Na lan house, o tempo na internet é limitado ao dinheiro no bolso e a rotina é quase sempre a mesma. No entanto, mesmo sem dinheiro, Afro não vai ao telecentro público e gratuito do bairro. “Quando eu não tô com dinheiro, na hora, vem aquela coisa na minha

mente: não vou praquela telecentro passar 30 minutos. Não vou pra lá, não tem condição não”.

Cada valor exige uma atuação diferente na lan house. Com R\$ 2,00, “dá pra ver um bocado de coisa”; com R\$ 1,50, “tô olhando, mas já tô assombrado”; Com R\$ 1,00, “não dá tempo pra nada”. Afro tem crédito na lan house, mas não usa de jeito nenhum. “De tanto que eu acesso lá, a dona disse que eu posso pagar no fim do mês. Mas quero não, que eu 'avicio'. Já cheguei a ficar devendo 20 'conto' de internet num mês” (Afro, 39 anos).

Na internet, Afro construiu uma lista de favoritos

Vou ler meus recados, vou pro MSN [programa de mensagens instantâneas da Microsoft], o Orkut, vejo meus e-mails. O que tem de legal eu olho, tem umas coisas que eu apago. Gosto de ir naquele R7, ver as notícias. Às vezes, no Google, dou um rolezinho também, ver qualquer coisa (Afro, 39 anos).

Assim como na televisão, Afro também gosta de buscar notícias pela internet. Ele costuma acessar sites de notícias e gosta muito do R7 (Portal mantido pela Rede Record). Só que navegar na internet transformou o modo como Afro observa os noticiários, venham da internet ou da televisão. Ele acredita que a internet “mostra a realidade crua e nua. A televisão já é bem maquiada [...]. Ela bota um programa, se a população gostar, ela passa. Se não gostar, ela tira”.

À noite, a Lan House fica sempre muito lotada, o que piora ainda mais a velocidade da conexão. Com a cobrança por tempo, quanto mais gente para compartilhar, menor a velocidade e menor a produtividade na rede. E enquanto alguns se espremem para chegar ao ciberespaço por uma via limitada, Afro aproveita os espaços reais das ruas do Guarapes para interagir com os amigos. Só volta para casa depois das 21h. “Eu chego da rua, ligo a televisão”.

Antes de dormir, Afro gosta de ver programas de entrevistas, quase todos os dias, assiste ao menos uma parte do programa do Jô, na Rede Globo. Na terça, a preferência é por um programa transmitido pela TV Cultura. “'Provocação' [Provocações, com Antônio Abujamra]. Dou muito valor. Acho um programa muito digno, muito 'invocado', intelectual. Eles falam, dão ideia”. Resumo do dia: “Acho que a televisão tá na vida da gente 24 horas”.

Outro que não sai muito do Guarapes é Rafa. Ele também não trabalha fora da Posse e só estuda à noite no próprio bairro. Está concluindo o ensino fundamental em um programa de educação para jovens e adultos. Ele também costuma acordar com a televisão. Depois do café da manhã, assiste aos telejornais da manhã e fica um tempo vendo televisão antes de ir dar um rolé pelo bairro. Às vezes, Rafa também acompanha os noticiários policiais locais na hora do almoço, mas não é todo dia. À tarde, ele prefere uma diversão mais movimentada, bate uma pelada, sobe o morro e procura por comida – diz que dá pra

encontrar muita coisa em um passeio nas dunas que cercam o bairro, frutas conhecidas e exóticas e até macaxeira.

Rádio, não ouve quase nunca, mas adora ouvir música. A televisão vira aparelho de som quando ele coloca um CD ou DVD de música para tocar pelo aparelho de DVDs “quando não tem nada para fazer”. Duas vezes por semana, Rafa vai ao curso de defesa pessoal, perto de Ponta Negra. Na viagem de ônibus, tão longa quanto a minha rota inversa até o Guarapes, ele ouve música pelo celular. Antes, só ouvia rádio FM, agora, comprou um celular que toca MP3. Ele não gostava muito da seleção de músicas das emissoras locais, mas “às vezes passava um som legal”. Agora, ele pode fazer sua própria seleção.

Rafa não vai mais com frequência à lan house. “Ano passado eu usava quase toda semana, mas esse ano, eu uso uma ou duas vezes por mês. É mais pra olhar recado do Orkut”. Rafa já usou a internet pela manhã, mas também prefere à tarde. Ele passa no máximo duas horas e, além de ler e responder os recados, gosta de procurar novidades de música. “Deixo baixando e fico olhando os recados no Orkut e MSN”.

Para ele, a internet é o lugar de buscar referências para fazer sua própria música. É lá que ele encontra seu ritmo preferido, o rap da Jamaica. Rafa diz que, em uma hora, consegue baixar de quatro a cinco músicas. “A conexão daqui é meio devagar. Pra baixar um vídeo demora uns 10 ou 15 minutos”. É por isso que ele não esquece o pendrive quando vai acessar a internet. Além das músicas, ele também baixa imagens, fotos e complementos para os programas que usa no computador da Posse para suas composições musicais.

E é no Youtube que as coisas acontecem para Rafa. O Youtube é a principal fonte de referências para a produção musical de Rafa. É lá que ele entra em contato com a música de seus artistas favoritos. É lá que reúne as indicações que recebe dos amigos ou pelos recados nas redes sociais. E por lá, uma pesquisa leva à outra. “Conheço uns grupos da Jamaica, aí quando vou lá, aparecem uns que eu não conheço, mas clico para conhecer” (Rafa, 19 anos). A música é a constante na conexão de Rafa à internet. “Sempre baixo. É difícil eu entrar na internet e não baixar música”. E a música não vem descontextualizada. Rafa faz a busca de todas as informações da banda, vai ao site oficial, vê fotos, descobre o nome dos componentes, mesmo que tudo esteja em inglês – neste caso, pede ajuda de tradutores on-line.

Para aproveitar melhor as duas horas, o procedimento é bem definido. “Abro o MSN, minimizo. Abro o Orkut, olho os recados, minimizo também, abro o Youtube e vejo o que tem de bom”. Ele também procura músicas nos sites de compartilhamento de arquivos, como o 4shared ou Rapidshare. E no Youtube, onde não é permitido baixar os arquivos, “eu levo um programa que baixa sempre no meu pendrive. Quando chego lá, instalo o

programa, baixo o vídeo e desinstalo o programa para não deixar pista". Sem dinheiro para internet, o jeito é sair com o pendrive cheio e passar vários dias para consumir tudo no computador da Posse e no celular, que agora toca MP3.

Nas redes sociais e mensageiros instantâneos, a música também é o assunto. Rafa fala com o pessoal que faz música sobre as novidades e sobre os eventos que passaram e que virão. Não é gente de muito longe, grupos de bairros vizinhos, como Cidade Satélite e Felipe Camarão. Mas para ele, que não vai muito longe no dia a dia por falta de dinheiro, a internet é um passaporte para todo o resto do mundo onde não consegue chegar a pé.

Ao contrário de Rafa, Binho está com internet em casa. Mas não sabe até quando vai poder pagar pela conexão via rádio e sempre conectada. Tão conectada que ele nem assiste mais televisão. "As coisas que passam na TV não me interessam mais". Ao acordar, se não tiver nenhum compromisso, liga o computador imediatamente. Abre o MSN, olha se tem alguma mensagem de correio eletrônico, acessa o Google e começa a pesquisar sobre desenho, novos estilos de grafite, webdesign. Gosta muito de buscar videoaulas, "mas não é todo dia, tenho atividades".

Binho é muito prático no uso. Se precisa de alguma informação da internet para desenvolver seus trabalhos, vai direto ao Google. Se precisa fazer um cartaz, um folder, faz uma pesquisa para descobrir novas técnicas e descobrir modelos. Binho também desenvolve suas técnicas de grafite através do computador. Pela internet, descobre novos estilos, novas técnicas de pintura, assiste vídeos para buscar referências e descobrir como fazer por aqui. Muitas vezes, ele busca elementos na internet para compor o cenário no computador antes de colocar a mão na massa para fazer um grafite.

No dia que tem que sair de casa, Binho não passa perto do computador. Quando volta para casa, cansado, toma banho e passa um tempo com a companheira dele. Mesmo assim, o computador não fica sozinho, a esposa e as duas enteadas dele se revezam para fazer pesquisas, atividades escolares e se comunicar com amigos que moram bem longe.

Binho custa a admitir, mas ele não usa a internet só para os seus trabalhos de web-design e grafite. Ele também gosta de ouvir e baixar músicas e filmes, interagir com os conhecidos nas redes sociais e nos mensageiros instantâneos e jogar em rede através da internet. Ler notícias, "difícil, só quando interessa mesmo". Ele conta que só visita sites de notícias quando algum assunto lhe interessa. "Como o apagão que teve aí. Fui lá, pesquisei e lá tinha informando...". Mas Binho garante que a internet serve "mais para ampliar meu conhecimento".

Zeão tem uma rotina diferente. Ele é guarda municipal e trabalha em regime de plantões. Seu cotidiano varia de acordo com a hora em que vai sair para o serviço. Em

alguns dias, sai pela manhã, outros dias sai à noite. O que não muda é o telejornal. "Sou muito ligado em telejornal". Sempre assiste antes de sair para o trabalho, onde também acompanha os telejornais policiais para se "inteirar do local e do nacional" nas questões policiais. Na viatura, o meio de comunicação é o rádio digital conectado à central de informações da Polícia. Num dia de guarda, dificilmente tem acesso à internet. Mas outra noite, conseguiu um laptop com internet emprestados para fazer a declaração do imposto de renda na última hora.

Zeção aproveita os dias de folga do seu trabalho para desenvolver outras atividades. E o dia começa bem cedo com, claro, um telejornal. Depois do café da manhã, ele vai para o seu ateliê, onde pinta ou trabalha em uma atividade a que vem se dedicando ultimamente: a produção de vassouras recicladas de garrafas PET e alumínio. "Pra levantar essa bandeira de defender o meio ambiente". E a trilha sonora disso tudo é obrigatória, um CD de rap sempre girando no aparelho de som.

"Quando abuso de ouvir, aí, o velho radinho na MIX [FM], que é a rádio mais jovem de Natal [...]. Aí, dentre a programação da rádio MIX, eu também fico a par dos informes, sempre passa lá as informações: 'a prefeita isso lá, isso e aquilo...' ou 'tá acontecendo isso e aquilo lá...'; 'programação de eventos na cidade...'. Também é um meio de informação que eu tenho de obter, tá entendendo? (Zeção, 36 anos).

No mesmo ateliê, Zeção também pode acessar a internet com um plano econômico da operadora de celular. Mas ele não consegue ficar muito tempo no computador. "Utilizo da internet só quando é necessário realmente". Ele diz que é da geração da televisão e não da internet, além de ser um "cara muito prático", gosta de colocar a mão na massa, pintar, produzir, cortar, serrar. "Eu tive uma resistência muito grande à informática".

Cada vez que conecta, vai direto ao ponto:

Vejo meu e-mail, vejo meu Orkut, meu Facebook. Respondo isso e aquilo e faço as pesquisas que eu preciso. Somo algumas informações. Guardo lá para, em outra oportunidade, elaborar [...]. Hoje em dia, quem não conhecer de informática é um ignorante virtual... então, tudo leva à informática, tudo leva a esse universo aí.. e tipo assim, sempre quando necessário, faço uso dele, faço bom proveito dele (Zeção, 36 anos).

Como bom guarda, Zeção tem um procedimento-padrão para acessar a rede. Tudo começa com o e-mail, onde aparecem mais as informações relacionadas ao trabalho, informes do sindicato. Se tem alguma mensagem importante, já responde. Só depois segue para as redes sociais Orkut e Facebook. Ali, aparecem assuntos mais leves, faz contato com amigos de várias partes do país, mesmo assim, não tem paciência para ficar vendo fotos, saltando de perfil em perfil.

Contatos feitos, é a hora de aproveitar a internet para seus projetos pessoais. O Google é a porta de entrada no ciberespaço. Zeção faz pesquisas sobre Grafite, busca novas

técnicas, novas inspirações. Ao mesmo tempo, está muito interessado no cooperativismo, nas questões ambientais e nas possibilidades da reciclagem de lixo.

Ao contrário de Zezão e por causa do trabalho, Preto é um "cara on-line" das 8h até as 18h. "Eu 'tô' o tempo todo no Twitter, Facebook, Orkut, pesquisando no Google. Até porque eu estou trabalhando no site [da ONG onde trabalha] e a gente depende de atualização das informações". Até o rádio ficou on-line. Enquanto trabalha, sintoniza emissoras na web, coisa que não costuma mais fazer no rádio off-line.

Tem um monte de bagulho que eu uso aí que eu nem sei. Os fóruns de debate, os e-mails, as rádios. Na verdade, principalmente rádios. Eu coloco ali as rádios e fico concentrado o dia todinho. Eu consigo trabalhar e ouvir rádio o dia todinho que eu não se como consegui desenvolver isso. Mas eu escuto música e produzo.

Na hora do almoço, a internet do trabalho é só dele. Resolve questões bancárias, paga contas, faz compras na internet, busca músicas, baixa conteúdo para o seu pendrive, agenda e promove seu trabalho de DJ (que faz nos fins de semanas), organiza o set-list [lista de músicas que vai tocar em uma festa].

No horário de almoço, fico ali [aponta para o computador onde trabalha] na internet. Eu dizia até isso ao patrão que via... mas é o meu horário de folga, no intervalo que tenho, duas horas. Eu não tô indo mais pra casa. Eu fico aqui, então, eu aproveito pra pesquisar coisas novas (Preto, 27 anos).

Outra preocupação de Preto, é sua imagem no ciberespaço. Ele percebeu que tem muita gente de olho nele pelas redes sociais e tem que trabalhar a forma como aparece por lá. "Eu comecei a ter cuidado com a minha identidade visual nas tecnologias pra poder ganhar visibilidade e ter profissionalismo pra fazer um show".

Em casa, pela manhã, não sai para o trabalho sem acompanhar as notícias locais e nacionais na televisão. À noite, quando volta para casa, até assiste mais um noticiário televisivo, mas gosta mesmo é do entretenimento. Não abre mão dos jogos de futebol, principalmente os do seu time "mais querido", o ABC de Natal. Também assiste outros programas à noite. Todos de entretenimento, para "tirar o peso de tanta informação".

E fora a televisão, depois que sai do trabalho, Preto se desconecta completamente da internet, do mundo virtual e conecta-se apenas com seus "chegados", no mundo real. "Eu não quero transformar minha vida só através de contatos da internet. Eu acho importante o veículo, mas eu acho importante o contato pessoal, o dia a dia, as relações, os amigos". Ele até usa o telefone celular, mas "só se for para falar com as gatas".

Na internet, Preto sente falta de seus "contatos reais". Seus amigos da rua – mesmo com algum acesso à internet – dificilmente têm um cotidiano conectado como o dele e exigem que Preto se divida entre o seu mundo on-line, no ciberespaço, e o seu mundo da

rua, do bairro, que é, para ele, o seu mundo "real". Mais do que isso, Preto se divide entre o seu trabalho em uma das ilhas do "arquipélago digital" (Staubhaar, 2009) e o seu bairro, bem distante de lá, física e virtualmente.

O cotidiano midiático dos jovens com quem conversamos nos traz informações que serão preciosas para compreender, mais adiante, a atuação midiática de cada um deles no ciberespaço e nos espaços do *Hip Hop* em que atuam. Nossa primeira constatação é a virtual inexistência no cotidiano dos jovens de mídias impressas, como jornais e revistas reforçada pelo fato de não existir ponto de distribuição no bairro, como uma revistaria ou banca de jornais, nem mesmo em outros pontos de vendas como supermercados ou padarias. No domínio das mídias eletrônicas, o rádio também aparece pouco, mesmo quando tratamos com jovens produtores de música – o que nos indicaria um questionamento à programação das emissoras locais, que não dão espaço para culturas marginais e minoritárias e menos ainda para a música produzida localmente.

Restam à televisão e à internet, ocupar um papel dominante do cotidiano midiático dos jovens do grupo. A televisão, muito mais que a internet, quase ganha status de unanimidade entre os jovens com quem conversamos e participa do cotidiano de quase todos eles de forma intensiva. Quase sempre o aparelho ocupa lugar central na casa, quase sempre é ligado ao acordar pela manhã, quase sempre acompanha as refeições e embala o sono à noite. Conectada a uma antena local ou a uma parabólica (que acessa canais abertos via satélite), cumpre uma função informativa e de entretenimento sem exigir um custo de manutenção elevado, ainda mais por ser compartilhada entre todos os membros da família.

A televisão ganha, no Guarapes, uma sobrevida em relação a outras localidades da cidade. Dentro do "arquipélago digital", a geração de jovens como Preto, Rafa, Zezão e Binho assiste cada vez menos televisão e passa cada vez mais tempo na internet. E enquanto Zezão, no Guarapes, se enquadra na geração da televisão, jovens da mesma idade em um bairro mais abastado da cidade, como na zona sul, localizariam seus assentos na geração dos videogames, computadores e internet.

Acoplada ao aparelho de DVD, o televisor ganha ainda outras funções midiáticas no Guarapes, ou poderíamos chamar para-midiáticas. É através dele que os jovens assistem filmes, apresentações musicais ou videoclipes de seus artistas favoritos e ouvem as músicas que não tocam nas emissoras de rádio. Conteúdos que, apesar de estarem disponíveis na internet, majoritariamente, neste caso, circulam através de fluxos eminentemente locais e aparentemente desconectados.

CDs e DVDs, copiados de versões originais ou baixados da internet, são vendidos em bancas de camelôs no próprio bairro do Guarapes, em bairros vizinhos, nas feiras livres ou

nos centros comerciais do Alecrim e da Cidade Alta. São vídeos de *hip hop*, apresentações de dançarinos de break, referências visuais do grafite, nacionais e internacionais. Conteúdos encontrados facilmente e disponíveis rapidamente em uma conexão de banda larga, no entanto, para os jovens da Posse de *Hip Hop* Lelo Melodia, idealizadores e criadores da Bodega Digital, a música e a cultura *hip hop* parece seguir fluxos desconectados do ciberespaço.

É importante perceber, entretanto, que o CD ou o DVD que tocam através do televisor desses jovens não teria se concretizado sem uma conexão à internet – mesmo que esta tenha acontecido em um espaço e tempo anteriores. O custo de um disco seria muito mais elevado, o tempo que um conteúdo levaria para circular o globo seriam muito maior e os camelôs não teriam à disposição a diversidade e variedade que oferecem hoje. Muito antes de terem acesso às novas tecnologias que conectam modernos televisores à internet, os jovens do Guarapes arrumaram um jeitinho para que, com a tecnologia disponível e sem que necessariamente se deem conta disso, usufruam de conteúdos trazidos indiretamente através do ciberespaço.

Se de um lado, o acesso à televisão é virtualmente universal para os jovens do Guarapes, os caminhos que levam ao ciberespaço permanecem bastante obstruídos. Apesar da rede estar inscrita no dia a dia da maior parte dos nossos entrevistados ainda não assumiu papel marcante em seu cotidiano, tantos são os obstáculos a vencer para alcançar o ciberespaço. Para quase nenhum deles existe a presença de conexões disponíveis com velocidade mínima suficiente para o acesso regular e constante a novas mídias e informações globais que pudessem tornar-se cotidianas.

Para Afro e Rafa existe um condicionante econômico para a chegada ao ciberespaço. O custo do acesso à internet não faz parte do seu orçamento regular e disputa com outras despesas um espaço para se concretizar. Muitas vezes, o acesso à internet perde para o uso do telefone celular, considerado mais importante no cotidiano. Mesmo para os que possuem conexões em casa, como Binho e Zezão, as baixas velocidades e a instabilidade do serviço – muitas vezes desregulamentado ou prestado de forma precária, como as conexões à rádio ou por redes de celular – comprometem de forma significativa o acesso à rede. Para Afro e Rafa, além da conexão lenta da lan house, é preciso fugir dos horários de pico, quando todos os computadores estão lotados e a conexão compartilhada torna-se ainda pior.

Uma vez conectados, abrem-se muitas janelas ao mundo, ampliam-se horizontes. Mas ainda existem obstáculos – a própria velocidade de acesso é uma delas. O desconhecimento sobre o funcionamento da rede e de suas ferramentas também dificulta a navegação livre dos jovens. A intuitividade do uso varia conforme a idade, tudo parece mais fácil aos mais

jovens e aparece mais complicado ao mais velhos. Zezão e Afro não se consideram internautas independentes e muitas vezes precisam da ajuda dos filhos ou dos amigos para conquistarem novos caminhos na rede. E mesmo para os mais conectados, as barreiras se apresentam. Preto até passa o dia conectado e usa muitas ferramentas da rede, mas não conseguiu ativar a conexão à internet no aparelho celular que carrega no bolso nem sabe como vai continuar conectado quando acabar o contrato de trabalho.

Assim, mesmo que esteja presente no dia a dia dos jovens da Posse, existem muitas barreiras que determinam a definição de uma fronteira fortificada entre o que acontece na rua e o que se passa no ciberespaço. Ao contrário da televisão, já incorporada ao mundo real de cada um deles, a internet ainda se configura como um mundo específico, um universo que varia de distância e, por vezes, mostra-se bastante próximo e cotidiano ou, outras vezes, desaparece dos horizontes possíveis.

mídia e cotidiano no guarapes

3 MÍDIA E COTIDIANO NO GUARAPES

3.1 A vida depois da internet

A intensidade com que a internet ocupa o cotidiano de alguns de nós pode dissipar as memórias das primeiras vezes com que tivemos contato com a, então, novíssima mídia. Para os nossos entrevistados, no entanto, as memórias ainda surgem vívidas, seja pelo pouco tempo que alcançaram o ciberespaço, seja pela natureza da ocasião em que se deu o encontro. Entretanto, rememorar o momento exato da conquista do ciberespaço, nos revela muitos elementos importantes para a compreensão do uso que fazem da rede em suas vidas.

Ao mesmo tempo que as memórias podem revelar muito do uso que fazem da internet, a concepção que constroem quando perguntados sobre o que seria a rede para cada um deles e o que vinha às suas mentes quando falávamos nela, pode ser ainda mais esclarecedora sobre como o ciberespaço torna-se real para cada um deles, a partir das suas condições materiais e simbólicas cotidianas.

Um bom exemplo é a história de Zezão com a internet. Ele foi responsável pela compra do primeiro computador da Posse de *Hip Hop*. Era um computador usado e que foi “potencializado” para produzir as bases musicais.

Eu comprei um computador velho, por que, quando Lelo [Melodia], do Agregados [Família do Rap – grupo natalense], morreu, só tinha um produtor musical de base aqui em Natal. E a gente ia lá, pedia a ele. Ele tinha a maior boa vontade de produzir uma boa base pra gente, de cortar uma vinheta, de emendar uma base, de aumentar. E sempre a gente pegava base gringa, alguém conseguia, alguém emprestava, alguém doava... e essa dificuldade que a gente tinha, não tinha lan house nos Guarapes, não tinha nada (Zezão, 36 anos).

Nesse período Zezão já conhecia a internet, passava numa lan house e baixava três ou quatro bases de artistas estrangeiros e levava para a Posse. Aumentavam, diminuía, criavam a letra, cantavam sua realidade local, desconectada, sobre uma melodia produzida há milhares de quilômetros dali.

O primeiro encontro de Zezão com a rede mundial de computadores foi deslumbrante. Ele tinha cerca de 30 anos, sabia ler e escrever, mas sentiu-se um “analfabeto digital”. “Eu não sabia para onde ia, não sabia onde clicar, não sabia fazer nada”. Zezão participava de uma oficina do Museu da Pessoa de São Paulo, realizada em Fortaleza. Em sua primeira vez na internet, além de descobrir tudo, teve que aprender a enviar as histórias coletadas para o site do projeto “Um Milhão de Histórias de Jovens”.

Naquela sala cheia de computadores, Zezão não descobria a internet sozinho. No grupo, haviam jovens de outros onze estados, que, juntos, criaram contas de correio

eletrônico e passaram a se corresponder através da internet com a missão coletiva de coletar histórias de vidas da juventude.

Naquele momento, Zezão ampliava seu poder de comunicação, se libertava dos custos da telefonia, conseguia falar além do bairro. "Até hoje, graças a internet, eu tenho contato com essas pessoas". Talvez esta seja uma das razões de Zezão apontar que a internet "facilita a globalização das culturas" e garante o "acesso à informação de uma forma globalizada, global, mundialmente". Para ele, a rede é um meio de romper barreiras, ultrapassar fronteiras, alcançar o mundo, onde quer que ele esteja, sem precisar sair de casa.

Quando perguntamos se ele percebeu alguma mudança na vida após ter iniciado o uso da internet, a resposta é quase geográfica:

Ampliou meus horizontes... antigamente, eu não tinha como obter informação, nem ver o Alasca, nem ver o México, nem ver os Estados Unidos... Só se fosse pela televisão... Hoje em dia, eu peço lá no Google, boto lá fotos de um determinado estado, de um determinado objeto, aparece lá uma infinidade... eu obtenho informação da população, da cultura... do índice de religião [...] Ou seja, daqui da minha casa, eu tenho informação e acessibilidade a todas as informações [...] então, não é necessário eu ir aos Estados Unidos para obter ou visualizar essas fotos, informações [...] nem tenho que esperar um determinado programa ou documentário que passe algo (Zezão, 36 anos).

É por isso que ele acredita que o computador é o "aparelho do momento".

As pessoas, hoje em dia, não compram mais som, não compram mais isso, não compra aquilo. Compra um computador com o intuito de acessar à internet e de utilizar do áudio, do vídeo, das ferramentas que ele compõe (Zezão, 36 anos).

É por isso também que os usos que Zezão faz da rede estão prioritariamente relacionados ao intercâmbio além das suas fronteiras possíveis. O intercâmbio com a irmã, que vive na Itália é fundamental. Com as tarifas telefônicas vigentes, seria difícil conversar com ela semanalmente, resolver os problemas da escola do filho dela, que vive aqui, além de matarem a saudade com o vídeo da webcam.

Mas as coisas não se limitam ao círculo familiar. Zezão aproveita a vida da irmã na Itália para promover intercâmbios entre os dois países. E graças às possibilidades de circulação de músicas e vídeos pela internet, ele está quase conseguindo levar a banda de um amigo para tocar por lá.

Zezão vive no que Milton Santos (1999) chamaria de "cidade global", quando a interligação eletrônica entre as diversas localidades ampliaria a circulação de informações que são tanto locais, quanto globais. O processo seria fruto de uma nova percepção do tempo, já que a simultaneidade estaria disponível para todos, o que criaria a ilusão do apagamento do espaço.

Outro que faz bastante intercâmbio via internet é Rafa. Para ele, ultrapassar fronteiras também é fundamental. Quando perguntamos o que vêm à sua cabeça com a palavra Internet, a resposta é sucinta: "Não sei o significado de Internet. Sei que internet é você chegar no computador e fazer conexão com o mundo" (Rafa, 19 anos). Seus primeiros contatos com a internet foram na casa de um primo, só podia olhar, não podia mexer. Até que um dia, andando pelo centro da cidade, e com um pouco de dinheiro no bolso, resolveu investir na internet pela primeira vez. Entrou em uma lan house, coisa que ainda não existia no Guarapes, e acessou a rede pela primeira vez. Criou conta de e-mail, abriu o mensageiro do MSN e foi aprendendo a clicar nos links certos por conta própria, sem ninguém para explicar. "Nunca tive aula de computador" (Rafa, 19 anos).

Hoje, sem emprego e renda, a internet acontece muito pouco na sua vida. Os momentos de conexão são raros, duas ou três vezes por mês, por não mais que duas horas. Os resultados desses momentos, no entanto, prolongam-se no computador instalado na Posse, no seu telefone celular. Munido do seu pendrive, Rafa baixa músicas, vídeos e ferramentas para produzir sua própria música na Bodega Digital. Gosta de muita coisa, mas os rappers jamaicanos são seus preferidos.

Não fosse pela internet, Rafa acha que não faria música do jeito que faz. Ele fala da dificuldade de encontrar as referências no seu estilo de rap pelas lojas e camelôs que vendem música na cidade. "Música importante, você não encontra por aqui. Se você for numa banca dessas e procurar um CD de rap, é difícil encontrar. É mais pela internet". E se não fosse pela internet, "Eu não estaria cantando ainda... Eu poderia até estar cantando, mas não do jeito que eu canto" (Rafa, 19 anos).

As fronteiras entre os idiomas também são rompidas por Rafa quando navega no ciberespaço. Quando as páginas que busca, principalmente as páginas oficiais dos seus músicos favoritos, estão em outro idioma, ele corre para o tradutor do Google e arruma uma versão em um português meio atrapalhado pelo processo de tradução automático, mas bem mais compreensivo que qualquer outro idioma.

Binho é outro que desbravou a internet por conta própria. De tanto falarem na rua sobre as maravilhas da rede, ele resolveu navegar pela primeira vez.

Todo mundo falava sobre internet e eu nunca tinha ido, eu tava achando curioso, aí eu fui lá sem conhecimento nenhum de informática, mas fui lá e não era um bicho de sete cabeças, é fácil. Aí depois, começou a aparecer internet para a comunidade e eu comecei a frequentar, ficou mais fácil (Binho, 27 anos).

Nessa época, mais ou menos em 2007, sentado na lan house do Guarapes, Binho lembra que descobriu "um mundo digital, um mundo totalmente diferente". No entanto, ele sente que usava "sem perspectiva, tava querendo só conhecer mesmo". Diferente da

concepção que tem hoje sobre a rede, uma ferramenta de conhecimento e compartilhamento. "Internet pra mim é um meio de comunicação, é uma forma de enriquecer meu conhecimento [...]. Eu uso mais para fortalecer meu conhecimento, pegar coisas novas e dividir com os parceiros também que eu trabalho" (Binho, 27 anos).

Uma das ideias que vêm à cabeça de Binho quando falamos em internet também é a Globalização. Ele sabe que é um processo generalizado, mas que também tem um lado negativo. "As pessoas moram longe e realmente acham mais fácil se envolver assim, através da internet. Acham mais fácil pegar amizade através da internet, tipo MSN. Não é muito seguro, mas todo mundo tá participando desse processo" (Binho, 27 anos).

Assim que liga o computador, Binho entra no MSN para ler seus e-mails e "ficar trocando ideia" com os conhecidos. Mas a busca de novos conhecimentos é sua principal atividade na rede. Está sempre em busca de novos estilos, novas letras, notícias sobre o Grafite. Mas também pesquisa videoaulas e cursos interativos na área de web design, campo onde arrisca os primeiros passos para, quem sabe, conseguir trabalhar com o que gosta.

Binho é firme na sua posição: Se a internet é uma ferramenta de conhecimento, deve ser usada somente para isso. Costuma repetir que a internet "serve mais para manter contato e pesquisar sobre grafite". Demora, mas ele também deixa escapar que também usa a rede para se divertir, baixar e assistir a um filme ou jogar pela rede. O disfarce de Binho para os seus momentos de lazer dialoga diretamente com muitas das ações de inclusão digital: a internet precisa ser utilizada para "mudar" a vida das pessoas, "inserir-las" no mercado de trabalho, concepção que deixa de reconhecer o lazer e o entretenimento como componentes do direito cidadão. Para Binho, pelo elevado custo, a internet ainda é um bem muito valioso para ser "desperdiçada" com jogos ou filmes.

A história de Preto com os computadores é antiga. Desde a infância, quando a mãe o levava para a casa onde trabalhava como doméstica. "Não tinha com quem ficar, então, me levava. Lá tinha um computador, eu sentava e ficava 'catucando' o bicho. E quando eu via que a dona da casa vinha, eu saía do escritório correndo". Naqueles dias, o computador ficava desligado e ele apenas imaginava como seria o acesso à tecnologia.

Naquela época, pra mim, a tecnologia era um bicho que eu tinha medo, entendesse? Algo que me dava até medo, que pra gente era... tava na utopia... quer dizer... era um sonho aprender a mexer na tecnologia que não tava ao meu alcance, que eu imaginava... e hoje é ao contrário.

A primeira vez que Preto se conectou, foi por uma causa nobre. Ele participava de um projeto de desenvolvimento social na zona oeste, financiado por uma organização não-governamental internacional. Era um dos líderes do grupo de jovens. Estimulados por uma consultora da ONG, eles precisavam entrar em contato com o presidente para a América

Latina e Caribe. "Foi preciso eu enviar um e-mail, pra isso eu criei um e-mail e fui pra internet. Passei umas cinco horas para mandar um e-mail" (Preto, 27 anos).

a gente tava precisando se comunicar com eles, porque existia um programa de acesso ao ensino superior, que era financiado pela fundação que era ali, e que a consultora pediu que a gente solicitasse isso. Falasse para o presidente que esse programa era importante pra vida da gente. A gente foi lá e escreveu um e-mail pra ele. E aí, a gente descreveu aquilo ali e enviou, né? Então, foi esse o primeiro momento de acesso (Preto, 27 anos).

E não foi o primeiro acesso só dele. Foi, na verdade, o primeiro acesso dele e de outros cinco jovens, um e-mail dele, escrito em conjunto com outro cinco jovens da periferia que começavam a navegar no ciberespaço em busca de alternativas às oportunidades que não apareciam em seus horizontes reais. Navegações que começavam a conformar a ideia que Preto tem sobre a internet.

Hoje, Preto, assim como Binho, também associa o uso da rede ao conhecimento. Sua concepção sobre a internet a qualifica como um instrumento de formação com tem potencial para o desenvolvimento social.

Acho que é um veículo e um instrumento de formação que, hoje, colabora muito mais pra o fortalecimento social humano. Não só o meu, mas como da comunidade toda. Hoje, você tem muito mais acesso através da internet. Coisa que há cinco anos atrás, a comunidade era escassa e a comunidade não tinha a informação direta, possamos dizer... E hoje a gente percebe que há uma informação mais rápida, em tempo real e a própria comunidade quer se dotar dessas informações e de tudo o que acontece no mundo (Preto, 27 anos).

Preto aproveita o ciberespaço de forma coerente à sua concepção para a rede. Ele trabalha em um portal especializado em juventude e ensaia as primeiras produções de texto. Na hora do almoço, não dá trégua à internet e produz mais conhecimento, desta vez, em forma de música, prepara seu material para suas apresentações de DJ, divulga seu trabalho, faz compras de equipamentos e implementos que não encontra por aqui e, de quebra, ainda paga contas, resolve problemas burocráticos.

E enquanto Preto navega longe no Ciberespaço, Afro se sente um pouco perdido com tanta informação. Ele já sabe lidar com algumas das ferramentas da rede, mas acha que não consegue acompanhar o ritmo da rede "A internet pra mim, é como uma locomotiva [...]. Já tô achando que do jeito que vai eu tô ficando pra trás" (Afro, 39 anos).

Afro é um dos componentes mais velhos da Posse. Ele teve dificuldades para estudar e não concluiu o ensino fundamental, fatores que podem interferir na sua relação com os computadores e redes. Para ele, "a internet é um monstro [...]. Não é que eu tenha medo, um monstro por que tem muita coisa e você mexe muito pouco, e tem muita coisa, e muito grandioso, assim, pra mim. Cada dia o cara descobre uma coisa" (Afro, 39 anos).

Como não se orienta muito bem no ciberespaço, Afro conta com a ajuda dos amigos para se manter navegando. Foi através de uma amiga que ele entrou na internet pela primeira vez. "Todo mundo perguntava 'tu não tem Orkut não?'. Sabia nem o que danado era". Não durou muito tempo. Afro via que os amigos do bairro Cidade da Esperança já acessavam à internet e usavam a rede social e foi com a ajuda da amiga que criou seu primeiro perfil na internet. "Eu fiquei 'aviciado' em Orkut. Tinha vez que eu ia de oito horas da manhã pra lan house, saía de uma da tarde. A lan house fechava, aí de duas horas, ficava até 6 da noite". Outra vez, quando a Posse instalou um telecentro, ficou das oito da noite às 6 da manhã

trocando ideia pelo MSN [...]. O dia amanheceu e eu na internet. Comprei um bauru, um refrigerante, comi e fiquei lá acessando por que era um negócio novo [...]. não era nem minha culpa, porque era um negócio que eu nunca tive, e era novidade. Toda novidade é boa (Afro, 39 anos).

Hoje, Afro não perde muito tempo na rede. Ainda que não domine as ferramentas, sabe muito bem o que quer fazer. Lê notícias, mata a curiosidade de muitos assuntos que descobre na rua, gosta de ver vídeos na rede e também de entrar em contato com os amigos, seja pelo Orkut, seja pelo MSN. Como passa muito tempo no Guarapes, a rede é o seu passaporte para o mundo e, como bem disse, não teme o monstro que considera a rede, ao contrário, a enfrenta de forma muito criativa, como veremos adiante.

3.2 Barreiras e brechas no ciberespaço

Já conhecemos o dia a dia dos jovens nas ruas do Guarapes e da cidade do Natal. Também sabemos como organizam seu cotidiano em torno da mídia e como tudo isso se relaciona à Posse de *Hip Hop*. Agora, vamos relacionar o que fazem estes jovens no ciberespaço para perceber onde encontram barreiras e como fazem para enfrentá-las.

Cada um deles desenvolveu uma dinâmica específica de acesso que se adapta ao local em que acessam, ao tempo que têm disponível (o que pode variar de acordo com o dinheiro que reservaram para o acesso). A velocidade da conexão também determina o que podem, o que não podem e o quanto podem fazer naquele acesso. Cada um deles também desenvolveu hábitos peculiares de uso, que terminam de definir o seu cotidiano ciberespacial.

O pedágio cobrado aos jovens para a chegada ao ciberespaço parece ser contraditório com os princípios da sua estruturação. A nova ecologia das mídias que estaria em formação

nas bordas do ciberespaço (Levy, 1999) só conseguiria levá-los a uma experiência de inteligência coletiva, fossem menores as barreiras. Levy lembra ainda que, por trás das técnicas e tecnologias, encontram-se todos os mecanismos que movem a sociedade, inclusive os da exclusão, seja por interesses econômicos ou por estratégias de poder.

A rede não ocupa um tempo significativo para a maioria dos jovens. Com exceção de Preto, os outros jovens passam cerca de uma a duas horas diárias na internet, sendo que Rafa só tem conseguido ficar conectado por duas a três horas por mês. No nosso grupo, Preto tem internet no trabalho, Zezão e Binho acessam de casa e Afro e Rafa usam a lan house. Para Preto e Binho, a lan house é a segunda opção no acesso e volta a ser a primeira, caso Preto saia do trabalho ou Binho não possa mais pagar a conexão em casa.

Esta é a primeira barreira enfrentada pelos nossos jovens. Mesmo com a conexão em casa, Binho não sabe por quanto tempo poderá pagar pelo serviço, além do mais, sem fiscalização, é comum que a conexão falhe e o serviço demore dias para ser restabelecido. Para Preto, o limite da conexão é o contrato de trabalho, que já tem data para acabar. Depois disso, volta para a lan house com todos os problemas enfrentados por Rafa e Afro, como a conexão lenta e instável e o preço, nem sempre acessível. Com este cenário, a internet está bem longe de se constituir enquanto uma esfera pública por aqui. Para isso, é preciso pensar políticas que garantam o acesso à rede para todos os cidadãos, requisito fundamental conforme proposta de Habermas (1964).

No caso de Rafa, ficar desempregado significou também, transformar toda a sua rotina no ciberespaço. Se antes ele sabia quando e por quanto tempo poderia usar, hoje não tem nenhuma regularidade no uso. Quando vai, não sabe quando poderá ir novamente. Além do mais, com a internet lenta, não consegue ter acesso aos conteúdos que mais precisa, como músicas e vídeos. O que contribui ainda mais para que a internet deixe de ser prioridade. No caso de Afro, o dilema está entre a internet e o celular, dois meios fundamentais para o seu dia a dia. O celular vence algumas vezes.

Zezão, com a situação mais confortável em relação à internet, não se preocupa com as dificuldades de acesso e sim com a segurança na internet, principalmente para a sua filha de onze anos. Por ela, ele também se preocupa com o uso que faz da internet e com as possibilidades de cópia e cola na hora de fazer os trabalhos escolares.

Vírus e outras fraudes na rede também preocupam os jovens. Mesmo que não usem com tanta frequência, muitos deles já foram atacados por vírus no pendrive, no computador ou nas redes sociais. A falta de prática e as dificuldades de domínio das ferramentas podem gerar problemas mais sérios, como foi o caso do computador da Posse que teve que ser

formatado por causa de um vírus da internet ou no caso de Rafa que foi enganado em um site de vendas pela internet e perdeu dinheiro.

Se os problemas do dia a dia aparecem com clareza, há uma outra espécie de bloqueio que se apresenta sutilmente cada vez que os jovens se conectam. A frequente dobradinha Orkut + MSN dão mostras de quão significativo é o domínio de grandes empresas sobre as informações que produzimos e acessamos na rede. Google e Microsoft, juntas, são muito muito maiores que as maiores economias do planeta e detém um volume de informações incomensurável.

A cada clique, a cada conexão operam potenciais mecanismos de controle que, se não castram a liberdade do internauta, podem limitar sua experiência e arbitrariamente, impedir seu acesso a serviços e redes aparentemente públicas e abertas – como o Gmail, Hotmail, Orkut ou Facebook –, mas que são, na verdade, espaços privados operados com interesses eminentemente comerciais.

Mesmo assim, os bloqueios da rede não são absolutos. Cada um dos nossos jovens encontra brechas importantes e conseguem navegar o ciberespaço de forma produtiva e conquistam terreno, ao mesmo tempo, no mundo virtual e no mundo concreto. As informações conquistadas na rede voltam ao cotidiano para produzir novas ideias que passam a demandar novas informações. Táticas que, como proposto por Certeau (1999), garantem a mobilidade desses jovens pelo ciberespaço e estão cada vez mais disseminadas globalmente e desancoradas de seus locais de origem.

Binho ilustra a questão ao mostrar o que mudou no seu dia a dia após a internet. Agora, segundo ele, está sempre em busca de novidades.

A mente da pessoa fica muito focada ali, você pesquisa mais, em mais conhecimento, acesso fácil a esse conhecimento [...]. Antes de conhecer a internet eu ficava em esquina, dava um desgosto por que num tinha nada pra fazer, como ao meio-dia, eu almoçava e ficava em casa, ou então ia pra esquina, era muito chato, agora ficou mais fácil (Binho, 27 anos).

Rafa acredita que, sem a internet, ainda não estaria cantando ou produzindo música. Sem a rede, ele sequer conheceria o rap da Jamaica, sua principal fonte de inspiração e suas mais fortes referências culturais. Zezão é outro que busca referências na rede para produzir sua arte. Pela rede, está com contato com grafiteiros do mundo inteiro e consegue seguir as tendências, os novos estilos, as novas tipografias. Além das referências artísticas, Zezão busca ainda referências para suas ações políticas, seus projetos profissionais. É a rede quem provê acesso a novas ideias sobre meio ambiente, associativismo e cooperativismo, e reciclagem de lixo para geração de renda, temas que têm norteado sua navegação ultimamente.

Para Afro, a rede é um espaço de comunicação, de libertação. Para ele, a internet serviu para fortalecer amizades, “a pessoa chegar junto”. Ele conta que, graças à rede, fez amizades com pessoas espalhadas pelo mundo e mesmo com pessoas que moram no próprio bairro. “Muita gente que mora aqui e nunca falou comigo, mas mandou convite. Fiquei até amigo por causa da internet”. As notícias da televisão também não são as mesmas depois da internet. Muitas delas deixam Afro com uma pulga atrás da orelha que só o deixa em paz depois de descobrir mais informações e reinterpretar os fatos. Com mais informação, ele desconfia do que antes era verdade e completa: “com a internet, só é burro quem quer”.

Afro acredita à tecnologia muito mais do que ela pode lhe garantir. É um processo comum na juventude, segundo aponta Wolton (2003), quando deixam de reconhecer as desigualdades da rede por uma utopia igualitária. Esquecem, no entanto, que por trás da estruturação das redes, em geral, e da internet, existe uma produção cultural e um modelo social atrelados, processos muitas vezes excludentes, como os que eles já conhecem bem.

Preto foi mais longe. Se desde o seu primeiro acesso, explorava sua atuação política através da internet. Hoje, serve-se dela para articular nacionalmente, ganhar visibilidade e tornar-se referência nos temas da juventude. Visibilidade que o levou ao seu atual emprego em um site da internet, trabalho que, agora, pode levá-lo ao ensino superior, em uma área essencialmente ligada às redes, a comunicação social.

Seu trabalho de DJ também ganhou muito com a articulação virtual. Suas produções vão mais longe do que iriam pelas rotas reais, seus contatos não se submetem às limitações do mundo real e se realizam virtualmente. Além disso, conectado, Preto participa de forma atuante do movimento nacional do *Hip Hop* e consegue conectar todo o seu grupo ao levar a trazer informações e debates para turma da Posse que não anda tão conectada assim.

Para estes jovens, as conexões são limitadas, mas as consequências delas se estendem e ocupam cada vez mais espaço no cotidiano de cada um deles, individualmente ou em grupo. Mais adiante, veremos como a Posse torna-se conectada por cada um deles.

3.3 Da TV manipulada ao Google – portal para a internet “livre”?

Afro sai da internet, mas não desliga as antenas. Sempre de olho no que acontece na rua, na televisão, angaria temas para pesquisar no Google na próxima vez que se conectar. Em uma palestra sobre violência, Afro desconfiou dos dados e foi ao Google descobrir a “verdade”. A versão contada na televisão sobre a guerra no Rio de Janeiro também não o

convencia e até mesmo a guerra na Tunísia era motivo de desconfiança e somente através da internet pode conhecer a versão da emissora Al Jazeera, do Catar, que questionava o número de mortes anunciado pelas emissoras ocidentais. "Isso tem gente que não sabe, a maior parte das pessoas não tem acesso à internet.

Da mesma forma, todos os jovens entrevistados tinham dificuldade em apontar suas referências na navegação do ciberespaço. Um site de notícias, uma revista eletrônica, ou um blog especializado que estivesse em sua rotina de navegação, um porto onde atracassem suas embarcações sempre que flutuassem pelas águas do mundo virtual. Afro ainda arriscou o R7, site de notícias que gosta muito. Binho lembrou o Game Vício, um site especializado em jogos e o vaga-lume, especializado em letras de músicas, entretanto, garante que muitas vezes chega até lá através do Google.

Para estes jovens, toda navegação começa pelo buscador mais acessado do mundo, o Google. Para eles, na internet, a informação é livre e eles acessam o que quiserem. Não é preciso conhecer um colunista confiável ou um blogueiro bem informado ou mesmo confiar a um editor de telejornal o papel de selecionar as notícias e os enfoques. Não há a necessidade de intermediários, nem é preciso acompanhar a crítica. Basta digitar no Google para ver o que quiser. Afro tem uma explicação para o assunto: "Eu acho que a internet ainda é um meio que a gente deve confiar, mais do que a televisão aberta. Porque televisão só passa o que ela quer".

E esta é uma ideia corrente entre todos os entrevistados. Durante a pesquisa, pedíamos para os jovens compararem a televisão à internet com a intenção de perceber como entendiam o papel de telespectador em relação às possibilidades do papel do internauta. Ao perguntar, pretendíamos descobrir se compreendiam as possibilidades de produção de conteúdo para a internet em contraponto ao papel de espectador da televisão, que pouco ou quase nada pode interferir na programação.

No entanto, as respostas dos jovens apontavam muito mais para uma necessidade de construir seus próprios pontos de vista, sem a interferência dos donos da mídia, algo que aparece com tanto valor quanto a possibilidade de produzir o próprio conteúdo na rede. O que aparece em algumas falas ao longo das conversas.

Na internet você só pesquisa aquilo que você quer. A diferença da TV pra internet é assim. A TV só passa aquilo que eles querem, e a internet só passa aquilo que você quer. A TV é diferente, você só sabe aquilo que eles querem. Por isso eu acho chato (Binho, 27 anos).

A televisão só passa aquele negócio. A internet, o que você procurar, é só pesquisar (Rafa, 19 anos).

Zeção já teve experiências ruins com a televisão quando participou de uma manifestação em seu local de trabalho. Ele conta que a fala da diretora foi distorcida para prejudicar o lado deles. “Eu vi a farsa que fizeram, tá entendendo? E vi como funciona o processo”. É por isso que hoje Zeção não confia nas notícias que vê pela televisão, atitude compartilhada pelos colegas da Posse, que sabem bem o que é estar do lado mais fraco, do lado escondido pela cobertura midiática. Zeção aconselha

quando você for assistir à televisão, você assista os três programas de três emissoras diferentes. E você vai perceber que cada uma vai apontar um ponto de vista diferente, que cada uma vai querer passar pro seu telespectador a imagens do jeito... ou vai dramatizar demais para sensibilizar o público, ou vai querer afetar o governo [...], ou seja, cada um manipula a informação (Zeção, 36 anos).

Confrontada com a televisão brasileira – oligopolizada, centrada no eixo Rio-Brasília-São Paulo, porta-voz das elites e que ensaia os primeiros diálogos com camadas mais populares (que só agora ampliam seu poder de consumo) – a internet aparece como um espaço de liberdade, onde cada internauta pode interferir de forma aparentemente direta, circular por recantos esquecidos, ouvir vozes ocultadas.

A caixa de pesquisa em branco aponta para um novo mundo potencialmente aberto à exploração. Diante do cursor piscante, o internauta pode tudo, pede tudo e, muitas vezes, acredita alcançar seu objetivo de forma livre. No entanto, no espaço de microssegundos entre o pedido da busca e a exibição de resultados atuam algoritmos construídos a partir de demandas de interesses reais, principalmente, econômicos e financeiros, mas que, em momentos específicos também cedem a pressões políticas e ideológicas. Interesses ocultados por uma espessa camada matemática de números e códigos que escondem o tamanho da indústria que faz girar a rede mundial de computadores e que podem comprometer a liberdade de internautas por todo o planeta, inclusive os jovens do Guarapes.

Preto, entretanto, nos ajuda a relativizar a questão apontando como as navegações ao ciberespaço podem, sim constituir espaços de liberdade no contexto dos jovens da Posse de *Hip Hop*.

Se a televisão é o meu entretenimento, a internet é o meu fortalecimento e meu aprimoramento de informação [...]. Eu não sei muito, eu não sei nada... mas o que eu sei, de alguma forma, eu tento socializar com os outros. Eu tento colaborar com os demais [...]. O mínimo de informação que os telejornais lhe dão é direcionada, diferente da internet... que eu pego um posicionamento aqui, pego um posicionamento acolá, eu tenho como confrontar (Preto, 27 anos).

Para estes jovens, conquistar o ciberespaço, ainda que sob a tutela de grandes empresas internacionais, representa a ampliação dos seus espaços de liberdade, outrora limitados a algumas poucas ruas do bairro, ao elevado custo da passagem do transporte

público, a alguns canais na televisão a difundir pontos de vista dominantes, a limitados fluxos de ideias.

3.4 Eu, produtor da mídia?

Então os jovens da Posse sentem-se livres nas ondas do ciberespaço, onde podem confrontar múltiplos pontos de vista, ter acesso a informações privilegiadas e escolher os rumos da navegação. Ao contrário da televisão, não precisam se submeter à programação ditada pelas emissoras e podem, inclusive, publicar conteúdo na rede. A prática, entretanto, não está disseminada entre a maioria dos jovens do Guarapes.

Quando perguntados se produziam algum tipo de informação na rede, a resposta foi negativa para todos os entrevistados, com exceção de Preto, ainda que ele duvide da qualidade do conteúdo que divulga na rede. Afro prefere ver as histórias, ao invés de contá-las. Rafa não tem paciência para produzir nada com a velocidade da conexão disponível no bairro, Binho até tem vontade, mas não produz nada. Zezão é cauteloso e não gosta de repassar informações sem confirmar com fontes confiáveis que, normalmente estão fora da internet.

Não tenho blog, não passo informações, e geralmente, as informações que recebo da internet, geralmente, eu também vou em outros e-mails para confirmar, pesquiso em livros, vou num pesquisador, num professor. Sempre debato pra ver se realmente a veracidade das informações pra também não tá repassando uma informação que não é correta (Zezão, 36 anos).

Zezão não costuma mandar e-mails ou recados em massa, prefere praticar uma comunicação mais dirigida. Quando precisa, manda um recado ou e-mail para um amigo, de forma individual. Afro, ao contrário, aproveita a facilidade para divulgar eventos, ideias, produções culturais para todos os seus amigos de uma vez só. Só tem um problema: "É ruim por que você manda pra seus amigos que 'é' de movimento, seus amigos que 'é' crente. Mandei pra todo mundo, quem não gostar, apague. Quem é do rap fica vendo" (Afro, 39 anos). Ele também aproveita o Orkut quando precisa mandar uma mensagem para algum conhecido, mas não tem créditos no celular. "Sai de graça".

Se a mensagem encaminhada por Afro não foi exatamente produzida por ele, não é uma produção própria, ainda assim aciona um novo fluxo comunicacional que ressignifica a informação original. Afro faz questão de divulgar os eventos no bairro, as novidades produzidas por lá, no rap, no grafite, e ainda as produções dos seus conhecidos na zona

norte de Natal, em João Pessoa, São Paulo ou Espanha. Para ele o mais importante é trocar ideias.

Mando recado, sobre o encontro daqui e tal. Mando pra galera. É bom isso, que vai pra todo mundo. O Orkut pra mim é o melhor meio, porque a maioria dos meus amigos tã lá. [...] A gente é tipo uma rede, fica interagindo. Um amigo meu vê e já passa prum cara lá de São José. [...] O [vídeo] do Conjunção [videoclipe produzido no Guarapes] comecei a mandar pros chegados meus em Manaus, as meninas do atitude feminina em São Paulo, em Brasília. Forma tipo uma teia de aranha. [...] Muita gente respondeu. Teve gente na França, na Espanha. Foi massa! (Afro, 39 anos).

Preto produz informação todos os dias. Também, trabalha em uma ONG que mantém um site na internet. Além disso, para ele, é muito importante socializar, compartilhar informações, mesmo que, segundo ele, a qualidade deixe dúvidas. Ele gosta muito de escrever, mas diz que seus textos não são nada "científicos ou técnicos". "Eu faço tudo o que eu aprendi com a minha formação que é no meio do mundo..." (Preto, 27 anos).

Preto fez um blog, mas acha que "não ficou 100%". Para divulgar seu trabalho de DJ, criou canal no youtube para postar os vídeos e as músicas que produz, sempre preocupado com a identidade visual na internet, a presença dele no ciberespaço. Como passa o dia conectado no trabalho, Preto usa o twitter, envia recados no Orkut, compartilha informações sobre políticas públicas, principalmente na área de juventude, divulga vídeos e músicas dos artistas que gosta, além dos vídeos produzidos no Guarapes, pelos grupos da Posse de *Hip Hop*. Ele acha importante compartilhar para municiar as pessoas com informações. Preto se entusiasma com as revoltas no mundo árabe e aposta na rede social para organizar as mobilizações. "A rede social hoje conseguiu desconstruir um bagulho que é tipo... ia ter uma movimentação social. Então, uma liderança mentirosa que só mobilizava e que só utilizava o povo. Hoje, as redes sociais fazem as mobilizações e não têm uma cabeça" (Preto, 27 anos).

Rafa não têm produzido muita coisa. Também, o pouco tempo que tem na rede é destinado a sua principal ocupação, a produção musical. Em outros tempos, criou canal no youtube e tem um colega do seu grupo musical que posta as produções mais recentes na internet, Rafa, porém, não sabe muito bem como usar, além do mais, com a lentidão da internet da lan house, fica ainda mais difícil enviar informações no curto espaço de tempo que o dinheiro dele pode pagar. Por causa disso, Rafa anda insatisfeito com as redes sociais. Tem pensado em cancelar sua conta no Orkut, ainda que não saiba explicar os motivos para tal decisão, e não conseguiu ver nenhuma utilidade no twitter – que é formatado para ser usado em tempo real a partir de telefones celulares, principalmente. Realidade bem distante das conexões de Rafa.

Binho concorda com Rafa, não gosta do twitter, mas costuma postar fotos das atividades de grafiteagem no Orkut. "Você coloca uma foto e já aparece no perfil de todo

mundo. Se alguém se interessa, vai lá. É automático". Além disso, não produz muita coisa. Não por falta de vontade. Binho faria um blog se tivesse como sustentá-lo "durante anos". Ele tem medo de perder a conexão à internet e deixar o blog abandonado "Pode ser que eu não possa mais pagar, aí fica uma coisa fantasma ali, sem uso. Por isso, nem me ocupo". Ele, porém, já sabe o que colocaria por lá. "O futuro do grafite. Eu ia começar a pesquisar e colocar coisas novas, ferramentas pra mexer com Corel Draw, fazer um grafite".

Nas ondas do ciberespaço, cada um dos jovens da Posse tem seus motivos para deixar a sua marca. Não custa repetir a mesma série de barreiras já citada anteriormente. O custo do acesso na lan house, a lentidão da conexão, o acesso irregular e esporádico sozinhos já seriam suficientes para explicar a razão de os jovens do Guarapes pouco mostrarem suas caras na rede.

Aqui precisamos acrescentar outros impedimentos que podem impelir jovens que produzem conteúdo cultural na vida real não o façam alcançar as redes virtuais. Não faltam equipamentos. A Bodega Digital tem instrumentos musicais, equipamentos de gravação, câmera de vídeo e fotografia e um computador desconectado da internet. Também não faltam pendrives para carregar conteúdos para cima e para baixo do ciberespaço. À primeira vista, o cenário parece propício para conquistar a internet.

Olhando mais de perto, percebemos que os equipamentos não são tão simples de operar, sem orientação, leva tempo para conseguir que tudo funcione bem. Depois, é preciso conquistar as ferramentas na rede, o que não é tão difícil, mas é preciso tempo – o que no nosso caso quer dizer dinheiro – é preciso também muita paciência para esperar a lenta resposta da internet do Guarapes – o que neste caso, significa pedir mais dinheiro.

Mas a questão não se resolve apenas com as questões técnicas. Para os habitantes do "arquipélago digital" não faz mais sentido permanecer fora das redes virtuais. Na maioria das situações, do lado de cá, tornou-se natural apostar apenas no ciberespaço. Para os jovens do Guarapes, mesmo em tempos de música virtual, ainda faz muito mais sentido gravar um CD, produzir várias cópias e fazer circular por ali mesmo, pelas redes sociais concretas.

[...] não é um processo, tipo 'hoje eu vou postar uma música'... pra nós é uma dificuldade, uma barreira... pra um cara ali é muito fácil já... já cresceram ali dentro desse universo. Crescemos excluídos desse universo tecnológico. Não é tão fácil aprender a mexer lá com a informação da gente. Então, aos poucos a galera tá pegando esse bonde. Já estamos utilizando (Preto, 27 anos).

Aos poucos, a rede vai ganhando novos sentidos para o jovens do *Hip Hop*. Se hoje representa apenas um espaço de liberdade, já há sinais claros de que logo o grupo vai assumir novos papéis no ciberespaço. Sinais que aparecem nos movimentos de cada um dos

jovens individualmente para a Posse, em grupo. Movimentos que começam na rua e que também vão e vêm do ciberespaço.

3.5 A Posse e o Ciberespaço

Afro viajou ao Fórum Social Mundial em Porto Alegre para representar a Posse. A notícia chegou por e-mail – que ele ainda nem sabia usar direito – e ficou marcada na memória dele. Falar sobre a viagem até lá, de avião, ainda o deixa extasiado. Foi uma oportunidade de conhecer grupos de todo o país e entrar em contato com a diversidade que compõe o movimento. Hoje, Afro não vê a Posse isolada no Guarapes, e sim em constante interação.

Somos um movimento conhecido em todo o Brasil. Tem muita coisa que mandam pra gente, pra dar ideia. São Paulo, o rap é uma coisa, Nordeste já é outra. Estamos engatinhando mas já trouxemos os caras que são feras. O movimento do *Hip Hop* criou um carinho, é que nem a força de uma gangue, só que com respeito (Afro, 39 anos).

A Bodega Digital, sede da Posse, está tecnicamente desconectada da internet. A casa não tem muito movimento, passa boa parte do tempo vazia. “Se tivesse internet aqui, esses dois computadores iam estar ligados, a todo momento ia ter alguém aqui utilizando, seja do Orkut, seja do Facebook ou fazendo pesquisa. Quando tinha internet, toda hora tinha gente aqui no espaço” (Zezão, 36 anos).

Com os espaços desconectados, o grupo não mantém a mesma dinâmica dos tempos em que mantinham um telecentro comunitário na sobreloja de uma padaria em uma das principais ruas do bairro.

A internet do Gesac, que nós tínhamos aqui, gratuita e que, pela manhã era pra Posse de *Hip Hop* e à tarde era aberta à comunidade, aberta pra todo mundo. Vinha, dava o nome, agendava... Pronto. Meia hora pra cada pessoa. Todo dia, era escalado um membro da Posse para fazer essa organização. [...]. A gente orientava como elaborar um currículo, ajudava a enviar os currículos via e-mail pra os interessados, a gente às vezes, ajudava em pesquisa escolar... teve uma campanha pela internet para buscar uma pessoa desaparecida. A gente era responsável pela inclusão digital dessas pessoas (Zezão, 36 anos).

A experiência do telecentro rendeu frutos não somente para as pessoas beneficiadas pelo esforço de inclusão digital da comunidade. A Posse consolidou a sua participação nas redes, previamente constituídas em encontros de movimentos de *Hip Hop* articulados por todo o país. Hoje, o grupo se constitui profundamente pelas articulações realizadas em grande escala pela internet. “Sem internet, a instituição praticamente não sobrevive, por que

a Posse tá em rede com vários grupos de jovens, associação de juventude do Brasil inteiro. A gente está articulado a uma rede nacional de *Hip Hop*' (Zeão, 36 anos).

Articular-se nessas redes garante o acesso a informações privilegiadas que transformam a dinâmica da Posse. A transformação do grupo em uma organização não-governamental foi uma opção mediada pelas redes, uma vez que o grupo sentia a necessidade de participar de editais de projetos, de aplicar por aqui, experiências que deram certo em outros lugares.

Não tem como a gente se comunicar com esses parceiros sem se inteirar do que tá ocorrendo nacionalmente, o que pode nos inteirar em termos de edital, de projetos de atividades que foram desenvolvidas, de experiências que aconteceram em outras instituições que deram certo e que a gente poderia implantar, trocar ideia, isso e aquilo (Zeão, 36 anos)

No entanto, a Posse também faz o fluxo inverso de informações através da rede. Para estes jovens, receber informações, estar por dentro das articulações que ocorrem nacionalmente torna-se ainda mais fundamental quando eles conseguem, direto do Guarapes, se posicionar politicamente, interferir no debate cultural do *Hip Hop* e nas discussões sobre políticas públicas de juventude que se desenvolvem nacionalmente. "Sem a internet, não tem como a gente ter acesso a esse diálogo, esse contato e saber do que tá se passando lá e eles saber também como é que tá o andamento das atividades aqui".

Mas nem tudo são desconexões. Preto e Dina, coordenadores do grupo, assumem papel de não deixar a conexão da Posse ser desligada pela burocracia estatal. Se a antena do Gesac permanece desativada, a internet no trabalho torna-se a ponta de uma rede paralela que leva informações, ideias e debates a todos os componentes do grupo.

Funciona assim: diariamente, Preto e Dina mantêm-se conectados aos debates em voga nas redes em que participam, principalmente os espaços que reúnem as entidades participantes do Movimento *Hip Hop* Organizado do Brasil. Em seguida, pelo telefone ou nas reuniões do grupo, eles repassam as informações aos outros colegas. Por reuniões, não devemos entender um espaço formal de discussão. Muitas vezes, um encontro festivo num sábado à noite, ou um encontro casual na porta da Posse pode render discussões profícuas e definir os posicionamentos da Posse de *Hip Hop* nos grandes debates da juventude brasileira na internet.

Os jovens com quem conversamos parecem confiar bastante no sistema, já que não expõem conflitos sobre esta dinâmica. O que não quer dizer que não haja divergências na hora das discussões. Nestes casos, as relações entre os jovens parecem ser suficientemente maduras para que as discordâncias cheguem ao ciberespaço pelas mãos de Preto e Dina. Mas a solução, ainda que funcione bem, não é aceitável. "Um espaço desse, cultural, de

intercâmbio, de rede de jovens que é interligado... é fundamental a internet aqui (Zezão, 36 anos).

Fundamental, pois a Posse é organizada politicamente e consegue usar a internet para se comunicar bem, mas ainda falta muito para que consiga consolidar uma identidade em rede construída coletivamente. "Somos um grupo bem articulado politicamente, usamos a internet como meio de se comunicar, mas a gente ainda não conseguiu fazer com que a gente crie uma identidade virtual" (Preto, 27 anos).

A Posse de *Hip Hop* já deu mostras de que o acesso à internet traz condições para ações transformadoras. A campanha Mulheres N'Ativa – ideias positivas foi uma delas. A ideia era chamar atenção para a violência contra a mulher e ao papel delas na transformação social. Com tudo articulado pela internet, o grupo divulgou uma campanha publicitária pela internet e conseguiu realizar eventos no Guarapes que reuniram milhares de pessoas.

A gente bombou no Orkut. Nas comunidades de *Hip Hop*. A gente mandava mensagens, as propagandas pra ser divulgadas em massa. E sempre, toda semana, mandando mensagem nova, publicidade nova [...]. Foi um evento bacana, reuniu muita gente, todos os canais de mídia, e a divulgação foi toda feita através da internet (Zezão, 36 anos).

O projeto dos agentes culturais, aprovado no Ministério da Cultura graças às articulações ciberespaciais do MOHNB, movimentou até mesmo a economia do Guarapes. Pela internet, os jovens se comunicaram com o Ministério da Cultura e conseguiram a liberação de 60 bolsas.

60 jovens da comunidade, de 15 a 22 anos, recebendo quatrocentos reais por mês para desenvolver e participar das nossas atividades. Até pra economia do bairro foi massa, porque a galera do comércio, quando saía o pagamento, nossas mães iam lá fazer compras [...]. O pessoal começou a valorizar o *Hip Hop* aqui no bairro por que chegava recurso de fora [...]. Quem nos deu acesso a isso foi a comunicação. Se não, a gente não tinha conseguido desenrolar isso não (Preto, 27 anos).

O próximo passo do grupo é buscar a conexão à internet de forma permanente. Nem que, para isso, desistam de esperar pelo Estado e tirem dinheiro do próprio bolso. Mais uma barreira que, vencida, abrirá ainda mais brechas para que os jovens explorem novas possibilidades e reinventem o seu próprio ciberespaço, organizem suas ações táticas e assumam uma estratégia de atuação que os permita explorar além das fronteiras que os oprimem e busquem, cada vez mais, modos de vida mais justos para inspirar a transformação da sua realidade.

considerações finais

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho que parecia não ter fim, há três anos, aparece apenas como um breve começo. As respostas às perguntas postuladas lá na introdução, ainda bem, não surgiram de forma definitiva e aparecem mais claras na forma de muitos outros questionamentos. Este trabalho chega ao fim, mas o movimento que transformou aquela proposta de projeto em 2008 está apenas começando.

Nesse percurso, alguns atropelos fizeram parte do processo de formação. A dificuldade inicial em dimensionar o objeto de estudo refletiu-se em uma proposta de pesquisa pesada para um pesquisador só, dentro dos prazos e articulado com uma rotina de trabalho. Ingenuamente, também não contávamos com a autonomia do nosso objeto, que teimava em permanecer na condição de sujeito para nos fazer compreender que era assim que deveríamos observá-lo. Assim, chegamos ao Guarapes um pouco atrasados para o mestrado. Reduzimos expectativas, fizemos menos do que gostaríamos. Ainda assim, estamos satisfeitos com o resultado.

Conseguimos entrar em contato com o cotidiano midiático de alguns jovens que, se não representam o grupo, apontam para uma representatividade interessante da diversidade da Posse. Confirmamos algumas hipóteses: Leem pouco no papel, raramente têm acesso a livros e veículos de comunicação impressos, a televisão está por perto ao longo de todo o dia e é o principal canal de comunicação com o mundo para a maior parte deles. A internet já entrou no cotidiano da maior parte deles, ainda que o acesso seja precário, feito principalmente na lan house a um custo muito elevado em relação à qualidade do serviço.

Também não nos surpreendeu a frequência de acesso desses jovens às redes sociais, principalmente o Orkut e o Facebook, e aos mensageiros instantâneos, principalmente o MSN. A novidade está na forma como atuam nesses espaços. Ao contrário dos discursos preconceituosos, que criticam uma suposta ausência de objetivos nos usos dessas ferramentas e cobram um uso mais produtivista da internet (para que possam alcançar o mercado de trabalho?), os jovens do Guarapes sabem bem o que vão buscar por lá.

Cada um deles, em sua rede social virtual, produz intensos intercâmbios com o movimento do *hip hop* local, regional e nacional. Por lá são produzidos debates sobre as políticas para a juventude e ainda são conquistados novos territórios culturais na busca por referências para suas músicas, danças, grafites. Circulam pelas periferias dos Estados Unidos, Jamaica e por todo o continente Africano. A rede tornou-se uma janela para olhar para o mundo e descobrir-se a si mesmo, como propunha Giddens (1997) e Canclini (2008).

A televisão não resiste incólume. De controle remoto em punho, os jovens percebem que a troca de canais traz uma variação de pontos de vista, mas que cada uma dessas variações está alinhada aos interesses dos donos de cada emissora. Os jovens também não engolem o tratamento dispensado à periferia na cobertura dos telejornais diários. Eles sabem, por mais distantes que estejam, que as favelas do Rio de Janeiro e os bairros pobres de São Paulo não são celeiros de criminalidade ou a origem de toda a violência, pois sentem na pele o estigma estimulado pela mídia local.

Para alguns, a saída é o botão de desligar. Desistir da televisão e apostar apenas na internet para conseguir informação e entretenimento já foi a escolha de alguns desses jovens, mesmo que o acesso seja irregular. Para outros, a alternativa está na troca de canais, em busca de pontos de vista pluralizados e mais democráticos. Das antenas parabólicas, surgem os raros exemplos de emissoras públicas como a TV Cultura e a TV Brasil – fundamentais para o processo de democratização da comunicação no Brasil, mas ainda muito frágeis, pouco valorizadas e assistidas.

Há ainda a saída pela multimídia, com a conexão de um aparelho de DVD que provê acesso a filmes, vídeos e músicas que não passariam em nenhuma emissora de televisão ou rádio. Por fim, há quem opte por não pressionar nenhum botão. Eles permanecem ligados na tela, de olho nos pontos de vista enviesados, prontos para reinventar, retrabalhar e desconstruir as informações que obtiveram de uma fonte que, há tempos, descobriu-se não ser muito confiável.

A internet, para todos eles, representou a libertação na escolha dos conteúdos. O teclado numérico do controle remoto dá lugar ao teclado alfanumérico do computador. Muito mais teclas, muitas possibilidades. Com a busca do Google, eles fazem a programação, na hora que for mais conveniente, em busca de seu próprio ponto de vista, já que na internet é possível encontrar muitas opiniões diferentes e, melhor, discordar de todas elas.

Se a atuação política dos jovens da Posse reinventa as possibilidades da política tradicional e ocupa espaços onde esta não alcançaria, estas reinvenções são também refletidas no cotidiano midiático de cada um deles, seja na televisão, seja no ciberespaço. Se não podem aceitar a realidade onde vivem e atuam para transformá-la, da mesma maneira, com táticas semelhantes questionam a mídia que lhes é oferecida e buscam alternativas onde quer que as brechas apareçam.

Se no campo político, o movimento cultural dos jovens ocupa espaços tradicionais da política e questionam suas instituições (e fazem muito barulho para serem ouvidos por lá), a ocupação de espaços midiáticos alternativos parece não fazer tanto sentido ou não tem espaço prioritário nas ações do grupo. É verdade que a instalação de um telecentro e, em

seguida de um ponto de cultura, apontam para esse desejo, mas o fato de conquistarem a tecnologia não garantiu a concretização da ação de produzir comunicação.

Experiências foram ensaiadas, criaram um blog, fundaram perfis em redes sociais, mas não conseguiram se apropriar da rede para produzir a comunicação da Posse. Também não podemos esquecer as ações midiáticas da campanha Mulheres N'Ativas e dos vídeos produzidos totalmente dentro do Guarapes. Cada um dos jovens cria suas estratégias de ocupação do ciberespaço, mas não há uma ação coletiva da Posse para garantir sua existência virtual.

Muito do dia a dia da Posse pode explicar essa dificuldade. Eles são poucos e se envolvem em muitas questões. A carga de trabalho é pesada e a dinâmica de atuação tem que privilegiar os problemas mais urgentes e essenciais. Produzir comunicação é um processo difícil mesmo quando se possui as ferramentas adequadas e disponíveis. E já sabemos como são as condições de acesso à rede para os jovens no bairro do Guarapes. Já sabemos também como são as condições de comunicação na sede do grupo.

E infelizmente, essas condições não são exclusivas de grupos como a Posse. Por todo o Brasil, seja em bairros periféricos, seja em bairros centrais, as possibilidades de comunicação são escassas, seja pela concentração nos meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e a televisão, seja pelo monopólio das empresas de telefonia na disponibilização do acesso a internet a preços exorbitantes.

Por outro lado, as escassas políticas públicas desenhadas para o setor, transformam-se para atender os interesses econômicos das grandes operadoras de telefonia e terminam por desconectar-se da real necessidade da população. O exemplo mais recente é a Banda Larga Popular, a que se reduziu o Plano Nacional de Banda Larga, anunciado em 2010. A oferta de pacotes econômicos de internet é rejeitada por 44% da população, que não está disposta a pagar pelo custo dos pacotes. Na classe C, por exemplo, onde 76% das pessoas não têm acesso à internet por, principalmente, empecilho financeiro, 61% das pessoas não está disposta a pagar mais que R\$ 30 para ter internet em casa (Observatório, 2011b). Os pacotes econômicos oferecidos pelas operadoras não devem sair por menos de R\$ 35.

Mesmo assim, a política do governo aponta para a individualização do acesso à internet, o que realizaria o sonho de muitos dos nossos jovens, mas esvaziaria espaços interessantes como a Posse de *Hip Hop*. Ainda que o processo de comunicação estimule as interações virtuais, a experiência midiática não pode se reduzir a isso e é preciso estimular a criação de espaços para ações coletivas e para produção de comunicação interativa real.

Na ainda imatura democracia brasileira, a cena dedicada à comunicação ainda está atrelada aos interesses e relações construídas durante a ditadura militar, ou mesmo antes

dela. Isso se reflete em um cenário de desregulamentação que contribui fortemente para a manutenção do ambiente atual, concentrador e excludente. Cenário que tem um sintoma subjetivo nefasto: uma sociedade que não conhece o seu direito à comunicação, reforçada por um Estado que não assume a missão de sua efetivação, produz cidadãos que não sabem que podem se comunicar.

E não é mais possível perpetuar essa situação, sob pena de, ainda mais, enfraquecer nossa democracia. A comunicação é um direito, e como tal, é fundamental para realização da plena cidadania, uma vez que contribui para a efetivação, inclusive, de direitos sociais e econômicos como a saúde, a educação e o trabalho dignos. Agora, quando toda a mídia converge para a internet, é preciso reforçar o coro de movimentos que lutam para garantir o reconhecimento do acesso à rede mundial de computadores como um direito fundamental. E se nem todos teremos condições de pagar por um direito, é função do Estado, com os recursos de toda a sociedade, pagar a conta e atuar para que a comunicação não caia na vala comum das mercadorias.

referências bibliográficas

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORELLI, Silvia; ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (Org.). Jovens na cena metropolitana: Percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge. Sociologia da Comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CANCLINI, Nestór García. A Globalização Imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo. Edusp, 2003b.
- _____. Diferentes, Desiguais e Desconectados. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- _____. Leitores, Espectadores e Internautas. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de S. P. Culturas Juvenis: múltiplos olhares. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.
- CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil : TIC Domicílios e TIC Empresas 2009. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.
- CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). TIC DOMICÍLIOS e USUÁRIOS 2010 - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2011. Disponível em <http://cetic.br/usuarios/tic/2010/index.htm>. Acesso em 10 de julho de 2011.
- DRUETTA, Delia Covi. Internet, a aposta na diversidade. In: FRAGOSO, Suely; MALDONADO, Alberto Efendy (orgs.). Internet na América Latina. São Leopoldo: Ed. Unisinos; Porto Alegre, Sulina, 2009.
- FORD, Aníbal. O Contexto do Público: transformações comunicacionais e socioculturais. In: Moraes, Dênis. Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FLICK, Uwe. Entrevista Episódica. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som : um manual prático. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. In: Social Text Nº. 25/26. Duke University Press, 1990. p. 56-80. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/466240>. Acesso em 25 de Abril de 2010.
- FUSER, Bruno. Inclusão Digital: o telecentro como equipamento de comunicação comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2007. p. 1 - 15. CD-ROM.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GOMES, Wilson. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. In: MAIA, Rousiley, CASTRO, Maria Céres P. S. Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural na Esfera Pública. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

_____. The Public Sphere: An Encyclopedia Article (1964). In: New German Critique, Nº 3 (Outono, 1974). p. 49-55. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/487737>. Acesso em 25 de Abril de 2010.

HALL, Stuart. A identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Malha Municipal do Censo 2010. 11 de julho de 2011. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1916&id_pagina=1. Acesso em 10 de agosto de 2011.

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Mapa da Inclusão Digital. Disponível em <http://inclusao.ibict.br/mid/mid.php>. Acesso em: 21/agosto/2010.

LACERDA, Juciano de Sousa. Ambiências Comunicacionais e Vivências Comunicacionais Digitais. 2008. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos, São Leopoldo, 2008.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Editora 34: São Paulo, 1999.

LUHMANN, Niklas. A realidade dos meios de comunicação. São Paulo: Paulus, 2005

MARTIN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: Moraes, Dênis. Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola, São Paulo, 2004b.

NATAL. Natal: Meu Bairro, Minha Cidade – Guarapes. Natal: Semurb, 2009.

OBSERVATÓRIO do Direito à Comunicação. Governo anuncia PNBL com Telebrás e pacotes de R\$ 15 a R\$ 35. 05 de maio de 2010. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6552. Acesso em 23 de maio de 2011.

OBSERVATÓRIO do Direito à Comunicação. 45% dos acessos à internet no Brasil são feitos em lan houses. 29 de junho de 2011. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=7979. Acesso em 10 de julho de 2011a.

OBSERVATÓRIO do Direito à Comunicação. Banda larga por R\$ 35,00 é rejeitada por 44% da população. 13 de julho de 2011. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=8042. Acesso em 15 de agosto de 2011b.

- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. O telespectador frente à televisão.: Uma exploração do processo da recepção televisiva. *Communicare: Revista de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.27-42, 2005. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/cip/communicare/5_1/pdf/04.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2009.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PERUZZO, CMK. Observação participante e pesquisa-ação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Atlas, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*. São Paulo, Paulus, 2004.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 3. ed. São Paulo, Hucitec, 1999.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a Mídia?* 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SOUZA, Regina Magalhães de. *O discurso do Protagonismo Juvenil*. São Paulo, [tese de doutorado], 2006.
- STOCKINGER, Gotfried. *A sociedade da comunicação. O contributo de Niklas Luhmann*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.
- STRAUBHAAR, Joseph D. Global, Hybrid or Multiple? The New Cultural Geography of Identities. In: *Anais. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2009 [CD-Rom]*
- TAKEUTI, Norma. Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2008.
- TAKEUTI, Norma. Movimentos Culturais nas "Periferias" e Inventividades Sociais. In: MARTINS, Paulo Henrique; MEDEIROS, Rogério (orgs.). *América Latina e Brasil em Perspectiva*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.
- TAUK SANTOS, Maria Salett (Org.). *Inclusão Digital, Inclusão Social?: usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares*. Recife: Ed. do Autor, 2009.
- THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.
- TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A.; DUARTE, J. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Atlas, 2005.
- Tribuna do Norte. *Jovens à espera de oportunidades*. 17 de Julho de 2011. Disponível em: http://tribunadonorte.com.br/print.php?not_id=189139 Acesso em 10 de agosto de 2011.
- WOLTON, D. *Internet e Depois?* Porto Alegre: Sulina, 2003.

apêndice

APÊNDICE

TÓPICO-GUIA PARA AS ENTREVISTAS EPISÓDICAS

1. Momento Inicial

- *. Explicação dos Objetivos da Pesquisa
- *. Explicação da lógica da Entrevista [VOU FAZER AS PERGUNTAS E SEMPRE PEDIR PARA RELACIONAR AO COTIDIANO DO ENTREVISTADO COM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS, EXEMPLOS – ISSO TEM QUE SER EXPLICADO NO MOMENTO INICIAL]

2. Concepção e Biografia [GRAVADOR LIGADO]

- *. [CONCEITO-CHAVE] O que vem à sua mente quando falamos em internet? O que é a internet para você?
- *. [BIOGRAFIA] Você consegue lembrar a primeira vez que teve contato com a internet? Conte como foi.
 - **1. E quanto aos outros meios de comunicação (televisão, rádio, etc)?
- *. [BIOGRAFIA] Você lembra algum momento da sua vida em que a internet foi muito importante? Conte como foi.
 - **1. [Desdobramento – CASO A EXPERIÊNCIA SEJA POSITIVA, ABORDAR ASPECTO NEGATIVO E VICE-VERSA]: Você lembra algum momento em que a internet trouxe problemas para sua vida? Conte como foi. // Você lembra algum momento em que a internet resolveu um problema na sua vida?
- *. E a Posse de *Hip Hop*? O que é a Posse para você?
- *. Fale sobre a Posse de *Hip Hop* no seu dia a dia. Como é o seu envolvimento com o grupo?

3. Vida Cotidiana e Cotidiano Midiático

- *. Conte-me como é um dia normal da sua vida e como a internet e os meios de comunicação fazem parte desse dia? (Se for preciso, lembrar do rádio, da TV, de jornais e revistas, filmes, músicas)
- *. Você considera que a internet mudou alguma coisa do seu cotidiano? Se sim, cite exemplos.*. A internet influencia de alguma maneira seu trabalho/participação na Posse de *Hip Hop*? Conte algumas situações específicas.
- *. Você sente falta da internet em alguma situação? Conte-me exemplos.
- *. Você gostaria de ter mais acesso à internet? Por que?
- *. Em que situações do seu cotidiano, você gostaria de ter acesso à internet? Por que?

4. Enfoque Central da Pesquisa [NÃO NECESSARIAMENTE SEGUIREMOS ESTA ORDEM DE PERGUNTAS, ALGUMAS DELAS PODEM SER DESCARTADAS DE ACORDO COM CADA ENTREVISTADO. OUTRAS QUESTÕES PODEM SURTIR.]

- *. Na sua vida, que espaço tem a internet atualmente? Você pode exemplificar com alguma situação específica?
- *. No seu dia a dia, qual o uso você faz da internet? Para que te serve a internet? Você pode me contar situações da sua vida na internet?
- *. Como é o seu acesso à internet (local de acesso, tipo de conexão, frequência de uso)? Conte como você, normalmente, acessa à internet.

- *. Quais são os serviços/sites você mais acessa na internet? Você pode me contar alguma situação específica sobre esses serviços/sites?
- *. Quais são os serviços você mais gosta de acessar na internet? Conte como você faz para acessar esses serviços.
- *. Você consegue perceber alguma mudança na sua vida desde que começou a usar a internet? Conte-me alguns exemplos.
- *. Você pode comparar o seu uso da internet com o uso que você faz da televisão ou do rádio ou de outros meios de comunicação? Conte me uma situação que marque a diferença (ou não).
- *. Você costuma produzir informação para a internet (redes sociais, blogs, youtube)? Por que razão faz isso? Conte me uma situação de quando produziu algo para a internet.
- *. Você costuma interagir com pessoas/grupos/movimentos com os quais não poderia sem a internet? Conte me como é isso na sua vida.
- *. Qual foi o seu primeiro contato com a cultura *Hip Hop*? Conte me o episódio.
- *. Atualmente, como você entra em contato com a cultura *Hip Hop*? Onde você busca inspiração para o seu trabalho?
- *. Os meios de comunicação contribuem para o seu contato com a cultura *Hip Hop*?
- *. Como você usa a internet no seu trabalho na Posse de *Hip Hop*? Conte me algumas situações.
- *. Você acha que o fato de acessar à internet traz alguma mudança para seu trabalho no grupo? Cite me um exemplo de como isso acontece.
- *. Você acha que a internet traz alguma mudança para o grupo em si? Como você percebe isso no cotidiano do grupo?
- *. Agora, ao contrário. Você acha que sua participação na Posse muda a forma como você usa a internet? O que você acha que muda? E em relação a outros meios de comunicação (televisão, rádio, revista)? Conte me uma situação específica.
- *. Você acredita que o fato de morar no Guarapes tem alguma interferência no modo como você usa a internet?

5. Tópicos gerais mais relevantes

- *. O que você mais gosta na internet? Por quê?
- *. O que você não gosta da internet? Por quê?
- *. Você está satisfeito com o modo que está seu acesso à internet?
- *. Como você acredita deveria ser o acesso à internet? Quem você acredita que deveria ser responsável pelo acesso à internet?
- *. Como você acredita que a internet se desenvolverá? Como você se imagina usando a internet no futuro?

6. Conversa Informal [GRAVADOR DESLIGADO]

- *. Você quer falar sobre alguma coisa que não apareceu na entrevista?
- *. Você ficou incomodado/chateado com alguma coisa durante a entrevista?

7. Documentação

- *. Assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido
- *. Data da Entrevista
- *. Local da Entrevista
- *. Duração da Entrevista

- *. Identificação do entrevistado
 - *. Gênero do Entrevistado
 - *. Idade do entrevistado
 - *. Profissão/Ocupação do Entrevistado
 - *. Tempo que está nesta ocupação
 - *. Onde nasceu/viveu
 - *. Escolaridade
 - *. Renda
 - *. Família (pais, casamento, filhos)
 - *. Moradia
-
- *. Peculiaridades da entrevista